República

Fundado por ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA — Director RAUL RÊGO

PROPRIEDADE DE EDITORIAL REPÚBLICA
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: RUA DA MISERICÓRDIA, 116 - LISBOA 2
TELEFONES: 32 66 32 - 32 51 36 - 32 53 94

ANO 62 (2.ª SÉRIE)
N.º 15 424
SEGUNDA-FEIRA
29 DE ABRIL
1974
Preço 2$50

2.ª EDIÇÃO

A POSIÇÃO DO PARTIDO SOCIALISTA

Após o movimento de 25 de Abril, foi esta manhã distribuído aos órgãos de Informação o primeiro comunicado do Partido Socialista Português. Eis o referido comunicado:

«1 — O Partido Socialista, na primeira reunião do seu Conselho Directivo após o derrubamento do regime fascista que oprimia o povo português, realizada em Lisboa, em 27 e 28 de Abril, analisou a actual conjuntura política.

Essa reunião decorreu com a participação de membros do interior, a que se juntaram os do exterior hoje regressados do exílio.

O Partido Socialista é a associação política dos portugueses que procuram na de-

(Continua na 16.ª pág.)

O P. C. E O MOVIMENTO DE 25 DE ABRIL

(LER NA PÁGINA CENTRAL)

1.º DE MAIO SERÁ FERIADO NACIONAL E «DIA DO TRABALHADOR»

Um decreto-lei da Junta de Salvação Nacional, datado de 27, institui como feriado nacional obrigatório o dia 1 de Maio.

Aquele diploma, assinado pelo general António de Spínola, é do seguinte teor:

«Tendo a Junta de Salvação Nacional assumido os poderes legislativos que competem ao Governo, decreta, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º — É instituído como feriado nacional obrigatório, o dia um de Maio, considerado o «Dia do Trabalhador».

Artigo 2.º — Este diploma entra imediatamente em vigor».

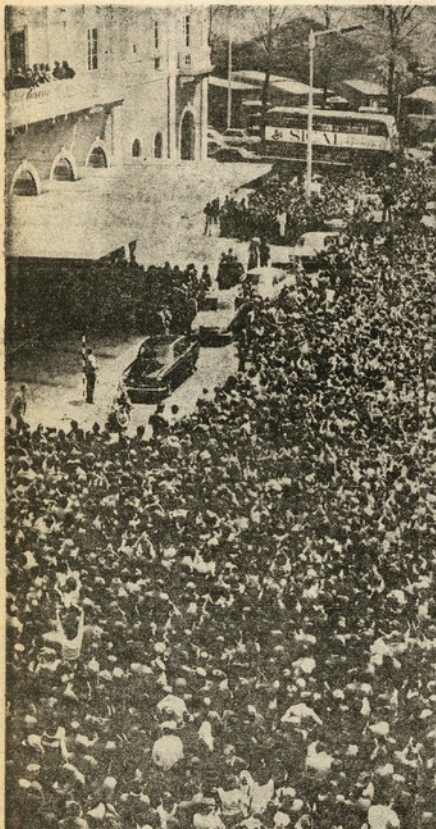
«É PRECISO QUE A RIQUEZA SEJA DE QUEM REALMENTE TRABALHA E NÃO DE PARASITAS E BANQUEIROS»

—declarou Mário Soares perante milhares de pessoas

«As Forças Armadas restituíram a voz e a alegria ao povo português», declarou ontem Mário Soares, perante a multidão que o aguardava na gare de Santa Apolónia e que tão vibrantemente o aplaudiu. O «leader» socialista regressou de Paris, onde estava exilado há quatro anos, na companhia dos seus companheiros Ramos da Costa e Tito Morais, também membros do Conselho Directivo do exterior do P. S.

PÃO, PAZ LIBERDADE

O Partido Socialista convocara uma manifestação de

(Cont. na pág central)

Foi assim, com esta multidão impressionante a aguardá-los, que os dirigentes do Partido Socialista regressaram do seu exílio. Entre eles vinha Mário Soares, perseverante desmistificador do regime deposto e como tal vítima designada para os maiores atropelos, que se sucederam nos últimos anos numa cadência regular. Longos minutos decorreriam ainda antes de o cortejo triunfal o levar à Cova da Moura, para um primeiro encontro com o general Spínola.

32 PÁGINAS

neste número: suplemento «PRESENÇA DA MULHER»

O DOMINGO DOS CRAVOS VERMELHOS...

Ontem foi o domingo dos cravos ermelhos. De onde terão saído tantos, não se sabe. A verdade é que nos bolsos das fardas de grande número de soldados, metidos nos canos das suas armas, na mão ou na lapela de centenas de cidadãos que passearam o seu regozijo pelas ruas de Lisboa, os cravos foram uma das notas dominantes de um domingo calmo embora muito alegre.

A meio da tarde, o trânsito «engarrafou» na Avenida da Liberdade, sinal de que algo se passava na «Baixa». À porta da estação do Rossio, um pelotão da G. N. R. encontrava-se estacionado. Um pouco mais adiante, camiões de soldados recém-chegados abandonavam as viaturas e dirigiam-se calmamente para a Rua das Portas de Santo Antão.

Um automobilista «engarrafado» diante da estação do Rossio sai do carro, dirige-se ao sargento da G. N. R. e pergunta «o que se passa». O sargento sorri, amável, encolhe os ombros, indiferente e compreensivo e responde «não é nada, apenas uma manifestação popular». O automobilista ao ouvir daquela boca semelhantes palavras ditas em tom tão compreensivo pareceu ter sofrido um choque. Por pouco não dava um beliscão em si próprio para ter a certeza de no estar a sonhar...

MANIFESTAÇÕES NA «BAIXA»

A meio da tarde, milhares de pessoas concentraram-se no Rossio.

O vizinho Palácio da Independência, que era a sede da extinta Mocidade Portuguesa, foi ocupado. Das varandas, alguns oradores falaram a milhares de pessoas que se concentraram nas imediações.

Perto das cinco horas, uma coluna militar chegou ao Rossio e entrou no palácio, pedindo aos ocupantes que o abandonassem. Estes fizeram-no na maior ordem, ficando soldados a ocupar as instações. Entretanto, das varandas, ficaram pendurados cartazes da CDE.

Um outro grupo de jovens manifestantes percorreram numerosas ruas da zona baixa da cidade, exibindo cartazes onde se lia «Liberdade sindical,» «Pão, Paz, Liberdade». Em certas alturas, aliaram-se à manifestação numerosos automobilistas que faziam ouvir as suas buzinas.

Por outro lado, continuaram a capturar-se alguns «pides», nomeadamente na zona da «Baixa».

Enfim, nenhum acontecimento desagradável parece ter quebrado a (embora agitada) tranquilidade do domingo alfacinha, cheio de cravos vermelhos.

DOIS JORNAIS AÇORIANOS PASSARAM A SER DIRIGIDOS POR UM GRUPO DE DEMOCRATAS

A população de Angra do Heroísmo, (Açores) veio para a rua vitoriar o fim do regime fascista. Milhares de pessoas, segundo informação obtida pelo telefone, distinguindo-se à frente, pela sua alegria, o conhecido democrata padre Avelino, exigiram às Forças Armadas o cerco do edifício da PIDE-DGS e a prisão dos seus elementos.

Foi formado imediatamente um Grupo de Democratas que dirigiu a tomada e organização dos meios de informação.

O Rádio Clube de Angra passou a ir para o ar pela voz de Ivone Chinita que desmascarou o conhecido fascista açoreano Milton Moniz que, entretanto, ensaiara uma volta-face e sobrevivência.

Os dois jornais locais, um órgão da defunta ANP local, outro, dominado pela pequena facção do clero ultra reaccionário passaram, sem maiores problemas, para a direcção do referido Grupo de Democratas.

A população açoriana começa assim a tomar consciência e a tomar em mãos o seu futuro.

TELEGRAMA DE TRABALHADORES DA LISNAVE À J. S. N.

Cerca de 250 empregados da Lisnave dirigiu à Junta de Salvação Nacional, na pessoa do general Spínola, o seguinte telegrama:

«Os signatários trabalhadores da Lisnave cumprimentam na pessoa do general Spínola a Junta que libertou de tão longo e pesado jugo o povo português e afirmam a sua fé num Portugal digno e democrático, confiando no cumprimento da proclamação da Junta e na existência de livres associações políticas e sindicais dispondo-se a colaborar activamente na construção de uma nova era ao serviço de todos os portugueses viva Portugal».

TRISTE RECORDAÇÃO

Cerca das 13 e 15 de sábado, populares localizaram e identificaram três automóveis pertencentes a ex-agentes da Pide-DGS, um dos quais, um carro de luxo tipo «sport», um «Porsche». Os carros foram revistados tendo sido encontrados no seu interior bárbaros instrumentos de tortura, um dos quais uma matraca negra ligada por uma corrente a uma esfera de ferro com bicos.

Um popular Joaquim de Oliveira Varandas, transportando aquele «troféu» foi levado aos ompros pela multidão, que gritando «Vitória», «Liberdade» e «Democracia» percorreu as ruas do Chiado e subiu a rua da Misericórdia, tendo, defronte do nosso jornal, dado novos vivas à «Liberdade» e à «Vitória popular». Oliveira Varandas fez questão em entregar o instrumento de tortura que transportava ao jornal «República», o que aconteceu efectivamente.

TRIUNFO DA JUVENTUDE

O grande significado da tomada de posição das Forças Armadas no Movimento de salvação nacional é a presença, aos milhares, dos jovens oficiais e de outros das fileiras que transformaram o acontecimento numa autêntica parada da juventude.

Foram esses jovens que desfilaram em todos os pontos do país e foi com eles que me encontrei há poucas horas transcendente libertação dos presos políticos da cadeia de Caxias. Sem dúvida que militares de todas as idades acorreram ao chamamento do dever para com a Nação espoliada. Mas o que eu vi foram os rapazes da idade dos meus filhos e, por todas as razões, e até por esta é que me picou o peito a maior das comoções. Na verdade nem todos os fascismos juntos conseguiram preverter a pureza jovem das consciências. Simplesmente os fascismos não tinham razão e tanto bastou para que o País inteiro sentisse à sua volta a ambiência juvenil dos que jamais descreram da autenticidade e da honradez das gerações que subiram para a vida, perseguidas e física e espiritualmente seviciadas.

Quando se diz que esse movimento é o MOVIMENTO DOS CAPITAES quer-se significar que foi um levantamento da parte mais pura e mais sensível de Portugal.

A história ensina-nos que sem a mocidade tudo se frusta e com ela tudo é possível.

Os capitães, como símbolos, representam a extensa camada dos homens do futuro, embora já sejam os homens de hoje.

Ninguém como eles foi mais martirizado, e ninguém como eles, estudantes ou trabalhadores de todos os quadrantes, sofreu mais na sua carne e na sua inteligência os atropelos, os desmandos e os crimes da excepção. Policiados, brutalizados e ofendidos, marginados na mais absurda das segregações. Pois bem, a Nação terá em grande parte de ficar surpreendida com o aparecimento varonil dos rapazes dos dezoito a quarenta anos, politizados e dedicidos a escrever páginas definitivas no hostorial das amarguras e das ansiedades recalcadas. Certamente que nas catacumbas impostas uma geração aguardou a sua hora vitoriosa.

Esta lição não se pode perder e basta ela para que afastemos de nós o pessimismo ou as descrenças cépticas. Quando uma causa tem este capital moral e intelectual os dividendos serão fatalmente a segurança não só desta hora como das que se vão seguir.

Um PORTUGAL novo prepara-se para fazer de todos nós uma entidade válida e permitir que regressemos às fontes da cidadania e fazer nossas as problemáticas de uma comunidade e homens livres, livres no triunfo das franquias populares, livres na construção de uma sociedade sem guerras, atirada para a frente na defrontação do quotidiano social e económico, ou seja a modernidade de uma existência sem o espectro das tiranias.

VASCO DA GAMA FERNANDES

DEMOCRATAS DE ROMA MANDAM SAUDAÇÃO

Assinado por dez democratas (Mário e Lídia Ruivo, Henrique e Madalena Ruivo, Maria Emília Tito de Morais, Saudade Cortesão Mendes, Emydio e Emília Cadina, Maria Carrilho e Luísa Carrilho), foi recebido na nossa Redacção, proveniente de Roma, o seguinte telegrama:

«De Roma saudamos acção corajosa e patriótica do Movimento Forças Armadas terminando ditadura fascista regime opressão nacional e colonial assim traduzindo vontade popular e culminando importante fase longa luta povo e movimentos democráticos stop apoiamos objectivos gerais Junta Salvação Nacional estabelecendo liberdades fundamentais e fim guerra colonial stop congratulamo-nos libertação presos políticos regresso de exilados e rápida instauração regime democrático baseado eleições livres Assembleia Constituinte stop reconstrução nacional exige imediata dissolução aparelho e leis fascistas e participação activa povo português garamntida através direito de associação política e sindical liberdade de pensamento e expressão e reconhecimento direito autodeterminação e independência das colónias com base futura cooperação fraterna todos povos stop solidarizamo-nos vasta unidade e acção forças democráticas stop.

Viva Portugal Livre.»

A TOPONÍMIA DAS CIDADES

Na Cova da Piedade, a rua dr. Oliveira Salazar ficou sem a placa. Em seu lugar a população escreveu: Rua da Liberdade.

MOMENTO

ENCONTRO

Todo o encontro é uma comunicação. Por vezes adversa, mas comunicação; e, para sabermos se concordamos ou discordamos, indispensável é o encontro entre os homens ou as ideias. É falando que as gentes se entendem; e, na medida em que se limita a expressão, isolamos os homens, tornamo-los estranhos por se não poderem conhecer nem saber com o que concordam ou em que pontos discordam. A distância que por vezes separa os homens é mais do silêncio, da falta de encontro, do que das ideias de cada um. Quantas vezes as opiniões convergem, os interesses se identificam, mas o silêncio cria fantasmas e a perseguição os atiça, fazendo estrangeiros muitos concidadãos. Num discurso de Aleluia e ódio aqui comentado há poucos dias falava o ministro do Interior do regime penitenciário nos estrangeiros de dentro e nos estrangeiros de fora. Comentámos essas palavras como nos foi possível, dentro do colete de forças que fazia esses mesmos estrangeiros, até dos que nasceram para se entender.

Chegou ontem a Lisboa um «estrangeiro», com doze ou treze prisões, desterro e exílio, e a verticalidade que herdou de seu pai, também feito estrangeiro na mesma terra, preso e exilado durante metade da sua vida, que não foi breve. Estrangeiro foi-o o prof. João Soares, depois de ter contribuído para a proclamação da República, de ter sido deputado, governador civil, ministro, e de ter contribuído para a educação de muitas gerações de portugueses. Forçado a extraditar-se, ou para além-fronteira ou no silêncio, pode ele servir de exemplo vivo para julgamento e condenação do regime que teve por base uma cortina de ferro entre os portugueses. Pode até dizer-se terc›› os fautores do regime vivido de destruir; e não sabemos ainda até onde foi a sua obra de autêntica dissecação do corpo português, só o não tendo levado à sepultura devido à reacção das Forças Armadas de quinta-feira última.

O «estrangeiro» Mário Soares chegou ontem a Lisboa e teve de milhares de cidadãos, a maior parte dos quais só de nome e de actos o conhece, uma recepção triunfal, espontânea, como nunca teve nenhum dos génios que se sucederam no poder de há quase meio século a esta parte, ainda pagando as presenças a tanto por cabeça. O calor das presenças, dos abraços e das aclamações mostra que o sentem um dos seus, verdadeiro concidadão, quantos estiveram em Santa Apolónia, pela Avenida 24 de Julho fora, na Cova da Moura, no Campo Grande, onde habitualmente um esbirro lhe espiava os passos por mando dos fomentadores de divisão; sentem-no mais português do que a quantos lhe restringiram o uso da palavra e dos movimentos e lhe trancaram, com um mandato de captura, a terra da pátria. Já nela lhe tinham aperreado o pai. Os semeadores de ódio!

O português Mário Soares, socialista, convivente e livre, cidadão do mundo naquela mentalidade que tanto mais se enriquece a casa onde moramos quanto mais universal a tornamos, e tanto mais se aprecia a língua em que nos exprimimos quanto mais a confrontamos com outras, e mais vamos depurando as nossas ideias à medida que as reflectimos, estava mais em contacto com os portugueses do que os perseguidores; e contribuía mais para fazer estimar o seu país das gentes da Europa, da América e África do que os nossos carcereiros. Quantos estavam submetidos ao silêncio e à ausência o sentiam. Como sentiram Afonso Costa e Humberto Delgado, como sentem João Sarmento Pimentel, Rui Luís Gomes, Fernando Piteira Santos, Manuel Alegre, Álvaro Cunhal, outros mais. E no comboio que o trouxe chegaram, roídos de saudade e jubilosos por entrarem no ambiente onde nasceram, Manuel Tito de Morais e Ramos da Costa, tão «estrangeiro» como Mário Soares e mais portugueses do que os varridos do poder em 25 de Abril, fabricantes de estrangeiros entre os nacionais.

Encontro do homem com a terra onde nasceu, reentrada na familiaridade dos amigos, como se se tivesse ausentado na véspera e regressasse após uma noite mal dormida, deixando para trás os pesadelos e sacudindo vermes que se lhe apeguem às solas dos sapatos. Voltou ele, como muitos mais hão-de voltar, destruído o arame farpado e varridos os miasmas de malinas sem conta que nos afligem e aclarados os horizontes.

De Santa Apolónia à Cova da Moura, o exilado sentiu o calor de muitos e nem um só grito de ódio se ouviu. O encontro de Mário Soares com o general Spínola foi mais do que cordial, foi amigo. Nunca se tinham visto, mas ambos se sentem portugueses e dispostos a aferir opiniões e doutrinas, como o devem estar quantos pensem mais na comunidade do que em si mesmos; e no abraço de Mário Soares ao general Spínola não ia qualquer abdicação, apenas o reconhecimento de um cidadão a outro por se ter posto fim às servidões que oneravam toda a nossa vida e nos tornavam uns estranhos aos outros. A pátria é de todos; e se não for comum não é pátria, é madrasta. O encontro no gabinete do presidente da Junta de Salvação Nacional foi cordial. Pode bem resumir-se nas palavras do general Spínola de se procurar fazer «um Portugal que seja de todos e não apenas de alguns». Para isso todos não somos de mais e temos de nos encontrar uns com os outros, sem nos tratarmos de estrangeiros nem como estranhos viver. A pátria não é só a terra, é sobretudo, o encontro do espíritos, das vontades, comunicando, conhecendo-se e tendo confiança uns nos outros, quaisquer que sejam as mentalidades e formas de encarar a vida.

CONSTRUIR UM PAÍS DE HOMENS

Por JOÃO GOMES

Atordoados ainda pelo banho de liberdade em que fomos submersos, surpreendidos e galvanizados pelo serrar das correntes que há decénios nos escravizavam, só lentamente emergimos do sonho inacreditável de sermos cidadãos, com dificuldade despertarmos para a possibilidade de podermos ser construtores de um país novo.

Mas que país? Construtores em que sentido e com que fim? Sem propósito conselheiral (é dos males que temo mais nos possa afectar) interrogo-me se não corremos o risco de passar ao lado do grande objectivo que é construir um Portugal que seja país-de-povo, país-de-homens.

A liberdade de associação, o despontar dos embriões de partidos previstos no Programa do Movimento das Forças Armadas vai equivaler ao aparecimento de um leque de organizações políticas inspiradas nas mais diversas ideologias e dará margem a múltiplos programas, todos se considerando defensores do interesse e do serviço do povo. Mas que lugar ocupará aí, em espírito, em verdade e nos factos, a vida do povo? Que lugar e que influência vão ter esses programas na transformação efectiva da vida e do futuro dos homens dos campos e das cidades? Até que ponto é que esses programas, a força e a movimentação que vão desencadear, contribuirão para dar forma a um esforço convergente, em ambiente de austeridade, de eficácia, de consciência esclarecida, num sentido exacto das realidades, na percepção rigorosa das exigências de construir com um povo cansado de esperar, falho, numa enorme percentagem, de bens essenciais?

Porque no centro das preocupações e da actividade de todos os Portugueses, no princípio e no fim da participação colectiva, não pode deixar de estar a satisfação quanto possível urgente das necessidades fundamentais da pessoa. Os nomes próprios e mais curtos são casa, alimentação, escola, previdência (política de saúde e segurança social), cultura.

Não se vê como tal seja possível sem a existência de um programa governamental que trace linhas de fundo e de prioridade, que dê sentido convergente, coordene e polarize esforços tendentes à construção do País-de-homens, da autêntica comunidade humana que queremos seja Portugal.

QUE O POVO POSSA EXPRIMIR A REALIDADE DA SUA VIDA

A construção de uma comunidade — e particularmente no estado de atraso em que se encontra Portugal — supõe sacrifícios, trabalho, renúncias. Creio que a grande maioria dos homens conscientes do País não regateará nenhum desses preços se aparecer evidente, por palavras e por factos, que se trata de caminho comum, de exigência geral em proveito do colectivo. Querer-se-á, porém, percorrer esta via?

Para tanto afigura-se-me condição essencial que o povo possa exprimir (e ele é muito mais capaz de o fazer do que alguns imaginam) a realidade da sua vida, do seu sentir e do seu querer, dos seus anseios mais profundos. E isto parece-me tão necessário para os mais importantes responsáveis pela governação pública como para os dirigentes das «associações políticas». Porém, o mínimo que se pode dizer é que nem sempre a visão, o sentir e o querer dos «estados maiores» políticos se ajustam à visão, ao sentir e ao querer do povo. A solução estará em dar voz ao povo, em deixar organizá-lo livremente e das formas mais diversas. Caminhar no seu sentido, banhar-se nas águas das suas realidades, descer para nivelar a expressão autêntica do sentir e da verdade popular e não forjar uma pseudo e artificial subida do povo aos seus «mentores».

Nesta linha condutora assegurar-se-á porventura o mais importante e salutar instrumento de defesa popular que é a crítica esclarecida, a autonomia de pensamento livre dos espartilhos e de formas de embriaguez decorrentes, muitas vezes, das ideologias e da perspectiva de «cimeiras» políticas.

«... a Nação — consubstanciada na massa anónima do povo que a conforma — é o verdadeiro suporte moral das Forças Armadas, incutindo-lhes como tal um carácter de absoluta integração nos valores porque a própria Nação se define» — afirmou o general António de Spínola no acto da sua posse como vice-chefe do Estado Maior das Forças Armadas. Agora que um Movimento saído da porção mais lúcida e mais corajosa dessas mesmas Forças Armadas restituiu o País à via da liberdade e do encontro consigo próprio, na construção de um futuro digno e justo, é absolutamente necessário que não haja desvios relativamente ao rumo fulcral que é a vida do povo. Só quando essa vida revestir condições humanas materialmente aceitáveis se pode dizer que a Nação vive em plenitude no respeito de si própria e de todos os povos.

PONTO CRÍTICO

A DEFESA DA LIBERDADE

Depois de amanhã, celebra-se o 1.º de Maio, Dia do Trabalho. Durante a longa noite que o fascismo nos obrigou a atravessar, o 1.º de Maio era um dia de repressão brutal em que os trabalhadores portugueses estavam impedidos de comemorar a sua festa. O 1.º de Maio de 1974 ficará, pois, na história deste país como a autêntica alvorada da nossa libertação. Mas os agitadores não deixarão de fazer o possível para estragar a festa, pelo que o povo deve manter-se particularmente vigilante nesse dia de modo a evitar a todo o custo os efeitos das prováveis provocações. Atenção, portanto, povo de Portugal! Vós sois os responsáveis pela salvaguarda da democracia, e a maturidade demonstrada nesta jornada histórica tem de continuar. A todos nós pertence a defesa da Liberdade conquistada.

ÁLVARO GUERRA

de vez em quando

Com a emoção, com o contentamento, é natural que cada um de nós, que todos nós, nos esqueçamos de coisas elementares. Uma por exemplo: cada benefício conquistado tem de ser preservado. Pois agora, uma vez reconquistada a liberdade temos obrigação estrita de velar pela sua manutenção, mais do que isso, pela sua integral pureza. Não confundamos democracia com anarquia, porque esta, no momento presente, só servirá os interesses de quantos foram sempre inimigos do diálogo franco, da verdadeira fraternidade. O lobo não deixa de mirar, guloso, o cordeiro inocente, mesmo quando este é guardado de perto pelo pastor atento. E o lobo, na vida como nas fábulas, veste os mais inverosímeis disfarces, usa os mais ardilosos estratagemas para meter o dente aguçado na presa confiante. Clima de eufória — certo. Mas atenção aos provocadores, aos que podem querer explorar a alegria sã maculando-a com incidentes indesejáveis. Temos que ser firmes, saber destrinçar entre o trigo e o joio. A tarefa não será fácil, tanto mais que grande parte do joio se mascarou já de trigo e pode acontecer até, que apregoe com mais veemência qualidades e virtudes que nunca possuiu. Só num clima de tranquilidade, o ceifeiro (esse bom povo que passou uma vida, para não falar dos séculos anteriores à ditadura próxima, dobrado sob o sol ardente a colher o trigo que nem sempre comia) terá condições para fazer a destrinça. A destrinça que todos desejamos, o definir de posições que se impõe.

V. D.

Os empregados dos TLP têm de descontar o dia 25

Os empregados dos T. L. P. foram ontem informados pela administração daquela empresa de que as faltas dadas no dia 25 de Abril, motivadas pela obediência aos comunicados divulgados pela rádio, em que se pedia à população para se manter em casa, seriam descontadas no fim do mês.

A administração dos T. L. P. exigiu que os seus funcionários justificassem, por escrito, os motivos porque faltaram. Informaram ainda que se as justificações não satisfizessem as faltas seriam consideradas injustificadas, o que poderá acarretar processo disciplinar.

Em qualquer caso, as faltas registadas no dia 25 de Abril serão sempre descontadas no fim do mês.

Os funcionários da empresa pensam que esta atitude foi tomada por delegados nomeados pelo antigo governo, que ainda permanecem no Conselho de Administração dos T. L. P.

REUNIÕES DE TRABALHADORES

PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DE LISBOA — Os trabalhadores deste sector que ocuparam as instalações deste sindicato e constituíram uma Comissão Directiva Provisória, expusando a anterior direcção de compromisso fascista, convocam todos os seus colegas para uma reunião geral de sócios a realizar hoje, às 21 e 30, na sua sede, com vista a traçarem-se as linhas de actuação a desenvolver, em face da nova situação nacional.

Também recebemos um comunicado da direcção a dizer que não era fascista.

PROFISSIONAIS DE SERVIÇO SOCIAL — Reunião geral aberta a todos os trabalhadores sociais, amanhã, às 21 e 30, na sede do sindicato.

ODONTOLOGISTAS — Reunião geral de profissionais, amanhã, às 18 horas, no Hotel Altis.

METALÚRGICOS DE SETÚBAL — Reunião geral, amanhã, às 18 horas, na sede do Barreiro.

AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA — Reunião geral de profissionais, hoje, às 21 e 30, na Rua do Alecrim, 46, 1.º.

MOTORISTAS DE LISBOA — Foi expulsa a direcção anterior, o presidente Sotero era, pelo menos, «informador» da PIDE, e constituída uma Comissão Directiva Provisória.

FEDERAÇÃO DO SUL DOS SINDICATOS DOS CAIXEIROS — Reunida a respectiva direcção, em Santarém, exige a extinção do Ministério das Corporações e a demissão dos funcionários fascistas, especialmente os que ocupam lugares de chefia. Ratificou os 14 pontos aprovados pelos Sindicatos de Lisboa e envidará todos os esforços para a constituição da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP).

ENFERMEIROS — Marcada reunião geral de enfermeiros, para as 17 horas de hoje, na sede do respectivo Sindicato (Praça Marquês de Pombal, 6).

PROFISSIONAIS DE ARMAZÉM DE LISBOA — Os trabalhadores tomaram conta do Sindicato, destituindo a comissão administrativa. Haverá uma breve reunião geral de sócios.

EMPREGADOS DE ADMINISTRAÇÃO E REVISORES DA IMPRENSA — A direcção do sindicato fará uma reunião na sede, no dia 2 de Maio, com os sócios.

DESPEDIDO PELA «MOVAUTO» POR ESCREVER «LIBERDADE»

O Movimento Democrático de Setúbal informa que por ter escrito um cartaz demonstrando espontânea alegria, um trabalhador operário da MOVAUTO foi despedido pelo director, e pelo chefe de produção, continuando assim a onda de repressão e abuso da autoridade dos dirigentes das empresas monopolistas.

No referido cartaz podia ler-se as frases: «Viva Portugal» e «Queremos Liberdade».

VIGILANTES DETIDOS

De fonte digna de crédito soubemos que foram esta manhã presos por elementos do Exército os contínuos da Faculdade de Letras, Ferreira e Carvalho que há muitos anos colaboravam com a PIDE-DGS na perseguição aos estudantes.

Pelo mesmo motivo foram detidos o contínuo Félix e o empregado da secretaria Miranda da Faculdade de Direito.

TVER E CONTAR

A LIBERTAÇÃO DE «TV SETE»

Há poucos dias ainda, o «No Tempo em que Você Nasceu» de ontem teria sido matéria de atenção para a crítica. Por diversas razões, entre as quais se conta, naturalmente, o problema da canção «descomprometida» numa sociedade fascista. Ontem, porém, surgiu inevitavelmente como uma rubrica menor. Tudo o que ali se disse, se fez, se viu, teve o sabor da futilidade vagamente inoportuna. Porque ontem, como nos dias imediatamente anteriores, aconteceram na televisão portuguesa coisas espantosas. Coisas que transferem o crítico da sua função habitual para a de registador de alegrias.

Já no Sábado, entre várias outras coisas importantes, houvera a reportagem da libertação dos presos de Caxias. Reportagem do mais lindo acontecimento entre todas as belas coisas que vêm a suceder desde o dia 25. A libertação de Caxias foi o sonho que já era quase desespero e se tornou verdade mesmo. Foi a poesia e a epopeia amassadas em alegria nos cravos vermelhos, nas canções, nas palavras de esperança entoadas em coro, nos milhares de pessoas que ali estavam mergulhadas na noite e na febre de irem viver o momento longamente sonhado. A libertação de Caxias foi uma noite de amor; pelos amigos, pelo País, pelo futuro, pela vida que acaba por pagar dívidas antigas à coragem. A reportagem do Telejornal não deu, é certo, toda essa múltipla realidade empolgante. Arrasante para quem lá esteve. Mas deu o essencial, e o que se viu é inesquecível.

E ontem, foi «TV Sete». Um «TV Sete» libertado, arrancado à mediocridade sinistra e mentirosa de que já quase se constituíra símbolo. Um «TV Sete» com as mãos já trémulas mas as palavras ainda luminosas de Maria Lamas. Com a lucidez e o rigor de Urbano Tavares Rodrigues. Com a força de Baptista-Bastos. Com um poucochinho do longo depoimento que podia ser o de Wengorovius. Com os significativos dados económicos trazidos por Carlos Carvalhas. Com o testemunho de Blasco Hugo Fernandes. Como a comoção (mas também com a atenção ao essencial) de Aarons de Carvalho. Com a palavra livre de dois livres dirigentes sindicais. Com a invulgar autoridade de Villaverde Cabral na análise política que, antes, era arremedada por Artur Anselmo. Um «TV Sete», enfim, que foi mais um sinal concreto de libertação.

E é inevitável registar aqui a exemplar capacidade que Luís Filipe Costa evidenciou neste «TV Sete» desfascizado. Já se sabia que Filipe Costa era diferente e melhor em relação à generalidade dos entrevistadores de TV. Mas fazer o que ele fez com «TV Sete», usando sempre a palavra certa, imprimindo à rubrica um ritmo e um desenvoltura notáveis atingindo um equilíbrio perfeito entre a emoção e o tom coloquial, não é nada fácil de conseguir. Ao seu lado, Maria Margarida foi de um acerto surpreendente. E é bem caso para nos admirarmos de todo este excelente trabalho, sabendo-se que ele continua a ser feito em estúdios por onde ainda circulam, no explendor da sua autoridade disciplinar, os zelosos promotores da TV cretinizante e falsificadora que terminou há quatro dias. Sabendo-se que o medo ao superior hierárquico é uma das regras de ouro da burocracia tradicional, aliás justificada por uma interminável história de prepotências.

CORREIA DA FONSECA

CENTENA E MEIA DE ACTORES TEATRAIS EM FACE DO MOVIMENTO DÃO-LHE O SEU APOIO

Um grupo de pessoas ligadas ao teatro em Portugal, encabeçado por Costa Ferreira, Artur Ramos, Mário Jacques, Alexandre Babo, Armando Caldas, Fernanda Lapa, Rui Mendes, Oliveira Quartin, Morais e Castro, Rogério Paulo, Joaquim Benite e Carlos Porto o seguinte documento:

«Tendo tomado conhecimento do «Programa» da Junta de Salvação Nacional, os abaixo-assinados, apoiando os pontos referentes à abolição do exame prévio e da censura, esperam poder desde já exercer a sua actividade profissional e artística em condições de que estão privados desde 1926.

Os que de entre nós pertencem à geração sacrificada pelo regime cessante no período de vida de maior criatividade saudam as novas geração que começam a entrar na maturidade e fazem calorosos votos para que a liberdade agora conquistada não volte a perder-se.

Os abaixo-assinados esperam ainda ser ouvidos, em igualdade de circunstâncias com todos os camaradas das suas profissões, durante a elaboração da lei que definitivamente regulará a sua actividade. Ambições essas que, como é óbvio, só se poderão efectivar através duma liberdade sindical que desde já se reivindica.»

Este documento foi subscrito por mais 110 pessoas ligadas ao meio teatral português.

POSIÇÃO DOS CRÍTICOS DE TELEVISÃO

Um grupo de críticos de televisão divulgou a seguinte nota:

«Os críticos de televisão sentem-se no dever de manifestar a sua profunda inquietação pelo facto de verem mantidas na RTP situações de dominação hierárquica que permitem o exercício, por parte de elementos notoriamente afectos ao regime derrubado, de pressões destinadas a prejudicar a perfeita adequação da TV ao processo de libertação que está previsto nas declarações e no espírito do Movimento das Forças Armadas.

Não só eles, mas certamente alguns milhões de telespectadores, aguardam urgente saneamento.»

Assinam este documento, Alice Vieira, António Vinagre, Botelho da Silva, Correia da Fonseca, Francisco Mata, Manuel Batoreo, Marcos Ruy, Mário Castrim e Pedro Xavier Cid.

PROFISSIONAIS DE CINEMA

O Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema enviou à Junta de Salvação Nacional, na Cova da Moura, um telegrama de apoio com o seguinte teor:

«Sindicato Profissional Cinema saúda Movimento Forças Armadas pelo glorioso derrube fascismo apoiando programa político Junta Salvação Nacional stop Viva Portugal stop Pelos corpos gerentes.»

Assinam o documento: João Manuel Pinheiro, Manuel Ruas, Augusto Cordeiro de Brito, Victor Teodoro da Costa, Graciano Barreto Ventura.

NA ALEGRIA DESTAS HORAS

Na euforia destes momentos históricos, lógico é que se dê prioridade a todos os acontecimentos que de algum modo se relacionam com a queda da ditadura fascista e com o triunfo do Movimento das Forças Armadas. São de facto dias inesquecíveis aqueles que vivemos: o exército vitorioso e o povo de Portugal festejam lado-a-lado nas ruas de todo o País as horas magníficas da libertação nacional.

Na precipitação legítima destes dias foi publicado na secção «Voz Off» um comentário a dois filmes que se encontravam em exibição na capital francesa.

Escrito cerca de uma semana antes da vitória do Movimento das Forças Armadas esse comentário que ainda foi visado pela ex-Censura referia-se entre outras coisas a um documentário realizado no Chile durante a hedionda manobra militar de extrema-direita que derrubou o presidente Salvador Allende.

A ex-Censura apressou-se a cortar impiedosamente a expressão extrema-direita tirando ao comentário a intencionalidade que à partida a marcava, receando os paralelos que pudessem ser estabelecidos com a realidade portuguesa. Assim quando se fala de «golpe militar», embora seja perfeitamente clara a condenação da «grande noite fascista» (Debray) que caiu sobre o Chile alguns leitores podem ser induzidos em erro. E tal não pode de forma alguma acontecer. A queda da ditadura fascista foi para todos os que se encontram ligados à informação e às diversas áreas criativas como de resto para todo o povo português um acontecimento decisivo pela liberdade de movimentos que nos vem consentir.

Por isso se tenta aqui evitar qualquer equívoco. Os abusivos cortes da ex-Censura por falta de posterior verificação podiam neste momento gerá-lo unidos que estamos na grande alegria destas horas bom será que deixemos tudo bem claro.

JOSÉ JORGE LETRIA

CARTAZ DO DIA

CASA DA COMÉDIA

Rua S. Francisco Borja, n.º 24
Todas as noites às 22 h. Dom. 16 h. 2.ª Descanso
só até ao dia 30

DOROTEIA
de Nelson Rodrigues
Enc. Morais e Castro
Marc.: Telefone 67 72 99
Grupo D — M/ 18 Anos
Subsidiado pelo Fundo de Teatro

ALVALADE

METRO — ALVALADE
Telefone 71 74 80
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21 45
Grupo D . 18 anos
Color By de Luxe
FORA DE SERIE!
Dos homens de «Bullitt» e «The French Conneection4 nasce...

O ESQUADRÃO INDOMÁVEL
Com Roy Scheider — Tony Lo Bianco — Larry Haines

APOLO 70

Telefone 76 33 19
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA!
«UM DOS 10 MELHORES FILMES DO ANO!»
Technicolor — Grupo D.18 anos

«AMERICAN GRAFFITI»
de GEORGE LUCAS
NOVA GERAÇAO

AVIS

Telefone 4 71 63
Às 15.30 e 21.45
Eastmancolor — Grupo D - 18 anos
3.ª SEMANA

MALTESES BURGUESES E ÀS VEZES...
YOLA — ARTUR SEMEDO

BERNA

Telefone 77 60 98
Às 15.15, 18.30 e 21.45
20.ª SEMANA!
Grupo C - 14 anos
Technicolor — Todd-ao 35
O filme de NORMAN JEWISON

JESUS CRISTO SUPERSTAR

CASTIL

Telefone 53 01 94
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Eastmancolor — Grupo D . 18 anos

SEGREDOS PROIBIDOS
JAQUELINE BISSET

CONDES

Telefone 32 25 23
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D - 18 anos
Color By de Luxe
FORA DE SERIE!
Dos homens de «Bullitt» e «The French Connection» nasce...

O ESQUADRÃO INDOMÁVEL
Com Roy Scheider — Tony Lo Bianco — Larry Haines

EDEN

Telefone 32 07 68
Às 15 30, 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA
Eastmancolor — Grupo C . 14 anos
CANTINFLAS

ÀS ORDENS DE VOSSELÊNCIA

ESTÚDIO

Telefone 55 51 34
(Metro — Alameda)
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Grupo D 18 anos
A obra-prima de INGMAR BERGMAN

RITUAL
Com INGRID THULIN

ESTÚDIO 444

Telefone 77 90 95
Às 15.30, 18.30 e 21.45
28.ª SEMANA
Eastmancolar — Grupo D 18 anos
BERNARD LE COQ
Maureen Kerwin — Michel Galabro

O PORTEIRO

EUROPA

Telefone 66 10 16
Às 15.15 e 21.30 — Eastmancolor
Grupo C - 14 anos

VÊM AÍ OS CABELUDOS
Dani Michel Galabru — Jean Lefebvre

IMPERIO

Telefone 55 51 34
Metro — Alameda
Às 15.15, 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
Technicolor — Grupo D . 18 anos
MALCOLM McDOWELL

UM HOMEM DE SORTE
Um filme de LINDSAY ANDERSON

MUNDIAL

Telefone 53 87 43
Às 15.15, 18.30 e 21.45 horas
Colorido — Grupo D . 18 anos
4.ª SEMANA

O NOSSO AMOR DE ONTEM
BARBRA STREISAND
ROBERT REDFORD

LIDO

21.30 h.
Grupo C . 14 anos

ÀS ORDENS DE VOSSELÊNCIA
O mais recente filme de Cantinflas

CINESTÚDIO LIDO

Às 15.30 e 21.45 h.
Grupo C - 14 anos

A BALADA DO SOLDADO
O moderno cinema russo que deverá conhecer

LONDRES

Telefone 73 13 13
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Obra admirável, diamante intacto...

HIROSHIMA MEU AMOR
O filme de ALAIN RESNAIS

Na nossa secção de informações úteis (página 22) publicamos o complemento ao cartaz de espectáculos com todos os Teatros e Cinemas de Lisboa e arredores

MONUMENTAL

Telefone 55 51 41
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Grupo D 18 anos
CLINT EASTWOOD em

HARRY, O DETECTIVE EM ACÇÃO
Panavision Tecnicolor

QUINZENA DO BOM CINEMA
* QUINZENA FICÇÃO CIENTÍFICA
Hoje às 18.30 h.—Grppo B - 10 anos
VIAGEM FANTASTICA
de RICHARD FLEISCHER
com STHEPHEN BOYD e RAQUEL WELC
4.ª FEIRA — AMO-TE, AMO-TE
Adultos

ODEON

Telefone 32 62 83
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Grupo D - 18 anos
A última expressão das Artes Marciais

CRUEL VINGADOR
Com Chen Kuan-Tai

PATHÉ

Telefone 82 19 33
(Metro Arroios)
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Colorido — Grupo D (18 anos)
Arramjem-lhe um sarilho e ele arranja-lhes um lindo enterro!

À ESPREITA DO SARILHO

POLITEAMA

Telefone 32 63 05
Às 15.15, 18.15 e 21.45
3.ª SEMANA
Eastmancolor — Grupo A . 6 anos

EUSÉBIO A PANTERA NEGRA

ROMA

Telefone 72 77 78
Às 15.30 e 21.45
Eastmancolor — Grupo C - 14 anos
Rod Steiger — Rosanna Schiaffino
Rod Taylor — Claude Brassler
Terry Thomas

OS HERÓIS

ROXY

Telefone 4 85 60
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Metro (Anjos)
Grupo D . 18 anos — Colorido
O PESADELO DOS PESADELOS!

A LENDA DA CASA ASSOMBRADA
Pamela Franklin — Roddy McDowal — Gayle Hunnicutt

SÃO JORGE

Telefone 5 41 53 5 41 54
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Richard Chamberland — Glenda Jackson

TCHAIKOVSKY, DELÍRIO DF AMOR
O célebre filme de Ken Russell
Grupo D . 18 anos

SATÉLITE

Telefone 56 26 32
6.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30 e 21.45
color Grupo D 18 anos
A obra prima de NAGISA OSHIMA

CERIMÓNIA SOLENE

TIVOLI

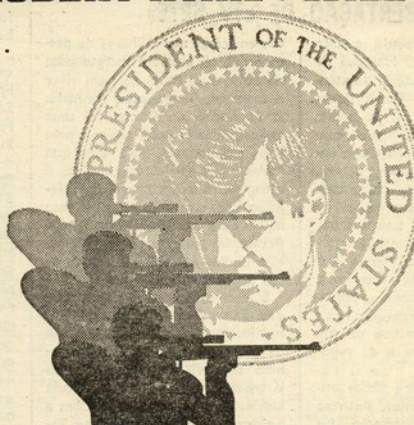
Telefone 5 05 95
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Paul Newman — Robert Redford
Robert Shaw

A GOLPADA
THE STING
Premiado com 7 Oscares, incluindo melhor filme, melhor realizador

VOX

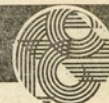
Telefone 72 08 08

ENCERRADO TEMPORARIAMENTE PARA BENEFICIAÇÕES

BURT LANCASTER
ROBERT RYAN e WILL GEER

ACÇÃO EXECUTIVA

A POSSÍVEL HISTÓRIA DO CRIME DO SÉCULO !
real. DAVID MILLER arg. DALTON TRUMBO GRUPO C (14 anos)

Amanhã ESTREIA às 21,30 MONUMENTAL

Fundação Calouste Gulbenkian
Serviço de Música

SERVIÇO DE MÚSICA
GRANDE AUDITÓRIO
30 DE ABRIL, ÀS 21.30 HORAS

CONJUNTO DE COLÓNIA PARA O NOVO TEATRO MUSICAL

Direcção de MAURICIO KAGEL

PROGRAMA: TACTIL, para três / REPERTOIRE, concerto cénico

2 E 3 DE MAIO, ÀS 21.30 HORAS

CONJUNTO DE COLÓNIA PARA A NOVA MÚSICA

Direcção de MAURICIO KAGEL

PROGRAMAS:

DIA 2 — SCHLAG AUF SCHLAG, para quatro serras musicais / CON VOCE, para três músicos mudos / UNGUIS INCARNATUS, para piano e... / EXOTICA: SOLI, para instrumentos extra-europeus.

DIA 3 — PRIMA VISTA, para diapositivos e várias fontes sonoras / BAIXO CIFRADO, para órgão e guitarra-baixo / ACÚSTICA III, para quatro músicos e banda sonora.

BILHETES À VENDA Grupo B — M/ 10 anos

JOSÉ MÁRIO BRANCO REGRESSA AMANHÃ

José Mário Branco, que se encontra exilado em Paris há 13 anos, regressa amanhã a Lisboa, por via aérea, à hora do almoço.

Vetado sistematicamente pela censura nacional, que condenava nele o exílio de centenas de milhares de portugueses, José Mário vai estar de novo entre nós.

Brevemente regressarão também a Portugal, Francisco Fanhais e Sérgio Godinho.

CANÇONETISTAS PAGAM IMPOSTO

MADRID — Segundo um relatório tornado público pela Delegação Provincial do Ministério das Finanças. É de 1 063 698 pesetas o total dos impostos ao Estado por 64 cançonetistas estrangeiros que actuaram na Espanha em 1971.

À cabeça da lista figura Bobby Boyd com 104 920 pesetas seguido de José Feliciano, Sacha Distel, Eddie Constantine, Salvatore Adamo, Michael Curtis e Demis Roussos.

PROFISSIONAIS DE CINEMA EXIGEM O FIM DA CENSURA AOS ESPECTÁCULOS

A Comissão de Profissionais de Cinema Anti-Fascistas enviu-nos o seguinte documento:

«Ao Movimento das Forças Armadas:

A Comissão de Profissionais de Cinema Anti-Fascistas, que apoia o Movimento das Forças Armadas, verificando que, apesar do que foi anunciado no seu programa, respeitante à imediata eliminação da cencura ou exame prévio aos despectáculos, tal actividade continua a ser exercida e controlada pelas pessoas e pelos meios do regime fascista, exige que tais indivíduos sejam imediatamente destitudos dos seus cargos, e que sejam eliminados os serviços de censura e concessão de vistos, que eles continuam a assegurar, sem o que as anunciadas liberdades democráticas estarão gravemente comprometidas, bem como a adesão espontânea que o M. F. A. merece aos signatários e ao Povo Português.

Por um cinema livre. Viva Portugal.»

Este documento é assinado por 27 profissionais de cinema, entre eles os realizadores Manuel Guimarães, Fernando Lopes, João Franco, Henrique Espírito Santo, Fonseca e Costa, António Pedro Vasconcelos, Eduardo Geada, Teresa Olga, João Matos Silva, António Faria, Alfredo Tropa, Fernando Matos Silva, Artur Semedo e Rogério Ceitil.

As provocações dos reaccionários portugueses nas manifestações do 1.º de Maio pode prejudicar a revolução de Abril

— acusa a imprensa inglesa

LONDRES, 20 — (R.). — O dia 1 de Maio fornecerá o primeiro teste da Junta de Salvação Nacional desde o golpe militar da passada quinta-feira e também da sua capacidade de «encaixe» e controle do País — dizia hoje o periódico liberal «Guardian».

As direitas podem estar agora esperançadas de que excessos de qualquer natureza que venham a ser praticados no primeiro de Maio façam com que o general Spínola lamente o que tem vindo a fazer ou então que proporcione ao antigo regime uma possibilidade de reajustar o seu controle da situação.

Um artigo de fundo do «Guardian» dizia em largo comentário à situação política portuguesa: «Mas recear a reacção contra «a capitosa fermentação de liberdade», como ontem chamou ao Movimento Libertador um dos principais jornais portugueses, é talvez substimar o poderio e a inteligência do general Spínola».

O «Times» manifesta também receios de que a «desordem pública possa compelir a Junta a abandonar o seu liberalismo e a tornar-se autoritária».

Sobre a questão dos territórios portugueses em Africa, o «Times» disse que acabou a política de solução militar mas que os guerrilheiros ainda não venceram e que a próxima fase será de negociações realistas.

Os guerrilheiros serão aoicatados por militantes africanos — que desejam ver a todo o custo uma vitória africana — a serem intransigentes, mas a verdade é que eles, depois de observarem a evolução dos acontecimentos em Portugal, deverão decidir que têm tudo a ganhar e nada a perder em negociarem nesta fase de armas na mão.

Ao fazer a análise, o «Times» finalizava assim: «Os presidentes Nyerere da Tanzânia e Kaunda da Zâmbia são altamentes influentes visto ser dos seus territórios que os guerrilheiros operam e os dois chefes de estado africanos têm manifestado uma preferência manifesta por transições de ordem pacífica, sempre que possível.

OS SACRIFÍCIOS SÃO EVITÁVEIS DIZ A FRELIMO

DAR-ES-SALAM 29 — (R.) — A nova Junta Militar de Portugal poderia apenas acabar com a guerra em Moçambique ao reconhecer o direito do seu povo à independência, segundo se afirma numa comunicação feita pela Comissão Executiva da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo).

«Qualquer tentativa para iludir o verdadeiro problema apenas conduzirá a novos sacrifícios, igualmente evitáveis. A maneira de solucionar o problema é clara: reconhecimento do povo moçambicano à independência.

«Se, todavia, o objectivo do golpe de Estado é encontrar nova fórmula para perpetuar a opressão do nosso povo, então os dirigentes portugueses são avisados de que enfrentarão a nossa determinação firme» — prosseguia o comunicado difundido nesta capital.

A Comissão Executiva acolheu com agrado a comunicação de que direitos democráticos seriam restaurados em Portugal, mas notou que a Frelimo não poderia aceitar que a democracia para o povo português servisse como capa para impedir a independência do povo moçambicano.

«Justamente como a era de Caetano demonstrou claramente que o fascismo liberal não existe deverá compreender-se também que não há qualquer coisa como colonialismo democrático» — declara a comuncação.

A Comissão Executiva continua: «Da mesma maneira como o povo português tem o direito a independência e democracia esse direito não pode ser negado ao povo moçambicano. É por esse direito elementar mas essencial, que estamos a lutar.

«O povo moçambicano é uma entidade absolutamente distinta do povo português e possui a sua própria personalidade política, cultural e social que apenas pode ser realizada por meio da independência de Moçambique».

Entretanto, um segundo editorial sobre o levantamento militar em Portugal publicado pelo «Daily News, o jornal do governo da Tanzânia, salienta que era certa a independência dos terrtiórios africanos portugueses.

Nota que na Europa está a ser dito que o chefe militar português, general António de Spínola era apontado como o «De Gaulle» português.

Se isso é assim, a nossa pergunta deve ser «qual De Gaulle?» — prossegue o «Daily News».

A Africa conheceu dois De Gaulles: o homem que negociou a independência da Argélia e aquele que nunca perdoou ao povo da Guiné por ter feito gorar a sua tentativa de «manter por meios políticos o Império Francês».

Embora o cansaço de guerra da França impedisse uma intervenção militar, «durante o resto da vida De Gaulle fez tudo o que foi possível para destruir a independência da Guiné por meios económicos e políticos e mais tarde, apoiando a subversão» — observa o jornal.

Diz ainda que se o general Spínola aceitasse a necessidade da independência de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, ele e o seu país encontrariam muitos amigos em Africa.

«Contudo, se o objectivo do general Spínola é simplesmente o de combater a libertação de Africa por meios políticos, será muito diferente a reacção dos movimentos de libertação e dos Estados independentes africanos...

«A paz nas colónias portuguesas pode apenas vir de negociação da independência com os movimentos de libertação desses territórios» — conclui o editorial do «Daily News».

OS JOVENS PORTUGUESES QUE FUGIRAM À GUERRA SAUDAM O EXÉRCITO

PARIS, 29 (R.) — Desertores do Exército Português, que se encontram espalhados pelo mundo e que preferiam ir deliberadamente para o exílio em lugar de combaterem nas colónias africanas de Portugal, fizeram hoje um apelo para que seja concedida uma amnistia e se travem imediatamente negociações para pôr termo às guerras coloniais.

Lançam esse apelo num comunicado difundido nesta capital e assinado por 142 exilados portugueses que vivem em França, Suécia, Suíça, Finlândia, Itália, Brasil e Bélgica.

Um informador dos exilados afirmou mais tarde que telegrafara ao Movimento das Forças Armadas informando que um grande número de exilados portugueses em França regressaria amanhã, terça-feira, em massa, à Pátria, para assistir às comemorações do 1.º de Maio.

É o seguinte o texto do comunicado:

«Os abaixo assinados, jovens portugueses desertores e refractários, saúdam o glorioso Movimento das Forças Armadas que derrubou o governo caetanista e iniciou o processo de liquidação do regime fascista que há quase meio século oprimia o povo português.

Conscientes da importância e transcendência da situação política actual em Portugal e orientados pelo desejo ardente de servir a causa da democracia, da liberdade e da paz, que são os objectivos proclamados do Movimento das Forças Armadas.

Como jovens que, devido à política colonial antipatriótica dos governos de Salazar e Caetano, de que as próprias Forças Armadas foram vítimas, tomamos a decisão de nos opormos com energia e determinação às guerras coloniais, recusando-nos a ser mobilizados, escolhendo o caminho da luta por um Portugal livre.

Convictos hoje como ontem de que a solução do problema colonial está:

1 — Numa discussão livre e profunda pelo povo português sobre este problema crucial da vida política nacional;

2 — Na abertura imediata de negociações com os representantes dos movimentos de libertação de Angola, Guiné e Moçambique (MPLA, PAIGC e FRELIMO) na base do reconhecimento do direito a independência imediata;

3 — Na cessação dos combates e o regresso dos nossos soldados;

4 — No etabelecimento de relações fraternais entre os povos das actuais colónias portuguesas e o povo português.

Apelamos solenemente para a Junta de Salvação Nacional pedindo-lhe que se pronuncie rapidamente sobre este grave problema de forma a:

1 — Negociar e pôr fim às guerras;

2 — Conceder uma amnistia total a todos os desertores e refractários, que lhes permita regressar a Portugal com a plenitude dos direitos civis e políticos, de forma a participarem na grandiosa obra de reconstrução nacional a que se propõe o Movimento das Forças Armadas e todo o movimento democrático. Como patriotas portugueses, desejosos de servir a nossa Pátria com todo o nosso esforço, apelamos para a Junta de Salvação Nacional para que este problema seja rapidamente resolvido.»

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ARTES GRÁFICAS

COMISSÃO PROVISÓRIA

Convoca todos os associados para a 1.ª reunião livre desde há 48 anos a esta parte.

O Sindicato neste momento é de todos os sócios.

Que ninguém falte a esta reunião, pois é necessário reconstruir todo o Movimento Trabalhador.

Comparece na Rua da Barroca, 107 às 20 horas do dia 30 de Abril de 1974.

SOMOS UM SINDICATO LIVRE!!!

Sindicato Nacional dos Profissionais das Artes Gráficas do Distrito de Lisboa

SOCIEDADE TURÍSTICA DA PENINA S. A. R. L.

Rua de S. Sebastião da Pedreira, 122 — Lisboa-1

AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL de 50 000 contos para 130 000

1. Comunica-se aos Senhores subscritores das 20 000 acções oferecidas ao público, que a subscrição se cifrou nos valores seguintes:

NÚMERO DE BOLETINS ENTREGUES	NÚMERO DE ACÇÕES SUBSCRITAS	VALOR TOTAL EM CONTOS
26 007	981 873	3 240 181

2. Houve que proceder a rateio, cujos termos são os seguintes:

ACÇÕES SUBSCRITAS POR BOLETIM	NÚMERO DE ACÇÕES ATRIBUÍDAS	NÚMERO DE BOLETINS	TOTAIS DE ACÇÕES ATRIBUÍDAS
1 a 13	0	6 034	0
14 a 200	1	19 946	19 946
201 ou mais	2	27	54
		26 007	20 000

3. As importâncias correspondentes às acções não atribuídas serão reembolsadas, a partir de 30 de Abril de 1974, nos locais onde foram efectuadas as subscrições.

Lisboa, 27 de Abril de 1974. O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

MOVIMENTAÇÃO ESTUDANTIL PERANTE OS MAIS RECENTES ACONTECIMENTOS NACIONAIS

Estudantes do Instituto Superior Técnico, reunidos no passado dia 27, saudaram o Movimento das Forças Armadas pelo seu papel na queda do regime de Marcelo Caetano e declararam-se dispostos a defender por todos os meios ao seu alcance a aplicação das medidas já proclamadas pela Junta contra todas as manobras da reacção para tentar limitar a sua importância ou eficácia.

Na sua proclamação, os estudantes do I. S. T. afirmam-se ainda pelo «fim das guerras coloniais com cessar-fogo imediato, negociações com os legítimos representantes dos povos das colónias — os Movimentos de Libertação — com base no direito dos povos à autodeterminação e independência nacional».

Uma outra proposta aprovada naquela reunião tem em vista a reconstrução da A. E. com reorganização completa de todas as estruturas associativas, com base no princípio da descentralização associativa e da disciplina de todos em relação ao cumprimento das decisões colectivas, formação de comissões de curso em todos os cursos e formação das secções de serviços, formação da secção Informativa e da secção Cultural.

Entretanto e segundo esta proposta, será formada em reunião geral de alunos uma comissão para estudar novos estatutos para a A. E. Enquanto não houver eleições para novos corpos gerentes a actual direcção coordenará todo o trabalho associativo.

REUNIÃO DE ESCOLA

Para amanhã, às 10 horas, está convocada para o salão nobre uma Reunião de Escola, com professores e alunos para apreciação da proposta seguinte:

«Constituir a Assembleia de Escola em instituição de decisão sobre os problemas de funcionamento da escola;

Formar uma comissão directiva, com número igual de professores e de estudantes, com atribuições administrativas e de execução das decisões da Assembleia de Escola. Os representantes dos estudantes a essa comissão, eleitos em Reunião Geral de alunos, estarão sempre vinculados às decisões estudantis colectivas;

Formação de grupos de trabalho encarregados de estudar nova legislação escolar;

Procurar a criação, através de uma modificação dos horários, de uma tarde semanal sem aulas, reservada à realização de R. G. A., Assembleias de Escola e outras reuniões, sem isto impedir que outras reuniões urgentes se realizem fora do período prescrito.»

FACULDADE DE FARMÁCIA

A direcção da Associação dos Estudantes de Farmácia de Lisboa convocou igualmente uma reunião geral de alunos para amanhã, às 10 horas, a realizar no pavilhão de Orgânica, para estudar as medidas a tomar face à situação actual.

EM ECONOMICAS

Também a direcção da A. E. de Económicas, que no passado sábado retomou as suas funções, convocou para hoje uma reunião de estudantes, cuja segunda parte começará às 18.30.

DIRECÇÃO DO ISPA VOLTA ATRÁS

Também a direcção do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, em comunicado divulgado no sábado, «considerando os propósitos de concórdia entre os portugueses proclamados pela Junta de Salvação Nacional, resolveu **anular** as suspensões que resultaram do processo disciplinar instaurado há alguns meses a cinco alunos e **permitir** o pagamento da 2.ª prestação de propinas aos que estavam impedidos de o fazer».

PROFESSORES DO TÉCNICO

O Conselho Escolar do I. S. T. deu a sua inteira concordância à reunião de professores e assistentes convocada para hoje, às 15 horas, solicitando a comparência de todos os professores e assistentes no anfiteatro de Electricidade.

INSTITUTO INDUSTRIAL

O Conselho Escolar do Instituto Industrial de Lisboa, reunido em sessão extraordinária, a que presidiu o professor mais antigo, deliberou dar o seu incondicional apoio ao programa da Junta de Salvação Nacional.

Entretanto, dada a doença do director do Instituto e o facto do seu subdirector estar demissionário desde Fevereiro,. assume a direcção do Instituto o professor mais antigo, que, a seu pedido, será coadjuvado por uma comissão directiva provisória constituída por dois professores ordinários efectivos, um professor ordinário provisório, um professor auxiliar e quatro alunos eleitos pelo corpo discente, a fim de assegurar o funcionamento normal do Instituto e dar execução ao disposto pela Junta de Salvação Nacional, designadamente: entregar aos alunos as instalações associativas e criar comissões mistas de trabalho, para assegurar o funcionamento das instalações da cantina e bar, até ulterior resolução.

Foi ainda deliberado promover a criação de comissões mistas de professores e alunos para estabelecer as bases futuras da reorganização do Instituto; dar publicidade às decisões do Conselho Escolar e apelar para o espírito cívico dos alunos, professores e restante pessoal do Instituto, no sentido de serem alcançados os objectivos da Junta de Salvação Nacional dentro de um espírito da melhor compreensão.

MÁXIMO DE 50 CONTOS PARA QUEM SAI DO PAÍS

• Foram já detectadas quantias superiores

A partir das 8 horas de ontem, o aeroporto começou a encher-se de passageiros, muitos há dois dias retidos em Lisboa. Um apertado sistema de vigilância fez cumprir as determinações contidas num comunicado da Junta de Salvação Nacional, muitas vezes repetido pela rádio. Assim, o acesso à aerogare foi apenas autorizado aos passageiros, mediante a apresentação do bilhete. Fora e à porta do aeroporto, bem como em diversos pontos no interior, oficiais e soldados da B. A. 1, acompanhados por elementos da força policial do aeroporto, fiscalizavam o movimento.

Cinquenta contos era o limite permitido para quem, português ou estrangeiro, saía do país. Logo à entrada da aerogare, elementos da Alfândega revistavam as pessoas e respectivas bagagens, sem esquecer a carteira, para se certificarem da quantia transportada, em notas ou outros valores.

Segundo declarações de funcionários da Alfândega, já tinham sido detectados vários passageiros com elevadas quantias em dinheiro, alguns com cerca de 200 contos. Porém, acrescentaram, não se tratava «de nenhum nome conhecido, por enquanto».

A TAP começou a operar a partir das 8 horas, duas depois da abertura do aeroporto. Até ao fim do dia, efectuou cerca de trinta voos, com partidas de Lisboa, Porto e Faro.

Os funcionários do aeroporto, que também eram revistados, tinham a entrada na aerogare condicionada à apresentação da cabal identificação. Por outro lado, os indivíduos descobertos com quantias superiores a cinquenta mil escudos eram remetidos para a direcção da Alfândega.

FUNCIONÁRIOS DA EX-PIDE/DGS APRESENTARAM-SE AO SERVIÇO

Durante a noite de reabertura do aeroporto apresentaram-se voluntariamente no aeroporto dez elementos da extinta PIDE-DGS que, até agora, controlavam a entrada e saída de pessoas do país. Apresentaram-se para, segundo disseram, colaborar no serviço.

Entretanto, este passou — segundo o previsto — para elementos da Polícia Judiciária.

«AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS DEVEM UNIR-SE»

— declarou o prof. Rodrigues Lapa regressado de uma viagem no Brasil

Regressou hoje do Brasil o director da revista «Seara Nova» prof. Rodrigues Lapa, que ali se encontrava há dez dias. Falando para o nosso jornal, declarou-se muito emocionado com os acontecimentos dos últimos dias, mas que já os aguardava, de certo modo, visto que tomara conhecimento do conteúdo dos manifestos do Movimento dos Oficiais.

«Estou imensamente contente, precisou o prof. Rodrigues Lapa, mas também um pouco apreensivo, visto que não sei exactamente como vão correr as coisas». Chamou a atenção para a necessidade de união das forças democráticas. Estas deverão dar um crédito de confiança aos homens que fizeram o golpe, «mas não um crédito incondicional».

No que se refere à reacção no Brasil, sublinhou que é significativo o facto de o governo brasileiro ter sido o primeiro a reconhecer a Junta. «Devemos um grande serviço, acrescentou ainda, à Imprensa brasileira responsável, sobretudo do «Jornal do Brasil» que fez uma reportagem riquíssima de documentos sobre o golpe e as suas origens. As reacções foram positivas».

Apoio dos democratas madeirenses

FUNCHAL, 29 — (ANI) — «Os democratas madeirenses, desde sempre em oposição ao fascismo derrubado, saudam V. Ex.ª e Forças Armadas, oferecendo seu apoio e colaboração vosso grandioso propósito patriótico» — diz um telegrama enviado ao presidente da Junta de Salvação Nacional, general António de Spínola. O telegrama é assinado por João Sebastião Ferreira; industrial Abel Nunes; Aires Albuquerque; António Fernandes Loja; advogado António Salles Caldeira; César Pestana; advogado Fernando Rebelo; Rui Nepumoceno e Luís Simeão.

Entretanto, o Governo Militar da Madera distribuiu ontem à noite, o seguinte comunicado:

«1.º — Em continuação das acções determinadas pela Junta de Salvação Nacional, procedeu-se ao controlo total de material e instalações das extintas subdelegações da Direcção-Geral de Segurança e Legião Portuguesa, nomeadamente munições, armamento e arquivos, que já se encontram sob a guarda das autoridades militares.

«2.º — Para a eficiente continuação de alguns serviços (fronteiras e emigração), a cargo da extinta subdelegação da Direcção-Geral de Segurança, os seus elementos continuam a auxiliar nessas tarefas a Guarda Fiscal, sob controlo total das forças militares.

«3.º — Atendendo aos condicionamentos das comunicações aéreas, a Junta de Salvação Nacional, a instâncias das autoridades militares locais. prontamente deu prioridade ao restabelecimento dessas ligações com este arquipélago, que foram iniciadas na noite de ontem.

«4.º — Havendo conhecimento, através de inscrições murais e de um panfleto difundido durante a madrugada, de que alguns elementos descrentes da acção da actual Junta de Salvação Nacional procuram incitar os madeirenses ao cometimento de acções perturbadoras da ordem pública, recomenda-se à população, que até à data tem dado provas de alto civismo, que continue confiante nos objectivos estabelecidos pela Junta de Salvação Nacional».

O comunicado é assinado pelo chefe do Gabinete de Informação, major José Manuel Santos de Faria Leal.

RISCADAS NA BEIRA AS DESIGNAÇÕES DA DGS, ANP E MP

BEIRA, 29 — (L.) — Durante a noite apareceram escritos nas paredes e taipais de edifícios alguns dísticos alusivos à situação que se atravessa.

Num taipal instalado no edifício onde funciona a comissão de censura lê-se: «Censura?», e para reforçar vê-se uma seta indicando o local onde está instalada aquela comissão que ainda ontem funcionou e pediu que o único jornal da terra mandasse provas a censurar...

Em outro local lê-se: «Viva a Democracia».

As designações de DGS, ANP e MP estão escritas com dois grandes traços cruzados a vermelho, num letreiro publicitário.

Finalmente, ontem, os democratas da Beira reuniram-se num almoço e após longa discussão decidiram enviar um telegrama à comissão da Junta de Salvação Nacional, demonstrando o seu incondicional apoio.

Por outro lado, o Rádio Clube de Moçambique dedicou ontem o melhor do seu noticiário aos acontecimentos da Metrópole e às reacções em todo o mundo. Às 23 horas transmitiu, na íntegra, uma entrevista concedida pelo dirigente socialista português, dr. Mário Soares à Emissora Nacional.

Hoje, em Lourenço Marques, realiza-e uma manifestação popular de apoio ao programa definido pela Junta de Salvação Nacional e de firme rejeição de uma solução de independência unilateral de Moçambique, tipo rodesiano. A manifestação efectua-se na Praça das Descobertas.

URBANISMO E COMÉRCIO

A Associação Internacional de Urbanismo e Comércio, «URBANICOM» associação sem fins lucrativos com sede em 61, Rue Montoyer, 1040 Bruxelas, Bélgica, promove de 13 a 15 de Maio próximo, no Hotel Hilton, em Roma, um congresso sobre «Urbanismo e Comércio ao Serviço do Homem de Amanhã».

Além dos temas técnicos e comerciais, que serão tratados por especialistas de renome mundial, haverá um programa para senhoras e visitas de estudo que se seguirão ao congresso.

As fichas de inscrição, quer na associação, quer no congresso, poderão ser pedidas ao encarregado da constituição da secção portuguesa da URBANICOM, Eng.º Silvério Martins, Rua Tomás Ribeiro, 50-2.º, Lisboa-1, telef. 53 70 57. As inscrições no Congresso deverão ser feitas até final do corrente mês.

ANTIFASCISTAS DEPÕEM SOBRE O 25 DE ABRIL

INICIAMOS HOJE UM BREVE INQUÉRITO ACERCA DO MOMENTO POLÍTICO, E DO SIGNIFICADO DO GOLPE DE 25 DE ABRIL DE 1974. OS DEPOIMENTOS FORAM RECOLHIDOS TELEFONICAMENTE. CONTINUAREMOS A PUBLICÁ-LOS DURANTE ESTA SEMANA E FAREMOS POR DAR A PALAVRA A DIRIGENTES MILITANTES DE TODOS OS PARTIDOS E CORRENTES POLÍTICAS EXISTENTES NO NOSSO PORTUGAL

Jorge Sampaio:

«Às massas populares compete tomar a iniciativa»

«Triunfantes as Forças Armadas numa operação que dizem ter sido executada com vista à sobrevivência nacional e ao bem-estar do Povo Português, a transferência de Poder só verdadeiramente se clarificará quando estiver esclarecida a permanência ou a desrtuição do aparelho de Estado. São legítimas, neste momento todas as dúvidas a respeito desse problema fundamental.

Se está efectivamente aberto «um período que permita ao País escolher livremente a sua forma de vida social e política» há que dar à acção política, em toda a sua extensão, o verdadeiro primado que sempre lhe competiu. O resto são entre-actos, decisivos é certo, mas transitórios.

Disto resulta que, neste momento, nenhum conceito, nenhuma posição, podem dar-se já como construídos ou já assumidos pelo Povo e, portanto, pelas massas populares que sempre constituirão o núcleo fundamental a partir do qual nada de verdadeiro será possível construir. Só elas o podem fazer, sem intermediários. Ou seja: às massas populares compete tomar a iniciativa e só elas poderão definir os seus verdadeiros interesses, os seus objectivos, a sua luta. Se alguém instalado o fizer por elas, ou se pretender, sem mais, atribuir-lhes determinada orientação, estará uma vez mais falseada a genuidade do processo político e a possibilidade de forjar, a partir das únicas realidades humanas que contam, o destino colectivo.

Resolvida uma grave questão, todos os problemas nacionais permanecem. Da questão das colónias à detenção do Poder económico, da posse dos meios de produção às questões básicas do viver quotidiano, tudo tem de estar em verdadeiro e límpido estado de reconstrução e reformulação.

Nas mãos de todos — dos que interessam — está a imaginação e o poder criador.

Há que os usar a sério.

Toda a experiência acumulada é útil mas só se caminhará verdadeiramente se as soluções a que se chegue forem discutidas tomadas e depois defendidas por quem vê no Socialismo, não uma opressão como outras, mas um verdadeiro projecto, esse sim de salvação nacional».

Francisco Salgado Zenha:

«Independência para as colónias»

«Em primeiro lugar: o derrubamento do governo de Marcelo Caetano e a vitória do Movimento das Forças Armadas são para nós, democratas, um motivo de júbilo. Representam um passo em frente no caminho da Paz e da Liberdade. Saudemo-lo! E saudemos também aqueles que com a sua coragem e decisão tornaram possível a vitória.

Um passo em frente. Mas muitos outros haverá que dar ainda num caminho ainda não perfeitamente claro, prenhe de incentivos e passível de retrocessos. Daqui para diante abre-se uma nova etapa na vida política portuguesa, que as forças democráticas terão de afrontar com denodo e lucidez.

Reivindiquemos, desde já, a concórdia. Amnistia sem excepções para todos aqueles que foram ou têm sido presos, perseguidos, compelidos ao exílio, demitidos, por motivos políticos, incluindo os que, por imperativos de consciência, se recusaram a prestar o serviço militar.

Para fazer face ao tremendo aumento do custo de vida, instaure-se imediatamente o princípio da actualização automática de todos os salários e vencimento na proporção da degradação do poder de compra da moeda, a fim de que assim as classes trabalhadoras não sejam expropriadas dia a dia daquilo que ganham.

E enverede-se, sem tergiversações, para uma solução do problema e das guerras coloniais em direcção à paz e ao respeito integral do direito da autodeterminação e à independência, com a abertura das necessárias negociações com os movimentos africanos.

Mas não haverá solução legítima se ela não representar a expressão da vontade de todos, no respeito da sua pluralidade, numa autêntica vida democrática: Lutemos por isso pela democracia, como sempre o temos feito».

Algemas quebradas

Teófilo Carvalho dos Santos:

«O maior e o melhor serviço»

«Sacudir o fascismo constituiu, só por si, o maior e melhor serviço que uma geração podia ter prestado ao povo português.

É que era essa a única solução para se poder arrancar o país à onda de desvergonha e imoralidade que campeava de escândalo em escândalo sugando até aos limites, as suas possibilidades nacionais.

Com o cumprimento da proclamação lida pelo general Spínola, fica-nos a possibilidade de implantarmos a dignidade nacional e a democracia popular».

Cabe às forças democráticas durante tanto tempo afastadas do conhecimento dos problemas da governação, lançarem-se clara e abertamente há conquista dos seus direitos a fim de poderem cumprir os deveres que as suas posições políticas lhes impõem.

Pedro Coelho:

«Inicia-se um período difícil»

«Abriu-se o caminho para a conquista da Liberdade e da Democracia no nosso país.

A luta de tantos e tantos anos pela Liberdade deu os seus frutos.

Inicia-se um período difícil em que as forças democráticas deverão mobilizar o Povo Português para a consolidação da Democracia, para o fim da Guerra Colonial e para um processo de descolonização.

Não posso deixar de saudar o Movimento das Forças Armadas pela sua tomada de consciência cívica, decisão e coragem demonstrada durante o memorável dia de ontem.

Os seus comunicados representaram uma afirmação clara de desejo de Liberdade e democratização».

Mário Sottomayor Cardia:

«Pela autodeterminação e independência das colónias»

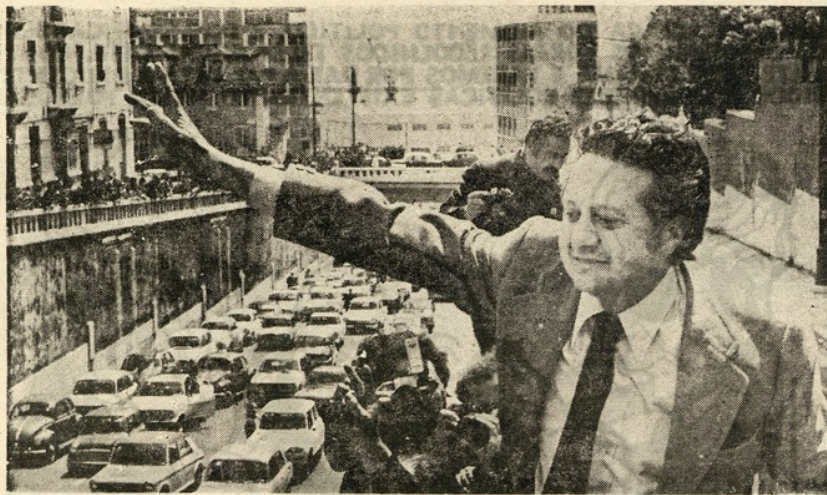
«A decrépita tirania ruiu. Ao Movimento das Forças Armadas» e a todos os revolucionários civis que com este colaboraram é devida uma comovida manifestação de agradecimento. Terão podido levar finalmente à vitória uma luta heróica de longos decénios e incalculáveis sacrifícios — a luta do povo português, a luta dos democratas portugueses pela conquista da liberdade.

O fascismo deixa uma herança de ruína em múltiplos aspectos da vida nacional. a dominação sistemática do povo trabalhador por uma burguesia senhorial todo poderosa, a dependência do País frente ao grande capitalismo multinacional, uma guerra colonial injusta no plano dos valores e coordenada no terreno militar.

Uma tarefa patriótica se impõe: construir um Portugal novo. Diversos projectos políticos são possíveis e existem embrionariamente. Todos deverão ter o direito de se exprimir e organizar sem o que nenhuma forma de democracia política é possível. Que se constituam as renovações políticas que dão evasão às diversas opções ideológicas. Que se exprimam livremente todas as opiniões. Que se inicie o grande debate nacional sobre o futuro do País. A partir de hoje e pela primeira vez há quase meio século. É uma experiência que ninguém possui e na qual todos nos enriqueceremos.

Entre os problemas com que o País se debate um há que assume o primeiro plano: o das colónias. É urgente o fim da guerra. É urgente o cessar-fogo. É urgente a abertura de negociações com os movimentos de libertação.

Penso que em grande parte, foi para pôr termo à aventura militar que as Forças Armadas intervieram. Os proletários da Guerra manifestaram a sua determinação de não serem os bodes expiatórios da loucura colonialista. Por minha parte, entendo que só uma solução política pode trazer a paz e evitar a catástrofe: a abertura de negociações e o reconhecimento do direito dos povos coloniais à autodeterminação e à independência.»

O REGRESSO DE MÁRIO SOARES A LI

Foi apoteótico o regresso de Mário Soares. Um cortejo automóvel acompanhou-o de Santa Apolónia à Cova da Moura, onde o general António de Spínola o esperava. De braço estendido, já ao pé da sede da Junta, Mário Soares agradece as palmas — uma coisa que a A. N. P. gastava fortunas a inventar

(Continuado da 1.ª pág.)

apoio ao seu secretário-geral e, a partir das 9.30 h., a plataforma da Estação foi-se enchendo de pessoas que empunhavam cartazes («O povo unido jamais será vencido»; «Pão, Paz, Liberdade»; «Não queremos ditadores em hotéis de luxo»).

Enquanto aguardavam a chegada de Mários Soares, as pessoas gritavam incessantemente as palavras de ordem do P. S. e vitoriavam militantes revolucionários (Manuel Serra, Palma Inácio, Emídio Santana).

As atenções da Imprensa estrangeira concentraram-se no primeiro que respondeu a numerosas perguntas sobre o momento político. Declarando-se socialista, Palma Inácio disse ao nosso jornal que a L.U.A.R. não se dissolverá por enquanto, embora passe a actuar no campo propriamente político.

PALMA INÁCIO E MANUEL SERRA

Embora anunciada para as 11.30, a entrada do «Sud Express» na estação acabou por só se verificar às 12.45 h. O comboio não parou no sítio habitual, por ser impossível o desembarque dos passageiros, devido à aglomeração de pessoas na plataforma. Estava também previsto que Mário Soares se encontrasse com os seus amigos e com os jornalistas numa sala da gare reservada para o efeito, mas a quantidade de pessoas que aí convergiram foi de tal ordem que isso acabou por não ser possível.

Aguardavam Mário Soares os dirigentes do P. S., como Raul Rêgo, director de «República», Mário Cal Brandão, Armando Bacelar, José Luís Nunes, Salgado Zenha, José Ribeiro dos Santos, Pedro Coelho e Arons de Carvalho, e ainda outras personalidades oposicionistas: prof. Pereira de Moura, José Tengarrinha e uma delegação da CDE de Lisboa.

Mário Soares subiu à varanda do primeiro andar, de onde proferiu uma breve alocução. Ladeavam o secretário-geral do Partido Socialista António Macedo, presidente do P. S., José Magalhães Godinho, Ramos da Costa, Tito de Morais (membros do secretariado do exterior do P. S.) e ainda Hermínio da Palma Inácio, da L.U.A.R., e o militante revolucionário católico, Manuel Serra (um dos responsáveis pelo golpe de Beja).

EXILADOS E DESERTORES

As primeiras palavras de Mário Soares foram para saudar os outros exilados que ainda não regressaram: Álvaro Cunhal, Ruy Luís Gomes, Fernando Piteira Santos e Manuel Valadares; os que morreram como heróis do combate contra o fascismo, designadamente o general Humberto Delgado; os que nas cadeias resistiram heroicamente, como Manuel Serra, Dias Lourenço e Palma Inácio; os 100.000 jovens desertores que abandonaram Portugal por se recusarem a combater na Guerra Colonial; e, finalmente os milhões de trabalhadores que tiveram de abandonar a sua terra por não encontrarem nela condições para viver.

Organizar a democracia e pôr fim à Guerra Colonial foram as tarefas imediatas apontadas pelo dirigente socialista. A hora não é de divisões partidárias, salientou, a hora é de unidade. Referiu-se à necessidade de reconstruir a Pátria, fazendo com que «a riqueza seja canalizada para quem trabalha e não para os parasitas e banqueiros».

«Prestigiar a imagem de Por

A JUNTA PEDE QUE O POVO MANTENHA A MAIOR CALMA

A Junta de Salvação Nacional aconselha «todos os elementos da população» a guardarem «a maior calma», por forma a que tudo continue a processar-se «dentro da ordem e civismo que constituem apanágio das Forças Armadas». Este apelo consta do seguinte comunicado à Nação, no qual se lê também serem absolutamente indesejáveis «quaisquer tentativas de justiça sumária».

As Forças Armadas, que em boa hora decidiram libertar o País, tem verificado, a cada passo, o extraordinário entusiasmo com que a população tem acompanhado e aplaudido todas as operações militares. As provas de simpatia e de carinho recebidas a todo o momento pelos militares por parte da população portuguesa têm constituído a melhor recompensa para quantos se decidiram a assumir tão grave responsabilidade. A Junta de Salvação Nacional tem recebido numerosos pedidos e até algumas «exigências» para tomar decisões ou executar acções que, aliás, na sua quase totalidade anunciou desde a primeira hora.

É PRECISO EVITAR AS TENTATIVAS DE JUSTIÇA SUMÁRIA

Compreenderão, porém, todos quantos nos dirigiram esses apelos, que as decisões da Junta de Salvação Nacional têm necessariamente de ser escalonadas no tempo de acordo com prioridades que nem sempre poderão satisfazer a impaciência ou impossibilidade de cada um.

As Forças Armadas orgulham-se de ter levado a cabo a missão que se impuseram sem haverem derramado uma única gota de sangue e orgulhar-se-ão, também, de continuarem no cumprimento dos seus objectivos dentro desse mesmo critério. Para isso, porém, precisam da colaboração de todos os portugueses, pelo que a Junta de Salvação Nacional lança o seguinte apelo:

A todos os elementos da Direcção-Geral de Segurança e Legião Portuguesa que ainda não se entregaram pede a sua apresentação voluntária nas unidades militares mais próximas, a fim de evitarem represálias por parte de elementos da população que se mostrem mais exaltados.

A todos os elementos da população aconselha a maior calma, para que tudo continue a processar-se dentro da ordem e civismo que constituem apanágio das Forças Armadas.

Dado que o Movimento das Forças Armadas reconhece o princípio da não administração da justiça sem culpa formada, não podem as Forças Armadas consentir que elementos da população tentem exercer cegas represálias individuais ou colectivas sobre quaisquer agentes da Direcção-Geral de Segurança, legionários ou outros indivíduos, pelo que não tem outra alternativa que não seja a de proteger todo o cidadão, seja qual for a sua condição.

Salientam-se, ainda, veementemente, os riscos que se correm, caso se verifiquem tais procedimentos, de cometer injustiças irreparáveis sobre pessoal inocente.

Pede-se, por conseguinte, que sejam evitadas quaisquer tentativas de justiça sumária que poderiam conduzir a uma situação de confronto entre militares e populares, o que atraiçoaria os propósitos de um Movimento que teve na defesa dos direitos do Povo Português a sua preocupação.»

PEREIRA DE MOURA INTERESSADO EM COLABORAR COM MÁRIO SOARES

Entrevistado para uma emissora inglesa de televisão, o economista Francisco Pereira de Moura afirmou que aceitaria colaborar com Mário Soares, caso este viesse a formar Governo. Acrescentou que o Povo Português tem demonstrado o maior civismo nas manifestações.

a época

Domingo, 28 de Abril de 1974

Ano I — N.º 1 — Preço 2$50

Director — JOSÉ MANUEL PINTASILGO

a época

Segunda-Feira, 29 de Abril de 1974

Ano I — N.º 2 — Preço 2$50

Director — JOSÉ MANUEL PINTASILGO

A «Época» ressurgiu ontem com formato e tipos de composição tão semelhantes à «República» que originaram lamentáveis confusões. Apesar dos nossos protestos, aquele jornal apareceu hoje com o cabeçalho apenas ligeiramente modificado. Esperamos que a direcção actual daquele diário nos prove o sentido inovador das suas intenções, eliminando esses processos oportunistas e preocupando-se mais com a matéria escrita

OS HAVERES DA A. N. P. REVERTEM PARA O ESTADO

Os haveres da Acção Nacional Popular revertem a favor do Estado, de acordo com um decreto-lei da Junta de Salvação Nacional, assinado pelo respectivo presidente, general António de Spínola.

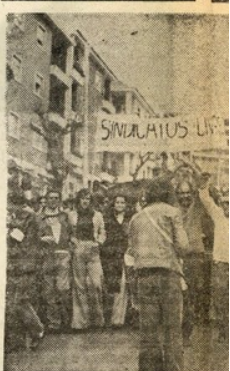
O decreto-lei, datado do dia 25, é do seguinte teor:

«Tendo a Junta de Salvação Nacional assumido os poderes legislativos que competem ao Governo, decreta, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º 1 — É dissolvida a Acção Nacional Popular.

2 — Os haveres desta Associação revertem a favor do Estado.

Artigo 2.º — Este diploma entra imediatamente em vigor.»

SBOA

gal no estrangeiro» — é ou-
a meta para cuja efectivação
secretário-geral do P. S. se
opõe contribuir. E acrescen-
u: «É indispensável que sai-
mos manter a ordem, embo-
sem quebrar o espírito das
anifestações espontâneas e
pulares — os desordeiros
o os fascistas».

MENSAGEM DA CDE

Em seguida, Helena Neves,
ndidata nas últimas eleições
ra deputados, leu uma men-
gem aos exilados socialistas,
nome da Comissão Exe-
tiva do movimento CDE.

Finalmene, usou da palavra
dr. José Magalhães Godinho
e, extraordinariamente emo-
onado, proferiu uma sauda-
o aos exilados, às Forças
madas e ao Povo Português.

Mário Soares concedeu ain-
uma conferência de Im-
ensa, numa sala do primei-
andar do edifício da gare.
spondendo a perguntas dos
rnalistas portugueses e es-
angeiros, esclareceu que ti-
a entrado no País por deci-
o dos dirigentes do seu par-
lo, sem que tivesse havido
ualquer combate com a
nta.

Mário Soares em Santa Apolónia, com microfones livres! A seu lado está outro socialista ex-exilado, Tito de Morais

O GENERAL ANTÓNIO DE SPÍNOLA RECEBEU MÁRIO SOARES

Desde manhã começou a ustar, em Lisboa, que Má- Soares se dirigiria directa- nte de Santa Apolónia para Cova da Moura, a fim de ser ebido pelo general António Spínola. Aliás, a partir das ve horas da manhã, o pre- ente da Junta Militar mos- u-se interessado em falar com o director do nosso jornal, tendo para o efeito mandado contactar o nosso chefe de redacção pelo telefone.

Efectivamente, depois de ter discursado em Santa Apolónia, Mário Soares dirigiu-se, de automóvel, para a sede da Junta Militar, acompanhado por um cortejo de automóveis e por manifestantes

O secretário-geral do P. S., entusiasticamente aplaudido pela multidão que se aglomerava em frente à Cova da Moura, foi recebido, durante cerca de trinta minutos, pelo general Spínola. Assistiu à entrevista o nosso director Raul Rêgo.

Almada livre veio para a rua com o velho democrata José Alaiz à frente. Alaiz é o homem que em 4 de Outubro de 1910 (64 anos de recordação...) hasteou a bandeira da República na então pequena localidade ribeirinha. Calcula-se a emoção que extravasou e que o rodeou

O PARTIDO COMUNISTA E O MOVIMENTO MILITAR DO DIA 25 DE ABRIL

Com o pedido de publicação, recebemos, assinado pelo Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português, o documento que a seguir transcrevemos:

«1. O movimento militar que, no dia 25 de Abril, depôs Américo Tomás e o governo de Marcelo Caetano, marca uma viragem na situação política portuguesa. O golpe militar culmina o agravamento da crise do regime, de que foram factores determinantes as contradições e dificuldades internas, a luta do povo português e dos povos submetidos ao colonialismo português e a condenação e isolamento internacionais da política do governo. O golpe militar é, ao mesmo tempo, a expressão da adesão de parte importante das Forças Armadas às reclamações democráticas fundamentais do povo português. Abrem-se reais perspectivas para que, num curto prazo, seja liquidada a ditadura fascista, seja posto fim à guerra colonial e seja instaurado em Portugal um regime democrático.

O P. C. P. saúda calorosamente todos os militares, que, no vitorioso Movimento das Forças Armadas, agiram e agem com a firme determinação de que estes objectivos sejam plenamente alcançados.

2. O governo foi deposto, mas o regime fascista não foi ainda completamente destruído. Continuam de pé muitas das suas instituições e instrumentos. As liberdades não foram ainda instauradas. Existe o perigo de um contragolpe dos elementos mais reaccionários. É urgente, por um lado a liquidação do Estado fascista e dos ninhos e forças de conspiração contra-revolucionária e, por outro lado, a participação das forças democráticas e das massas populares na vida política e na obra de renovação necessária e possível no momento presente.

A completa dissolução da PIDE/DGS e de todas as suas estruturas, a amnistia, a libertação dos presos políticos e o regresso dos exilados, a permissão imediata da livre actuação do Movimento democrático, contam-se entre as provas imediatas das reais intenções da Junta de Salvação Nacional e do seu propósito de pôr fim completo ao regime fascista e de cumprir o mandato que lhe foi confiado pelo Movimento das Forças Armadas.

O P. C. P. declara solenemente que apoiará activamente como vitórias da luta popular todas as medidas concretas tomadas para a liquidação do fascismo e a real democratização da vida política portuguesa.

«ELEIÇÕES LIVRES TERÃO DE IMPLICAR UMA LEI ELEITORAL DEMOCRÁTICA»

3. O Movimento das Forças Armadas proclamou na manhã do dia 25 e a Junta Militar confirmou na sua proclamação da noite de 25 para 26 ser seu propósito a instauração das liberdades democráticas e a realização de eleições livres. Trata-se de objectivos fundamentais, por que lutaram sempre, sob a ditadura fascista, o P. C. P. e as forças democráticas e que têm o activo apoio das mais amplas massas populares. As promessas devem transformar-se rapidamente em actos. Alguns pensarão ainda ser possível substituir a ditadura fascista por uma ditadura militar. É necessário impedir que tal projecto possa ser levado por diante defraudando as esperanças do povo português e a vontade dos militares que corajosamente se levantaram para pôr fim ao fascismo e restituir ao povo português as liberdades de que foi privado ao longo de quase meio século de ditadura.

4. A guerra colonial tornou-se um dos problemas centrais da situação política portuguesa. Tratando-se de um problema que interessa toda a Nação, o primeiro passo é acabar de vez com a interdição do seu debate público e abrir a possibilidade real de que todos os portugueses possam expressar e defender livremante a sua opinião.

O P. C. P. insiste em que urge abrir negociações e pôr rapidamente fim à guerra colonial, no reconhecimento do direito à imediata e completa independência dos povos submetidos ao colonialismo português. Quaisquer projectos que visassem manter, sob novas formas, a dominação colonial portuguesa, não só não contribuiriam para a solução do problema, como conduziriam inevitavelmente a um novo agravamento da situação económica, social e política em Portugal.

O povo português deve ser chamado a dizer a última palavra em relação à política a seguir num tão magno problema.

5. A realização de eleições livres para uma Assembleia Constituinte será um passo de capital importância para abrir um processo de transformações democráticas da sociedade portuguesa. Sob nenhum pretexto esse objectivo deve ser desvirtuado. É equívoca a proclamação da Junta ao anunciar, por um lado, eleições para uma Assembleia Constituinte e, por outro lado, a eleição do Presidente da República, dando portanto já como aprovada determinada disposição constitucional que só a Assembleia poderá vir a decidir.

Eleições livres terão de implicar uma lei eleitoral democrática, um recenseamento honesto controlado pelo povo, o direito de actuação dos partidos políticos, as liberdades de imprensa, de propaganda e de reunião, e a fiscalização efectiva do acto eleitoral.

Na situação específica agora existente, a melhor garantia para a realização de eleições realmente livres seria a constituição de um governo provisório com a representação de todas as forças e sectores políticos democráticos e liberais. O P. C. P. declara-se pronto a assumir as responsabilidades respectivas.

«REFORÇAR A UNIDADE NA ACÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA»

6. O P. C. P. adverte contra quaisquer propósitos de discriminação anticomunista. Não pode haver liberdade em Portugal sem a legalidade do P. C. P., principal força na luta contra a ditadura fascista durantes as dezenas de anos da sua existência, luta na qual os comunistas fizeram sacrifícios inigualados. Não pode tão-pouco realizar-se as profundas transformações democráticas da sociedade que os problemas nacionais impõem, sem a activa participação do P. C. P., partindo dos trabalhadores, o grande partido do movimento antifascista português. A legalidade do P. C. P. será o verdadeiro critério da instauração das liberdades democráticas em Portugal.

7. A liquidação da ditadura fascista, a instauração das liberdades, a realização de eleições verdadeiramente livres exigem, que, neste momento crucial, a classe operária, as forças democráticas, a juventude, as massas populares, tomando por um lado uma atitude positiva em relação a quaisquer medidas da Junta militar que vão ao encontro das reclamações populares, desenvolvam por outro lado a mais ampla acção insistindo nas reclamações essenciais do movimento democrático.

É necessário mais que nunca reforçar a unidade na acção da classe operária, das forças democráticas, da juventude, de todos os antifascistas e anticolonialistas portugueses. É também necessário e possível forjar uma sólida união entre as forças populares e os militares de sentimentos democráticos (oficiais, sargentos e soldados), que intervieram numerosos no movimento militar .Essa união será nas condições presentes uma das mais sólidas garantias da liquidação final do fascismo, da instauração de um regime democrático em Portugal, da paz, da defesa de independência nacional.

8. Fica assim claramente definida a posição do P. C. P. em relação ao Movimento militar de 25 de Abril, imediatamente após a proclamação à Nação da Junta de Salvação Nacional, feita pela R .T. P., na noite de 25 para 26.

Está ao alcance do povo português a liquidação da ditadura, o fim da guerra, a instauração de um regime democrático. Da unidade, da organização e da acção pronta e audaciosa de todos os democratas depende fundamentalmente que tais objectivos sejam alcançados.

26 de Abril de 1974

O Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português.»

UMA «ESCOLA TÉCNICA» SINISTRA —A DA PIDE-DGS EM SETE RIOS

Sábado, 14 horas, Largo de Sete Rios. A multidão, postada em frente de um dos antros da PIDE//DGS, a Escola Técnica da odiosa organização, aplaude as tropas e mantém-se atenta ao mais pequeno sinal da possível aparição de um Pide. Desnecessário, porém — os fuzileiros ocupam o edifício que os seus indignos habitantes deixaram há muito. Agora resta o espólio, estranho e sórdido legado que aparece como um insulto à dignidade de cada um. Cá fora a multidão agita-se de quando em quando, mas já não há, felizmente, pides que incomodem. Resta o edifício sombrio (como os negregados propósitos que serviu) para onde, ainda há oito dias, muitos e pacatos cidadãos olhariam com justificado receio.

E o oficial que comanda a pequena companhia de guarda ao edifício, que franqueia as portas aos jornalistas e elementos da C. D. E. Diz: «Vão ver tudo o que quiserem. Nada temos a esconder. Só queremos que não mexam em nada, até para própria segurança pessoal. Confiamos em vocês».

E a estranha visita começa. Há em todos uma mistura de ansiedade e repulsa, quando entramos numa divisão que serve de ginásio. Dois sacos para treino de «boxe» e um grande colchão para luta, esperam. Aqui se treinavam os pides na luta, para enfrentarem e derrotarem com facilidade o seu adversário — que era, afinal, qualquer um de nós que estivesse na sua mira. Anexo ao ginásio um cubículo. De lá retira com presteza o oficial que nos acompanha, uma pistola descarregada, arma que estava para ali abandonada.

Outra sala: emblemas braçais, duas coleiras para cães e objectos desarrumados cobrem o tampo de uma mesa. Na parede, uma grande fotografia encaixilhada mostra-nos certa manifestação no Terreiro do Paço, na década de 50. Uma daquelas manifestações que nós sabíamos «espontâneas», com viagens pagas e transportes à disposição...

Livros do ensino liceal por aqui e por ali numa desordem, abandonados pelos donos em fuga. Um bar: perto um balde de gelo para «whisky» espera, vazio. Ao fundo um retrato de Salazar, dos anos 50. Na dependência contígua, cobrindo a quase totalidade da parede, uma estante com 9 prateleiras e nelas cerca de 2000 livros.

E que o leitor não se espante: vimos obras de Lenine, Karl Marx, sobre Staline; toda uma bibliografia sobre marxismo, comunismo e sociologia («Sociologie», de Gurvitch, por exemplo). E mais: «Código do Processo Penal», «História do Padroado Português», «História do Comunismo», «Ultramar e Oriente» boletins e revistas esrtangeiros, «Política de Salazar», obras de Marti, revista «AlémMar», etc. Como se vê os elementos da PIDE-DGS tinham excelentes obras de consulta para se ilustrarem sobre as mais diversas doutrinas políticas, podendo, se quisessem, confundir o adversário incauto com a sua argumentação. E vá lá pensar-se que eles eram fascistas... e da polícia política.

O MUSEU NEGRO — APESAR DE TUDO UM ARQUIVO PRECIOSO

Os jornalistas estão agora noutra sala. Ali tinham os Pides as suas aulas teóricas. Carteiras distribuídas pela casa e um projector para «slides» dão-nos conta disso. Atrás do projector uma habitação em miniatura em que se representa, no interior, uma salinha de estar. Provavelmente por ali se estudaria como espiar a casa do pacato cidadão sem se ser visto ao mesmo tempo que o conhecimento da topografia do local constituiria elemento precioso para se estar a par das entradas e saídas de quem lá vivia e atacar a vítima no momento oportuno. Agora a sala o projector e as carteiras ali etavam sós — felizmente inúteis. Ao canto um mapa com indicações de tipos sanguíneos e de dactiloscopia.

Poucos passos andados e temos a seguir um Museu. Vitrinas no meio da casa dominam o conjunto. À entrada dois prelos, e, coladas, nas paredes, fotografias dos manifestantes do Maio de 68, em Paris, apreendidas aos universitários portugueses. Nas vitrinas, em várias prateleiras, há todo um arquivo precioso, que cumpre aproveitar. O local onde se encontrava é que o torna negro, mas transportado para lugar decente e condigno constituirá um interessante legado histórico. Expliquemo-nos: os Pides (sabe-se lá por que odiendos processos) conseguiram reunir uma boa colecção de vultos da antiga Maçonaria Portuguesa, onde avultam figuras como as de Norton de Matos, Heliodoro Salgado, Manuel António Dias, José Manuel Cunha Meneses (Grão-Mestre) e Conde das Antas, algumas destas fotografias autografadas. É evidente que em 1912, data em que nem sequer existia ainda a PIDE os elementos da Maçonaria não iam (nem também suas famílias, mais tarde) oferecer retratos autografados a tão odiosa corporação. Há, igualmente, uma foto da Loja da Maçonaria, curioso documento que representa figuras que tiveram grande relevo na vida portuguesa, no princípio deste século.

Vemos, depois, outras coisas: galhardetes em grande quantidade, uma constituição do Oriente Lusitano, estandartes das lojas maçónicas; folhetos e targetas; um retrato de «Che» Guevara (imagine-se!...) o emblema do nacional sindicalismo; muitas vinhetas, medalhas e objectos vários. Na parede, outro cartaz: «O Sanches Dia 10 na Boa Hora vai ser julgado». A meio dos dizeres o retrato de Sanches. Claro que este cartaz foi apreendido aos estudantes, como muitos outros que havia por ali espalhados. Noutro de banco do Biafra. O fotó P. L. A. intitulados «Estruturas Políticas do M. P. L. A.»; perto, bandeirinhas com a cruz suástica. A seguir: notas de banco do Biafra. O fotógrafo que nos acompanha encavalita-se num dos nossos colegas — ele não vai perder este documento e a máquina actua, mesmo de esguelha.

Passamos a outra divisão da casa e sobre uma prateleira domina a bandeira vermelha do Partido Comunista Português. Depois uma longa estante com livros apreendidos àqueles que sofreram as violências da PIDE. São muitos os autores, entre os quais Jorge Amado. Cerca de mil volumes que aguardavam agora a curiosidade dos seus novos e repelentes leitores.

Depois vêem-se matrizes e gravuras, galés de composição e restos de composição de uma tipografia; fotocópias do jornal «Avante», do Partido Comunista Português; selos do M. U. D. e publicações do M. U. D. Juvenil. Muitos dos nossos leitores sabem a importância que tiveram estes elementos de propaganda junto das camadas populares no sentido da sua consciencialização política — consciencialização feita clandestinamente (e que originou a prisão de muitos dos que estimulavam) que mesmo assim ia produzindo os seus efeitos.

DAS FOTOGRAFIAS DE TORTURAS À CAPELA COM ALTAR

No 2.º piso a Escola Técnica da PIDE-DGS tinha montado um ginásio para judo; trata-se de um sótão desconfortável, tendo lateralmente uns estranhos vãos que terminam sob a estrutura de madeira do telhado. Para que serviriam tais vãos? É possível que para nada. O certo é que havia portas a vedá-los. Junto de nós e com toda a possível segurança dois fuzileiros abriram a nosso lado uma que se encontrava ainda por desvendar, apontando pistolas para o interior. Lá dentro silêncio e escuridão apenas — de qualquer Pide nem a sombra, felizmente.

Pela casa havia camas, cadeiras, colchões e os restos de uma farmácia; paus de bandeira, caixas vazias que tiveram morteiros; estranhos objectos de madeira que parecem destinados à tortura (dizem a nosso lado: «punham isto nos ouvidos das pessoas para que fossem perturbadas por ruídos estranho»); um aparelho com todo o aspecto de sistema de tortura em que se apoia o braço. A um canto, cobertas de pó, duas pinturas de criador de décima-terceira ordem, representando os retratos de Salazar e Craveiro Lopes; espalhadas por aqui e por ali fotos de judo. Cheias de pó e muito sujas, molduras enquadram desenhos esquemáticos de armas diversas; embrulhos que parecem cheios de papéis.

— Não abram, diz o oficial, é uma questão de segurança. Não sabemos o que aí está. A seu tempo o veremos.

O 2.º piso tem janelas para todos os lados, menos para o Largo de Sete Rios. Descemos, enfim. Outra sala de aula, tipo instrução primária, se mostra a nossos olhos; ainda outra sala onde há material escolar diverso. A seguir as instalações da revista «Continuidade», órgão da PIDE-DGS, com ficheiro dos que a recebiam. Nas paredes: fotos de cidadãos identificados, que certamente estariam sob vigilância, primeiro, para serem presos a seguir. Também havia fotos indicativas de como o disfarce transforma as pessoas com chapéu, sem chapéu, com bigode, sem bigode, de cachecol ou sem ele. Em frente, retratos de cidadãos portugueses alguns bem conhecidos pelas múltiplas vezes que passaram pelas prisões da P. I. D. E.: Palma Inácio, Jaime Serra, Henrique Galvão, Álvaro Cunhal...

A seguir outra sala-museu (ao que parece, em organização). No chão, armas apreendidas aos rebeldes na guerra de Africa, dispositivos de granadas e pentes de balas. Ao fundo: como a simbolizar a queda da PIDE depois de tanto mal ter causado aos portugueses, uma seta inclinada, quase a cair, espetada num alvo. Mas a seguir temos um verdadeiro depósito de livros — mais livros apreendidos aos presos. E há mais cartazes de propaganda eleitoral — os Pides querem saber como se faz a propaganda das eleições e «estudam-na».

Noutra sala uma mesa está repleta de fotografias. Trata-se de saber o aspecto que apresentam os presos cujo corpo é queimado com pontas de cigarro e flagelado de outras formas. Homens e mulheres semi-nus, corpos mutilados tudo passa por ali num cortejo de misérias que mais parece a sequência de um sonho mau.

Os Pides tinham refeitório e cozinha onde se confeccionavam as refeições. Não lhes faltava nada. Última dependência que os jornalistas vêem: o gabinete do director da escola. Em cima da secretária estavam ainda, revistas pornográficas. Um ramalhete de fotografias, agrupadas num «dossier», confere uma nova dimensão psicológica àqueles que tanto condenavam as «depravações» dos outros — que eles próprios praticavam...

Em frente da secretária, afixado na parede um «poema» de Salazar, feito quando tinha 10 anos de idade, do qual damos a parte final: «Grava-te bem na minha alma/bandeira minha querida/que em vida nunca me esqueça/de que à pátria devo a vida/o sangue, a glória, tudo/bandeira minha querida».

Anexa ao gabinete do director uma capela com altar...

RECORDANDO O TRISTEMENTE CÉLEBRE TRIBUNAL PLENÁRIO...

«Às vítimas da tortura dum regime reaccionário endereço uma palavra de compreensão.

— Que não possa a força derrotar a juventude.

— Que a força e a tirania podem dilacerar a carne e o espírito mas não podem impedir a contestação dos «slogans», verdades feitas.

Este banco não é um banco de réus, nem de economias, aqui se têm sentado homens simples, mártires e heróis. Um dia quando for feita a história deste país, muitos dos homens que a fizeram terão por aqui passado».

Recordo aqui as palavras proferidas por um advogado nas alegações dum julgamento no Plenário.

Recordo todas as arbitrariedades, todos os crimes que à sombra da Justiça foram cometidos.

Relembro as palavras dum outro causídico:

«O poder jurisdicional não é suficientemente forte, depende do executivo».

Na minha memória guardo a imagem dos juízes do Plenário, indiferentes, surdos perante a denúncia das torturas na PIDE. Estranhos a todas as alegações, seguros na aplicação de penas severíssimas... em nome da Justiça. Juízes que respondiam assim a requerimentos dos advogados: «Alega o advogado de João Diogo Carvalho, a inconstitucionaldade do decreto 368/72 baseando-se no art. 8.º da Constituição, ao estabelecer que aos arguidos devem ser dados as necessárias garantias de defesa, tornando-lhes possíveis essas garantias de modo a poder entender-se que se impõe a presença de advogado a tais declarações. É certo que em regra os arguidos são assistidos por advogado diante os seus interrogatórios mas a lei pode estabelecer excepções, atendendo a circunstâncias especiais, sendo uma delas precisamente, a do artigo 10.º do citado decreto 368//72 e nem é a única, essa excepção, já que até o próprio Código de Processo Penal determina a substituição do advogado por defensor «ad hoc» ou por uma testemunha, quando aquele advogado interferir durante o interrogatório.

Note-se ainda, que mesmo na instrução contraditória o juiz pode denegar a faculdade de o defensor do arguido intervir, na medida em que a considere com o êxito ou finalidade das deligências.

O complexo problema da lei injusta não pode ser objecto de mera apreciação judicial, não foram de qualquer maneira violados preceitos constitucionais, considerando se improcedente a referida questão prévia». Este um exemplo, um entre muitos. Que nos elucida acerca de um modo de actuação.

Lembro a mãe dum réu que à porta da sala de audiências dizia «Aquelas carcaças estão ali a julgar o meu filho. Porquê? Qual o crime que ele cometeu? Só porque quer o bem do povo...»

A imagem odiosa dos «pides» que ocupavam as duas primeiras filas no Plenário, imagens deprimentes.

Recordo o relato de um dos muitos cidadãos que por lá passou. Perdera 10 quilos; sofrera uma lesão na coluna, teve de fazer um exame no Júlio de Matos, começou a sofrer da vista? Porquê? Foi espancado, torturado, esteve dias e dias sem dormir. E no fim surge uma confissão forjada que iria permitir a condenação — o cárcere.

Fiz um extracto dum requerimento apresentado pelo dr. Salgado Zenha: «Os réus declararam neste Tribunal que funcionários da Polícia Política lhes disseram ser inútil defenderem-se, porque as sentenças do Tribunal Plenário «já estavam fixadas». Além disso todos os réus, sem excepção, também afirmaram em tribunal terem sido seviciados pelos funcionários da PIDE. Sevícias essas que consistiram na privação do sono por períodos extraordinariamente longos, espancamentos continuados subministração de drogas alucinogéneas, além de terem sido obrigados a ouvir, indefesos, várias injúrias à honra dos seus cônjuges, o que também é uma forma de tortura.

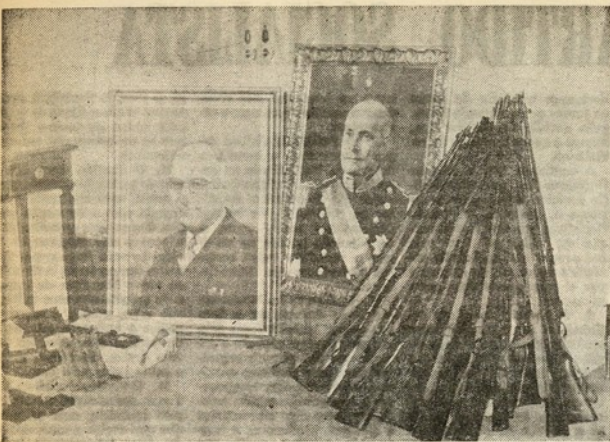
Todos estes factos são prontamente proibidos na lei e previstos e punidos como ilícitos penais».

Hoje quero aqui deixar expressa a minha admiração aos advogados que no Plenário, sessão após sessão, lutaram, argumentaram, provaram e defenderam os acusados de «actividades subversivas». Foi um esforço enorme, esgotante e tristemente inglório. Não havia legalidade que resistisse à arbitrariedade criminosa da PIDE e do Plenário.

Finalmente quero lembrar as condições em que trabalhámos nós, os repórteres de serviço no tribunal. Relato após relato a frustração apossava-se de nós. As verdades eram truncadas, adulteradas, para que o povo não soubesse, para que o povo não se revoltasse.

Relembro a raiva que de nós se apossava, dia após dia quando nos calavam a boca, nos deturpavam o pensamento. Nunca um dos meus relatos do Plenário deixou de ser truncado, nunca a verdade foi soberana.

E a raiva crescia...

C.

Recantos de algumas salas da sede da ex-PIDE/DGS nos quais se podem ver armas, conjuntamente com quadros e móveis que, durante muito muito tempo, constituíram o ambiente diário de trabalho dos opressores do povo português

O GOLPE «VISTO» LÁ DE DENTRO (EM CAXIAS)

por **FIGUEIREDO FILIPE**

O José João Louro costuma ser (às vezes) um pouco exagerado. Mas que diabo! Ali não podia haver exagero. Ou eu sonhava (ou delirava) ou então era verdade. Algo tinha acontecido de muito bom. Sim, porque não é assim impunemente que alguém (mesmo o José João Louro) entra em Caxias, cravo vermelho na lapela com gritos de «Vitória! Vitória! É malta ganhámos, visto ser tudo libertado», não, nem mesmo o Louro seria capaz disso. Havia qualquer coisa. Havia, para além da então possível libertação mais ou menos imediata o findar de algumas horas de angústia. De uma angústia que não provinha propriamente do facto de estar preso, pois que já ali me encontrava há oito dias, mas sim do que poderia estar a acontecer, do que estava certamente a acontecer e que tinha começado a adivinhar na véspera, acontecimento que, para os que estavam cá fora poderia ser formidável, mas que para mim, para nós, os que nos encontrávamos ali em Caxias, apenas poderia servir para nos tirar o sono...

Seriam cinco, seis horas da tarde? Não o posso dizer. Quando havia sol ainda fazia um cálculo — na cela do isolamento, sem jornais, sem nada, temos de inventar entretenimentos. O meu foi «arranjar» um relógio de sol, vendo o rodar da sombra das grades duplas que decoravam o meu novo «apartamento». De qualquer maneira a tarde já ia adiantada quando vi surgir os guardas-republicanos de capacete de aço e em número superior aos dois habituais. Alguns, transportavam metralhadoras ligeiras que não cheguei a ver onde as colocaram. Algo pois se passava, a quebrar a rotina do dia a dia em Caxias (para além dos «passeios» mais ou menos inesperados ao reduto sul, onde decorriam os interrogatórios).

Depois, comecei a reparar no vai-vem constante do «Triumph» do director da prisão, e ainda três automóveis que, vindos de reduto sul, passaram a grande velocidade frente à prisão. Havia certamente qualquer coisa de estranho a acontecer algures, mas não seria certamente os guardas a informar-nos. Esses mantinham-se quedos e mudos. Mas a mensagem viria até nós, transmitida pelo «clason» de um automóvel que, em código morse anunciava «golpe de Estado em Lisboa». Frase lacónica que não podia acalmar quem estava ali dentro, tal como, os acenos de um grupo de jovens de um bairro de lata, mesmo em frente ao presídio, nos faziam. Sim, porque um golpe de Estado poderia vir de qualquer lado... e depois, não éramos nós, presos políticos, não estávamos ali à mercê de quem nos prendera, a P. I. D. E.? Se o golpe de Estado fosse do «lado bom», não poderíamos vir a ser tomados como reféns ou pior, a ser vítimas de represálias? Mas que podíamos fazer? Aguardar, mas angustiadamente.

Não houve recreio nesse dia como não haveria a visita do encarregado da prisão antes do deitar, houve, isso sim, a noite angustiante, já disse, que não queria ser apanhado a dormir. Estendido na cama, de ouvido atento ao menor ruído do corredor, aguardei o raiar do dia, para me precipitar para a janela, e ver se algo de novo se passava ou tudo tinha voltado à normalidade. E observei a mudança, uma mudança que, embora me acalmasse, nada me dizia sobre o que efectivamente se passava. Vi os pára-quedistas a tomarem posições no muro de protecção, m[illegible] lá estavam igualmente os guarda-republicanos habituais, agora sem capacete. Dera-se o «golpe», estava ali a confirmação, mas qual a sua orientação, nada podia concluir, pensei apenas que, para nós, ali presos em Caxias, tudo poderia continuar na mesma ou endurecer. Só não pensei que poderia vir a obter a libertação imediata. Foi então que surgiu o Louro e com ele os gritos de Vitória e — visão tão extraordinária como o próprio Louro — os fuzileiros navais, cravos vermelhos na camisa ou nas armas, rostos sorridentes e acenos amigos...

Ainda não estava bem consciente do que se passava quando a porta da cela se abriu nas minhas costas. Dou meia volta rápida e encaro, não com o carcereiro, mas com um oficial de Marinha, que me pergunta: — Porque está aqui? Respondo: — Acusado de actividades subversivas, e oiço o inacreditável: — Está livre, pode sair

Não sei como, encontro-me no corredor, tal como o vizinho do lado, o Orlando Gonçalves, do «N. A.», e o Sérgio Ribeiro, e o Tengarrinha e o Sena Lopes e todos os outros que se encontravam no corredor. E vieram os abraços e (porque não dizê-lo), as lágrimas. Abraçados ainda, chegámos ao pátio, onde outros camaradas já se encontravam ou iam chegando a pouco e pouco, e foram mais abraços e mais lágrimas. E foi muita alegria que nem a notícia de que teríamos de regressar às celas, porque ainda havia problemas a resolver, iria roubar.

Agora, embora ainda isolados (estivemos assim as primeiras horas de espera), já não era a angústia ou o receio que sentíamos, era antes a impaciência de saber se vivíamos ou não um sonho. Foi um dia que custou a passar, este 26 de Abril. Para nós e para a multidão que lá fora esperava por nós, exigindo a nossa libertação, cantando, e que assim se manteve ,de pé firme, até que o último de entre nós abandonou aquela casa de tão tristes recordações, para muitas centenas, se não, milhares de portugueses que por ali passaram pelo «único crime» de quererem construir um Portugal livre, um Portugal que fosse efectivamente de todos os portugueses.

Saí de Caxias, como nunca tinha sonhado que pudesse vir a acontecer, de uma maneira que compensou em muito, o facto de não ter podido acompanhar de perto o desenrolar do golpe militar que restabeleceu em Portugal as liberdades fundamentais, afinal momento por que sempre lutara.

Percorridos os primeiros metros de estrada, já fora da prisão de Caxias, passada a barreira dos fuzileiros navais que efusivamente nos saudaram, abriram-se alas de povo, dos que tinham esperado aquele momento durante muitas horas, e que nos aclamaram, beijaram e abraçaram, não a mim propriamente dito, mas à Vitória que para todos nós representava o preso político, que neste caso era eu, estar ali nas circunstâncias em que estava. Era a Liberdade! Não a minha, mas de todos, dos que saíam de Caxias, como os de que ali estavam fisicamente ou em pensamento. Era, afinal, a confirmação de que «o Povo unido jamais será vencido».

E digo-o sinceramente, não sei o que mais me emocionou naquele momento, se o facto de estar livre, se o encontro com a família ou se o sentir-me envolvido por aquela multidão; se o abraço de uma jovem, a palmada nas costas, de alguém ou o aperto de mão daquele homem já idoso, que chorava, chorava ainda mais do que eu!

CENTENAS DE CIDADÃOS ESTÃO AINDA PRESOS EM CAMPOS DE INTERNAMENTO

— recorda a C.N.S.P.P. num comunicado ao País

A Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos divulgou ontem, em Lisboa, o seguinte e importante «Comunicado ao País»:

«1. A Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos saúda com emoção todos os ex-presos políticos, regozijando-se pelo seu regresso à liberdade.

2. Congratula-se pelo facto de ter concretizado a veemente aspiração do povo português, retomada num dos pontos do programa do Movimento das Forças Armadas e cumprida pela Junta de Salvação Nacional, a quem igualmente saúda.

3. Acentua a necessidade de se pôr termo às medidas administrativas de segurança que mantém na prisão, sem julgamento, centenas de cidadãos, em campos de internamento no Ultramar, de que são exemplo o Tarrafal, São Nicolau e Machava.

4. Coloca à disposição das autoridades todos os elementos de que dispõe, e bem assim todos aqueles que continua a reunir e que contribuirão para o esclarecimento da opinião pública no que respeita ao problema da prisão e tortura de cidadãos pela PIDE/DGS.

5. Esta Comissão Nacionl está certa de que a divulgação das atrocidades cometidas pela polícia política fascista constitui um passo fundamental na conciencialização do povo português, quanto à forma bárbara como aquela corporação actuou, com total arbítrio, ao longo de dezenas de anos.

6. Sublinha que tais atrocidades só se tornaram possíveis porque toda uma hierarquia nos poderes do Estado sancionava a sua prática.

7. Para o apuramento das responsabilidades — o que constitui um imperativo da consciência nacional — está a CNSPP à inteira disposição das autoridades judiciais que de tal virão a ser incumbidas».

O CAPITÃO MALTÊS À SOLTA

O tristemente célebre capitão Maltês, que comandou sangrentas repressões da Polícia da Choque, ainda não foi detido ou despromovido. Esse conhecido «polícia nazi», que o ano passado em Aveiro teve a ousadia de envergar uma farda do Exército, ao comandar aquela Polícia contra pacíficos manifestantes, poderá continuar em liberdade? Não será tanto, ou mais perigoso que qualquer agente da ex-DGS?

Regresso colectivo de exilados

Centenas de exilados políticos, radicados há vários anos em França, sobretudo na região de Paris, tencionam entrar colectivamente em Portugal, nos próximos dias, vindos de comboio.

Englobam membros de diversas correntes políticas, particularmente dos anti-reformistas.

PRINCÍPIOS DO PARTIDO SOCIALISTA

O Partido Socialista Português divulga, por intermédio de «República», a declaração de princípios que serve de introdução ao seu programa político, aprovado num congresso efectuado há cerca de um ano, na Alemanha Ocidental. Neste congresso participaram os principais componentes do Partido, tanto os que representavam a organização do exterior, como os delegados da organização do interior.

Eis o texto em questão:

1. O Partido Socialista é a associação política dos portugueses que procuram na democracia socialista a solução dos problemas nacionais e a resposta às exigências históricas do nosso tempo.

2. O Partido Socialista tem por objectivo a edificação em Portugal de uma sociedade sem classes, em que os trabalhadores serão produtores associados, o poder, expressão da vontade popular e a cultura, obra da capacidade criadora de todos; entende o Partido Socialista que essa finalidade, implicando uma nova concepção de vida, só pode ser alcançada mediante a construção do poder dos trabalhadores, no quadro da colectivização dos meios de produção e distribuição e do planeamento económico com pluralidade de iniciativas.

Sem excluir o que a democracia burguesa trouxe de progressivo — legado que aliás a burguesia hoje renega —, o Partido Socialista luta pela edificação de uma nova sociedade que não tenha como fundamento o salariato e o lucro, a alienação do trabalho ou da consciência, o império das categorias mercantis e das relações jurídicas coercitivas, a exploração e a manipulação do homem pelo homem.

3. Herdeiro de toda uma tradição de luta das classes trabalhadoras pelo socialismo democrático, consubstanciado em diversas correntes que ao longo do último século têm combatido contra a opressão capitalista, o Partido Socialista propõe-se realizar a síntese das várias correntes que aspiram ao socialismo em liberdade. Tanto os que acentuam a necessidade de instituições que garantam o pluralismo político e ideológico, o exercício do poder por delegação representativa do sufrágio universal, a separação dos poderes, o contrôle do executivo pelo legislativo, como as que defendem a exigência da democracia local, da democracia directa na base, da iniciativa sindical, dos conselhos operários, do cooperativismo, da autogestão. O Partido Socialista entende, com efeito, que uma democracia de Estado sem democracia de base corre o risco de se afastar do Povo, e que uma democracia de base sem democracia do Estado corre o risco de cair ou na inoperatividade ou no totalitarismo.

4. Sob o impacto da experiência internacional do socialismo e criticamente atento às suas lições, o Partido Socialista considera como inspiração teórica predominante o marxismo, permanentemente repensado como guia para a acção e nunca concebido como corpo dogmático, e reconhece a validade da contribuição dos cristãos empenhados na luta pelo socialismo.

5. Considerando a revolução socialista soviética como marco fundamental na história da humanidade, e a importância das revoluções sociais realizadas na China, na Jugoslávia, em Cuba e no Vietnam, entre outras, assim como a originalidade da experiência da Unidade Popular no Chile, o Partido Socialista propõe um socialismo que acolha e desenvolva o pluralismo, no respeito da dignidade do homem, na prática da livre crítica, no exercício da cidadania e na organização de um Estado de Direito. Entende que a caminhada para o socialismo comporta diversidade de vias, dependendo fundamentalmente das estruturas económico-sociais e políticas de que parte e das formas de mentalidade e características de civilização dos povos a que respeita. Inscrevendo-se contra os modelos burocráticos e totalitários que, por razões históricas e contraditoriamente à inspiração essencial do marxismo, o socialismo seguiu em certos países, o Partido Socialista propõe-se procurar, no debate das ideias e na acção popular e proletária, a via portuguesa para o socialismo em liberdade, aproveitando a experiência de outros povos e atendendo ao condicionalismo da Península Ibérica.

6. O Partido Socialista combate o sistema capitalista e a dominação burguesa. Recusa os métodos tecnocráticos e está certo de que, em parte alguma, o neocapitalismo conseguirá instaurar uma sociedade inspirada pelos ideais da igualdade social, antes vai agravando, sob formas insidiosas, a exploração do maior número pela minoria. O Partido Socialista repudia enganadoras miragens de sociedades que só formalmente se apresentam como democráticas, e se definem como sociedades de consumo, quando na realidade reforçam a desigualdade entre os homens e frustram as suas mais legítimas aspirações, nem sequer oferecendo uma solução cabal ao problema da miséria mesmo em regiões altamente desenvolvidas no plano tecnológico.

7. O Partido Socialista repudia o caminho daqueles movimentos que, dizendo-se social-democratas ou até socialistas acabam por conservar deliberadamente ou de facto, as estruturas do capitalismo e servir os interesses do imperialismo.

8. Membro da Internacional Socialista, associação de partidos socialistas e social-democratas, sem poderes de interferência na definição da linha própria de cada partido membro, o Partido Socialista declara-se solidário de todas as forças que no mundo lutam pelo socialismo democrático, contra o capitalismo e o imperialismo.

A confiança que o Partido Socialista tem na solidariedade humana envolve todos os povos e, portanto, o Partido Socialista procura a colaboração de todos na luta pela construção da sociedade socialista universal, na luta pela paz e pela convivência entre as nações.

9. O Partido Socialista define-se como radicalmente anticolonialista, defende o direito à autodeterminação e à independência dos povos sob dominação colonial. Assim, denuncia como um dos mais graves crimes da ditadura fascista a política de exploração e de opressão dos povos das colónias portuguesas, responsável pela eclosão das guerras em Angola, Moçambique e Guiné. Perante uma tal situação, que se arrasta infindável, e que pode alargar-se ainda a outros territórios, o Partido Socialista preconiza a abertura imediata de negociações com os movimentos nacionalistas africanos, como meio de acabar com uma guerra profundamente injusta e opressora dos povos das colónias e que, ao mesmo tempo, sacrifica o Povo Português — e especialmente a juventude — para servir os interesses dos grandes monopólios nacionais e estrangeiros.

10. O Partido Socialista segue atentamente e considera de grande importância as experiências dos Partidos Comunistas que se propõem respeitar os valores do socialismo democrático assim como a contribuição trazida ao movimento socialista pelos sectores inovadores da Nova-Esquerda.

11. O Partido Socialista propõe-se desenvolver a luta das classes trabalhadoras pela sua própria emancipação e entende que lhe cumpre organizar para esse combate operários e empregados, camponeses e assalariados rurais, estudantes, pequenos empresários e quadros, professores e intelectuais, e todos aqueles que não dissociem os valores do progresso da luta coerente pelo socialismo.

12. Consciente de que o fascismo e o colonialismo são as formas mais opressivas e brutais que reveste o capitalismo, o Partido Socialista considera que, no momento actual da vida portuguesa, o combate antifascista e anticolonialista é condição da destruição da sociedade capitalista e da construção do socialismo. Esse combate, visando a eliminação dos suportes sociais do fascismo e do colonialismo, considera o Partido Socialista dever realizá-lo em unidade de acção com todas as outras forças que se reclamam dos mesmos objectivos.

13. O Partido Socialista é uma organização dirigida para a acção, essencialmente preocupada com a formação política das massas trabalhadoras e com a sua intervenção na vida do país. Rege-se por métodos democráticos e reconhece plena liberdade de crítica e de opinião aos seus militantes; estes, porém, comprometem-se a aplicar a orientação do partido e as decisões dos seus órgãos directivos, eleitos e controlados pela base.

14. O Partido Socialista não é uma organização secreta. É, pelo contrário, uma organização que aspira a uma vida legal feita inteiramente à luz da publicidade. No entanto, dadas as condições anormais da vida política portuguesa, a repressão policial e a ausência de garantias efectivas que protejam os cidadãos contra os abusos do poder, é uma organização que exige dos seus militantes o «sigilo», como forma de defesa contra as perseguições fascistas. A resistência à repressão policial, o não falar perante a polícia política, são títulos de honra e deveres indeclináveis de todos os militantes do Partido Socialista.

O PRIMEIRO COMUNICADO DO PARTIDO SOCIALISTA

(Continuado da 1.ª pág.)

mocracia socialista a solução dos problemas nacionais e a resposta às exigências históricas do nosso tempo, conforme se enuncia na sua Declaração de Princípios, elaborada na clandestinidade a que a ditadura o condenou, como às demais organizações democráticas, e que se anexa a este comunicado.

Deliberou o Conselho Directivo, em confirmação de deliberação já anteriormente tomada, por considerar que o programa do Movimento das Forças Armadas publicamente divulgado e o compromisso tomado perante ele pela Junta de Salvação Nacional garantem uma via para o restabelecimento da Democracia em Portugal, emergir dessa clandestinidade, para aparecer claramente à luz do dia, a fazer ouvir a sua voz e a dar a sua colaboração e a das massas populares e trabalhadoras que o apoiam na solução dos problemas da nação portuguesa.

2 — O Partido Socialista, consciente das suas responsabilidades, solidariza-se com a luta do Povo Português e saúda o Movimento das Forças Armadas e a Junta de Salvação Nacional, como expressão desse Movimento.

Considera que o cumprimento do programa do M. F. A., entendido como um conjunto de medidas que é indispensável levar à prática nesta fase de transição para a democracia, constitui um primeiro e importante passo na via que, sob o impulso da luta das classes trabalhadoras, há-de conduzir à instauração no nosso país de uma democracia socialista.

3 — O Partido Socialista define como objectivos mais urgentes da nação portuguesa, além dos que já constam do programa do M. F. A.:

a) O fim das guerras coloniais, com imediato cessar-fogo e abertura de negociações com o Estado da Guiné-Bissau e os movimentos de libertação de Angola e Moçambique, na base do reconhecimento do direito dos respectivos povos à autodeterminação e à independência;

b) Amnistia imediata para todos os que, por imperativos de consciência, se recusaram a prestar o serviço militar;

c) Libertação de todos os presos políticos nas colónias;

d) Direito de voto a partir dos 18 anos e para os emigrantes;

e) Eleições urgentes por sufrágio universal e democrático para as Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais, como condição prévia de eleições para a Assembleia Constituinte;

f) Afastamento da vida política de todas as pessoas que têm sido a expressão do regime deposto e sua substituição por cidadãos fiéis ao programa do M. F. A.;

g) Luta contra o domínio dos monopólios, inteira liberdade de organização sindical e estudantil, acompanhada da liquidação do corporativismo;

h) Estabelecimento de relações diplomáticas com todos os países.

4 — O Partido Socialista vai dar urgente e ampla divulgação ao seu programa, que será submetido ao Congresso, organismo supremo, a convocar, perante o qual todos os seus dirigentes deporão as funções que exercem, para que o Congresso decida em todas as matérias de orientação e organização. Até lá vai proceder a uma larga campanha de recrutamento e de ligação à classe operária, com a abertura de sedes públicas, publicação de imprensa própria, angariação de fundos, reforço orgânico e a realização de todas as demais tarefas prementes desta hora.

5. — Finalmente, o Conselho Directivo, na sua reunião, proclamou o firme propósito de prosseguir numa política de unidade ampla, pela participação franca e dedicada dos seus companheiros e amigos na C. D. E. e outras comissões do movimento democrático unitário, no movimento sindical, nas lutas dos trabalhadores e estudantis, no movimento cooperativo e na Liga dos Direitos do Homem.

Manifestou também o seu repúdio por qualquer tratamento preferencial, reivindicando como para si o pleno direito de todos os partidos democráticos e populares se organizarem e actuarem em condições de perfeita normalidade. — Lisboa, 28 de Abril de 1974. — O CONSELHO DIRECTIVO.»

A F.P.L.N. (ARGEL) PEDE O RECONHECIMNTO DA JUNTA PELOS GOVERNOS OCIDENTAIS

A Frente Patriótica de Libertação Nacional (F. P. L. N.) emitiu o seguinte comunicado:

«Os governos ocidentais, que não hesitaram em reconhecer a Junta Militar que esmagou as liberdades do povo chileno, hesitam agora em reconhecer a Junta de Salvação Nacional que libertou os presos políticos portugueses, dissolveu a polícia política e anunciou a restituição ao Povo Português das liberdades cívicas que lhe tinham sido negadas.

A F. P. L. N. lança um **apelo a todas as forças democráticas dos países ocidentais para que manifestem a sua solidariedade com o Movimento das Forças Armadas e o Movimento Popular Português, e exijam dos seus governos o reconhecimento da Junta de Salvação Nacional.»**

O comunicado foi já entregue na sede dos serviços de candidatura de François Mitterrand, recebendo a F. P. L. N. a promessa de que iria ser tomada pública posição sobre o problema. Igualmente Edmond Maire, secretário-geral da C. F. D. T., prometeu à F. P. L. N. imediato apoio para esta campanha.

MANUEL ALEGRE E PITEIRA SANTOS VÃO REGRESSAR

Entretanto Manuel Alegre e Fernando Piteira Santos, da F. P. L., vão regressar a Portugal após o longo exílio em Argel, sabendo-se desde já que este chega a Lisboa depois de amanhã, acompanhado da esposa. Foram-lhes dadas garantias pelo coronel Galvão de Melo, membro da Junta de Salvação Nacional, na ocorrência contactando com familiares seus.

OCUPADAS AS INSTALAÇÕES DA CENSURA AOS ESPECTÁCULOS

O Serviço de Censura dos Espectáculos foi ocupada, esta manhã, cerca das 11 horas, por profissionais de cinema, teatro e música.

O chefe desse departamento já não se encontrava no local, correndo o boato de que estará no Ministério da Defesa Nacional.

Encontravam-se no local cerca de 50 funcionários, que não ofereceram resistência. Entre eles foi identificado um elemento da Legião Portuguesa, que veio a ser entregue às Forças Armadas.

Os arquivos foram fechados e as chaves ficaram em poder de uma Comissão de Estudo, formada por representantes dos vários sectores dos espectáculos, os quais, a partir de amanhã iniciarão o estudo de todos os processos.

Os funcionários foram reintegrados e já a partir de amanhã começarão a funcionar com a Comissão de Estudo já constituída.

Descobriu-se que eram usadas determinadas expressões de júris para designar os indivíduos vetados. Uma delas é «da corda».

A P. S. P. não interferiu no acto de ocupação, embora estivesse presente na altura. As Forças Armadas que ali compareceram limitaram-se a deter o indivíduo da Legião.

Levi Strauss
criou a calça Levi's-
a calça que conquistou
o Oeste. E o mundo.
Hoje, Levi's é a marca
mais usada no mundo
inteiro.
E um detalhe interessante:

quanto mais usadas,
mais giras e valorizadas
se tornam as suas Levi's.
Exija Levi's, a marca que
conquistou o Oeste.
E faça também
as suas conquistas.
Descontraidamente.

a vida é livre
com Levi's

MÉDICOS DE LISBOA REÚNEM-SE ESTA NOITE (assembleia de emergência)

A Secção Regional do Sul da Ordem dos Médicos convocou, para esta noite (21.30) uma assembleia de emergência com a seguinte ordem de trabalhos: — estruturação do Sindicato Médico; interferência imediata deste Sindicato na organzação e funcionamento dos organismos de Saúde e Assistência Médica; reintegração de todos os médicos demitidos dos seus cargos profissionais; atitude face aos médicos da Pide-DGS. A recisão foi tomada na passada sexta-feira, em reunião alargada. A Secção está em funções novamente. Foi-se o curador (expulso).

Entretanto, a referida reunião alargada dos corpos gerentes proclamou estes seis pontos:

1. Devolver o poder soberano às assembleias, fazendo-as controlar de perto os corpos executivos.

2. Experimentar fórmulas para dar a devida representação na estrutura orgânica regional e nacional à actividade distrital e aos núcleos de vida sindical mais intensa (Hospitais Centrais, nomeadamente).

3. Estimular uma coordenação inter-regional, através de uma Assembleia Nacional pública, que torne qualquer Executivo Nacional estritamente mandatário desta Assembleia.

4. Realizar assembleias de tipo congresso, para análise colectiva da actividade sindical médica.

5. Vitalizar a vida sindical dos distritos, estimulando assembleias distritais.

6. Assegurar à classe um sistema de informação independente e eficaz para defesa duma informação actual, ampla, exacta, dinâmica, completa e livre.

REPRESENTANTE DA LIGA DOS DIREITOS DO HOMEM NA SEDE DA J.S.N.

Deslocou-se ao Departamento da Defesa Nacional, onde conferenciou com um representante da Junta de Salvação Nacional, o advogado dr. Joaquim Pires de Lima, incumbido de transmitir uma mensagem de felicitações, em nome da Federação da Liga dos Direitos do Homem e da Delegação Portuguesa da mesma Liga em Paris, chefiada pelo professor Emídio Guerreiro.

Durante esse encontro foi tratada igualmente a questão da livre entrada no País dos exilados políticos, entre os quais se contam o citado professor, o prof. José Augusto Seabra e o escritor Fernando Echevarria.

O MOVIMENTO ASSOCIATIVO DOS ESTUDANTES DECIDIU OCUPAR AS INSTALAÇÕES DA «M.P.»

O Movimento Associativo dos Estudantes do Ensino Secundário de Lisboa (MAESL) distribuiu aos órgãos de Informação, um comunicado no qual se declara que «já há longos anos que os estudantes do ensino secundário vêm lutando pela formação de uma Associação de carácter sindical para defesa dos seus interesses».

Depois de apontar «diversas actividades e repressões sofridas, das quais se destaca a expulsão do ensino, por três anos, dos estudantes Rui Gomes e Carlos Indias» (do Lice D. João de Castro), o comunicado anuncia que a direcção do movimento decidiu:

«— Ocupar as instalações da extinta Mocidade Portuguesa.

— Convocar uma assembleia-geral dos estudantes do ensino secundário, a realizar na sexta-feira, dia 3 de Maio, às 15.30 em local a determinar».

Segundo o comunicado, serão debatidos, entre outros, os seguintes assuntos:

1.° — Revogação imediata das suspensões dos colegas Rui Gomes e Carlos Indias, e a sua reintegração imediata nos liceus.

2.° — Revogação de todos os processos disciplinares.

3.° — Novas formas de organização do MAESL.

A terminar, «a direcção do Movimento convoca todos os estudantes do ensino secundário para assistirem ao plenário de todos os estudantes de Lisboa, a realizar no dia 30 às 15 horas no Instituto Superior Técnico».

ESTUDANTES DE DIREITO OCUPAM A ASSOCIAÇÃO

Estudantes democratas da Faculdade de Direito de Lisboa ocuparam esta manhã, cerca das 8 horas, as instalações da sua Associação Académica encerrada desde 1971 e até ao passado dia 25 transformada em quartel-general dos pides-gorilas ali em serviço. Dentro da Associação foram encontrados diversos apetrechos de defesa pessoal utilizados por aqueles indivíduos que, desde sexta-feira, não comparecem na Faculdade, além de muita documentação.

Os estatutos pediam a comparência na Faculdade de um destacamento militar a quem entregaram aqueles documentos que consideram de capital interesse para a descoberta de informadores da PIDE-DGS.

Entretanto, os alunos foram informados da realização, esta tarde, de uma reunião do corpo de assistentes daquela Faculdade.

Estudante-legionário identificado no I.S.T.

Estudantes do Instituto Superior Técnico identificaram um estudante legionáro e obrigaram-no a fazer uma declaração das acções que tinha feito dentro da Escola.

Cerca de 400 alunos puseram-no na rua e o estudante-legionário refugiou-se numa repartição da Caixa de Previdência, na Alameda Afonso Henriques.

Compareceram elementos da Polícia Militar que o detiveram.

«NEM PROVOCAÇÃO NEM APOIO»

— posição do Partido Revolucionário do Proletariado

«Nem provocação, nem apoio. Nem actos isolados, que possam estabelecer a confusão e aproveitar à burguesia, nem atitudes de apoio, que mascarem os verdadeiros interesses em jogo», esta, em súmula, a posição do Partido Revolucionário do Proletariado expresso num comunicado hoje chegado ao nosso jornal acompanhado de um pedido de publicação «ao abrigo da liberdade de Imprensa vigente neste momento».

Segundo o Partido Revolucionário do Proletariado, «os trabalhadores devem constituir-se em comissões de fábrica, de emprego, que debatam o momento político e que elaborem reivindicações. «Estas comissões — diz o comunicado em referência — juntar-se-ão a outras já existentes e que têm desenvolvido as últimas lutas, fortalecendo-se e coordenando-se, para a criação da organização autónoma do proletariado».

E prossegue: «Só a organização dos trabalhadores pode conquistar para estes o poder. Não podem esperar que por milagre lhe venham oferecer numa bandeja».

Para o Partido Revolucionário do Proletariado.

«O Movimento das Forças Armadas» é um movimento que se organiza para a «restituição das liberdades cívicas» ao povo português e para a definição duma «política ultramarina» que conduza à paz entre portugueses de todas as raças e credos» ora as «liberdades cívicas» não chegam para resolver os problemas dos trabalhadores portugueses. Enquanto houver burguesia, enquanto houver patrões, os trabalhadores são explorados no seu trabalho, contribuindo diariamente para os lucros da empresa, para a acumulação da riqueza da burguesia. Muito embora exista liberdade de se escrever nos jornais e liberdade de se falar na rua; a liberdade de explorar a classe operária vai continuar.

Quem continua no poder é a burguesia. O povo hoje vem para a rua e entusiasma-se justamente com a possibilidade de poder gritar e de poder falar livremente sem que a polícia lhe caia em cima. O povo hoje entusiasma-se porque ouve a Junta falar contra os instrumentos de repressão que à longos anos o sufoca.

Mas terá que compreender que a exploração continua, que a burguesia se mantém no poder e que os trabalhadores nada têm a ver nem com a revolta nem com o novo regime.»

Também para o Partido Revolucionário do Proletariado, «as personalidades que estão no poder são heróis da guerra colonial, capazes de travar uma luta das mais cruéis contra os povos das colónias. O facto de neste momento terem percebido que a via militar não é a solução, não significa que outras soluções sejam justas.

Não há «Portugueses de todas as raças e credos», há o povo português e os povos de Angola, Guiné e Moçambique. A única solução justa é a independência imediata, incondicional e completa destes países, há séculos sujeitos à presença colonial portuguesa, contra a qual travam uma guerra de libertação.

Tudo o resto são soluções que apenas visam continuar o domínio económico, social e político por formas mais habilidosas, que caracterizem o neocolonialismo.»

SPORTING, BENFICA E F. C. DO PORTO NOS QUARTOS-DE-FINAL DA «TAÇA»

Sporting, Benfica, F. C. do Porto, CUF, Boavista, Olhanense e União de Tomar, são as equipas já apuradas para os quartos-de-final da «Taça», em virtude das vitórias ontem alcançadas em mais uma eliminatória deste torneio.

O oitavo apurado será conhecido amanhã após novo jogo de desempate entre o Atlético e o Farense.

RESULTADOS DE ONTEM

Sporting-Belenenses	2-1
Benfica-Oriental	8-0
Cuf-Beira Mar	2-0
F. C. Porto-Barreirense	1-0
Atlético-Farense	1-1
Boavista-Famalicão	5-1
Olhanense-Salgueiros	4-1
Avintes-U. Tomar	0-3

O sorteio da 7.ª eliminatória da «Taça» realiza-se no próximo dia 2 — quinta-feira — às 18 horas, na sede da F. P. F.

Perurena comanda a «Vuelta»

• Agostinho em 9.º

Após a etapa de ontem — Sevilha-Córboda, 159 quilómetros — ganha por Perurena, da Kas, e com Tamames (Benfica) em segundo lugar as classificações da «Vuelta» seguem do seguinte modo:

GERAL

1.º Perurena, 24 h. 07 m 26 s 2.º, Eric Leman, 3.º, Thevenet, 4.º Ocaña, 5.º, Lasa, 6.º, Torres 7.º, Manzaneque, 8.º, Abilleira, 9.º Agostinho, 24.08.22, 10.º, Delisle, 19.º, Tamames, 20.º, F. Mendes, 22.º José Madeira, 27.º António Martins; 28.º Joaquim Andrade, 37.º, Joaquim Leite, 46.º Venceslau Fernandes.

GERAL — Pontos

1.º, Perurena 25 pontos; 2.º, Tamamés, 20; 3.º Leman, 17.

GERAL — Montanha

1.º Abileira 31 pontos; 2.º, Oliva, 18; 3.º, Joaquim Leite, 16; 4.º, Torres 11; 5.º Delisle, 8; 6.º, Leman 6; 7.º Thevenet, 6; 8.º, Menendez, 6; 9.º, Fernandes, 5 pontos.

GERAL — Combinada

1.º, Abilleira, 5 pontos; 2.º, Perurena, 4; 3.º, Peelman, 3.º, 5.º, Santrsteban, 2 pontos.

GERAL — (Equipas)

1.º, Peugeot	72 08 05
2.º, Casera	72 08 25
3.º, Kas	72 08 25
4.º, Gribaldy	72 08 29
5.º, Benfica	72 09 50
6.º, Bic	72 11 37

REGAZONI PRIMEIRO NO MUNDIAL DE CONDUTORES

Opós o Grande Prémio de Espanha — 4.ª prova do Mundial — disputado ontem em Jarama, e ganha por Mikki Landa, a classificação actual do Campeonato do Mundo de Condutores é a seguinte:

1.º Clay Regazonni, 16 pontos; 2.º Nikki Lauda, 15; 3.º Em. Fittipaldi, 13; 4.º Dennis Hulme, 10; 5.º Carlos Reuteman, 9; 6.º James Hunt, 9; 7.º Jean P. Beltoise, 8 pontos.

Agenda desportiva

ANDEBOL — Camp. de Lisboa — 2.ª Divisão — no pav. da Ajuda e em Paço de Arcos, às 21.30

HOQUEI EM PATINS — Nac. da 1.ª Divisão — Benfica-Oeiras; Estremoz-Sp. Tomar; Cuf-Belenenses; Salesiana - Cascais e Sporting-P. Arcos às 22.15 nos ringues dos primeiros.

— Nac. 2.ª Divisão — zona de Lisboa — F. Benfica - Queluz; Parede - Sintra; Física-Vilafranquense às 21.45 nos ringues dos primeiros.

TÉNIS DE MESA — Camp. Lisboa Juniores — C. Pia-Larangeiro às 21.30 no Rec. Apolo.

Atletismo

Mamede: «Record» nas 2 milhas

Com o novo «record» das 2 milhas obtido anteontem por Fernando Mamede, durante as provas de Atletismo na pista do Jamor, o «veterano» Manuel de Oliveira é, agora, apenas detentor do «record» dos 3.000 metros obstáculos, conseguido nos Jogos Olímpicos de Tóquio.

Por sua vez Fernando Mamede é agora recordista dos 500, 800, 1.000, 1.500 e 2.000 metros — além das 2 milhas. Carlos Cabral é recordista da «Milha» e Carlos Lopes dos 3.000, 5.000 e 10.000 metros.

Durante as referidas provas do Jamor, que tiveram a presença do filandês Vooitanem, como observador, disputaram-se os «nacionais» de Juvenis em que, tal como no corta-mato, os atletas da Província marcaram assinalável presença, alcançando maior número de títulos que os representantes dos clubes de Lisboa.

Efectuaram-se ainda provas de preparação para o Portugal-Espanha a efectuar em breve, entre jovens nascidos em 1956. Evidenciaram-se os triplo-saltadores e os «sprinters».

TOTOBOLA

Chave do Concurso n.º 34 realizado em 28-4-1974:

Sporting-Belenenses	1
Porto-Barreirense	1
C. U. F.-Beira Mar	1
Atlético-Farense	x
Boavista-Famalicão	1
Avintes-U. Tomar	2
Olhanense-Salgueiros	1
Oviedo-Málaga	x
At. Madrid-Barcelona	1
Valência-Saragoça	x
Echo-Múrcia	1
Santander-Granada	1
Espanhol-Real Madrid	1

OEIRAS E SPORTING PRIMEIROS «EX-AEQUO» NO NACIONAL DE HÓQUEI

Disputou-se ontem a 4.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, em hóquei patinado.

Os resultados obtidos, na Zona Sul, que corresponderam ao que se poderia esperar tendo em vista as classificações das equipas, foram os seguintes:

Oeiras-Estremoz, 7-4; Belenenses-Sporting, 4-6; Cascais-Benfica, 1-3; e Paço de Arcos-Salesiana, 4-2.

A classificação geral é agora comandada pelo Oeiras e pelo Sporting, ambos com 12 pontos, logo seguidos do Benfica, com 10, e do Paço de Arcos, com 8 pontos.

Dos jogos marcados para a Zona Norte, apenas se disputaram dois. Assim, o Oliveirense e o Vigorosa empataram a seis golos e o Valongo venceu a Sanjoanense por 4-3.

OS «CANDIDATOS» DE XADREZ

Depois de uns «quartos-de-final» em que apenas o «match» Petrosjan-Portisch provocou expectativa, decorrem actualmente nas cidades soviéticas de Odessa e Leninegrado as «meias-finais» do Torneio de Candidatos ao Campeonato do Mundo.

Na primeira daquelas cidades, Viktor Korchnoi, numa euforia de «forma» surpreendente, está a vencer o antigo Campeão Mundial Tigran Petrosjan por 3-1, apenas com uma nulidade. Korchnoi triunfou na 1.ª, 3.ª e 5.ª partidas (todas em que conduziu as brancas), e Petrosjan na 4.ª.

Em Odessa, Boris Spassky ganhou a 1.ª partida (com pretas), mas, depois de um empate na 2.ª, foi derrotado na 3.ª. Seguiram-se dois novos empates, e Anatolji Karpov desequilibrou o resultado com uma vitória na 6.ª.

Os jogadores que primeiro consigam quatro triunfos (resultado já quase alcançado por Korchnoi) passarão de eliminatória.

Posteriormente será discutido entre eles, na «final», o direito de defrontar Robert Fischer no próximo Campeonato do Mundo, em 1975.

À refeição LUSO água puríssima

o prato do dia

restaurante
FIDALGO
AMBIENTE SELECCIONADO
COZINHA TÍPICA PORTUGUESA
(Aberto ao Domingo)
Rua da Barroca, 27 • Telef. 32 29 00
BAIRO ALTO — LISBOA

RESTAURANTE
SNACK-BAR **APOLO 70**
BOWLING
AV JÚLIO DINIS, 16-A — LISBOA
(Ao Campo Pequeno)

VINHOS DE OURÉM
ABDEGAS — PELOURINHO — VINHORÉM
ENGARRAFADO POR:
FERNANDO RODRIGUES, LDA.
Telefs. 4 21 25 / 4 21 65
VILA NOVA DE OURÉM
Distribuidores em Lisboa:
BATISTA & VIEIRA, LDA.
Telef. 252 15 87 — Prior Velho — SACAVÉM

RESTAURANTE **AHAMAD**
ÚNICO NO GÉNERO
RUA DA ATALAIA, 3 • TELEF. 32 75 95
BAIRO ALTO — LISBOA
— COMIDA PAQUISTANESA —
— CARIL DE FRANGO, CARNES E MARISCO
— DAL DE GRÃO COM OVO, E DE FRANGO
— KHIMO, LULAS E CHOQUINHOS À PAQUISTANESA
Aperitivos: SAMOSSAS, BAJIAS, KABAB, PAPARIS, ETC.

SABOREIE
A
FONDUE
DESTE
RESTAURANTE
EM AMBIENTE
APRAZÍVEL
TEL. 223 13 40 — SANTANA — SESIMBRA

亞洲餐廳
RESTAURANTE «ÁSIA»
A MELHOR COZINHA CHINESA
SABOROSA E APETITOSA A PREÇOS NORMAIS
Rua da Ribeira Nova, 10 (ao C. Sodré) — Tel. 36 68 23
SERVEM-SE BANQUETES

SNACK-RESTAURANTE

a Fateixa
RESTELO
— NÃO QUEREMOS AFIRMAR QUE SOMOS OS MELHORES DO MUNDO, POR ISSO SUGERIMOS QUE VENHA VER COM OS SEUS PRÓPRIOS OLHOS!...
(ENCERRA AO SÁBADO)
Rua João de Paiva, 7-A • RESTELO • Telef. 61 39 00
(Traseiras do Ministério do Ultramar)

Restaurante TAMBORIM
COZINHA
Portuguesa Russa Italiana
Francesa Indiana Húngara
ESPECIALIDADES DA CASA
Bacalhau à Zé do Pipo — Borsch
Bife Stroganov — Frango à Kievé
Escargots à Burgognaia — Linguado recheado
Canelloni — Trutas aux vert
Gulasch — Filet mignon aux champignons
Direcção de Alexandre Doukarsky
RUA GOMES FREIRE, 14 — Telefone 4 62 47 — LISBOA

RESTAURANTE
S. LOURENÇO
...A 15 MINUTOS DE LISBOA
RECOMENDAMOS:
— PATO NO FORNO À PORTUGUESA
— DOÇARIA DE AZEITÃO (TORTAS)
VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO • T. 2080164

RESTAURANTE
antónio
O MAIS COPIADO
Cozinha Típica Portuguesa
Algumas especialidades:
Petingas com açorda — Jaquinzinhos — Pastéis de bacalhau — Chispalhada à António
RUA TOMAZ RIBEIRO, 63 • (Junto ao Metro)
Telefone 53 87 86 — LISBOA

MORDOMO
RESTAURANTE — SNACK
• COZINHA PORTUGUESA
• ESPECIALIDADES NO CHURRASCO
Ar Condicionado
RUA DR. GAMA BARROS, 27-A — Telef. 73 04 76
(Metro: Roma — Junto Teatro Maria Matos) — LISBOA

GOSTARIA DE COMER BOA CARNE?
ENTÃO VENHA AO NOSSO RESTAURANTE E PEÇA O DELICIOSO
FONDUE
Av. Infante Santo, 13-15
Telef. 67 60 07 — LISBOA
ALÉM DESTA NOSSA ESPECIALIDADE TODOS OS DIAS PRATOS ESPECIAIS

CAFÉ «ÍMPAR»
DOÇARIA REGIONAL CASEIRA
NO
BAR RIBATEJO
ABRE ÀS 7 HORAS
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D — TEL. 72 82 96

RESTAURANTE — SNACK-BAR
O BACANO
• JUNTE-SE AOS BACANOS!
• VENHA ATÉ CÁ!...
SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES AO NÍVEL DE ADMINISTRAÇÃO

com ar condicionado
AV. JOÃO CRISOSTOMO, 47-C — LISBOA
TELEF. 53 38 39

RESTAURANTE

MINABELA
RUA D. DINIS, 15 — REBOLEIRA
1.ª CATEGORIA
SECÇÕES DE: SNACK — SELF SERVICE
PASTELARIA E SALA DE JOGOS
AO SERVIÇO DO TURISMO EM PORTUGAL
Ambiente requintado — Decoração século XVII
TELEFONE 93 06 15

Colina
RESTAURANTE
SNACK-BAR
2.ª-FEIRA — Arroz de coelho
— Vitela à Jardineira
3.ª-FEIRA — Lulas à moda da Nazaré
— Feijoada à Trasmontana
RUA FILIPE FOLQUE, 46 A — LISBOA
(Esquina da Av. Duque d'Ávila) / Telef. 56 02 09

A LAREIRA
Restaurante onde pode dançar
Salão para Banquetes, Casamentos e Baptizados
A LAREIRA fica na Praça das Águas Livres às Amoreiras, com os telefones 68 96 27 e 68 95 30
GRUPO D — 18 ANOS

PARQUE MAYER

● **Restaurante TOLEDO**
Rua Alexandre Ferreira, 34-A.B (ao Lumiar) — Telefone 79 37 60
2.ª-FEIRA
— Bacalhau à Marinheira
3.ª-FEIRA
— Entrecosto à Provinciana

● **Café Restaurante**
TRINDADE (Anarquistas)
SE TEM AMOR À SUA SAÚDE, ALMOCE E JANTE nos «ANARQUISTAS»
Largo da Trindade, 14 — LISBOA
Telefone 32 35 10
— VÁRIAS ESPECIALIDADES
Encerra às 22 horas

● **Churrascaria BOTAFOGO**
Rua Eng. Vieira da Silva, 22-A (ao Saldanha)
Telefone 4 84 32 — LISBOA
ESPECIALIDADES NO CHURRASCO
(Encerrado à Segunda-feira)

● **Restaurante da Trindade**
Rua Nova da Trindade, 10
Telef. 32 33 56 — LISBOA
2.ª-FEIRA
— VÁRIAS ESPECIALIDADES
3.ª-FEIRA
— VÁRIAS ESPECIALIDADES

OS BONS RESTAURANTES TÊM AR CONDICIONADO

Eleita a título provisório a comissão central do Movimento Democrático Português

Durante o encontro nacional do Movimento Democrático Português, que ontem se efectuou em Lisboa e cujos trabalhos se prolongaram até altas horas da madrugada, foi eleita uma comissão central provisória daquele Movimento, constituída pelos nomes de Francisco Pereira de Moura (economista), José Manuel Tengarrinha (escritor), Pedro Coelho (engenheiro), Modesto Navarro (publicitário), Carlos Carvalho (operário metalúrgico), Vítor Wengorovius (advogado), Luís Moita (empregado de escritório), Horácio Guimarães (técnico de desenho), Alvaro Monteiro (agente técnico), Reizinho Falcão (operário metalúrgico), Gonçalves André (jornalista), Helder Madeira (empregado de escritório), Carlos Fraião (estudante), Maria Antónia Fernandes (professora), Manuel de Sousa Baridó (operário vidreiro), Henrique Neto (dirigente industrial) e José Henrique Vareda (advogado).

Os trabalhos foram presididos pelo democrata Lino Lima, de Braga, e nele tomaram parte representantes das comissões democráticas de Aveiro, Bragança e Guarda, do Movimento Democrático de Beja, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Portalegre, do Porto, de Setúbal, de Viana do Castelo, de Viseu e Vila Real, da C. D. E. de Faro, de Leiria e de Santarém e do Movimento C. D. E. de Lisboa.

Num ponto prévio, antes da ordem de trabalhos, os distritos presentes decidiram por aclamação que tomasse parte nos trabalhos, embora sem direito a voto, uma delegação do Partido Comunista Português, contsituída por António Dias Lourenço, José Magro, Rogério de Carvalho e José Bernardino. As delegações presentes deliberaram, por unanimidade, entrar em contacto urgente com outras organizações e correntes democráticas. Pouco depois compareciam na sala, sendo muito aplaudidos, Luís Moita, Maria do Rosário Oliveira e frei Bento Domingues. Todos evocaram a sua qualidade de cristãos anti-fascistas. Mais tarde as delegações presentes aplaudiram igualmente a entrada de uma delegação representativa do Partido Socialista, composta por Mário Soares, Tito de Morais, Ramos da Costa, Sottomayor Cardia, Pedro Coelho, José Luís Nunes e Maria Barroso.

António Dias Lourenço saudou todos os companheiros do Movimento Democrático, salientando o facto de os elementos da delegação do P. C. P. ali presente somarem mais de cinquenta anos de prisão. Foi lido também um documento da Comissão Executiva do Comité Central do Partido Comunista Português e um manifesto do secretariado do C. C. do P. C. P.

Por sua vez Luís Mota referiu o grave problema da radicação do fascismo ainda existente em diversos estratos sociais da população e a dolorosa consciência que têm os autênticos cristãos da cumplicidade de muitos elementos da hierarquia. Anunciou depois a próxima realização de uma assembleia livre de cristãos.

Mário Soares, falando a título pessoal, saudou o encontro nacional e salientou a importância da unidade. Declarou que apesar de muito fatigado pela viagem e tendo ido apresentar cumprimentos ao general Spínola, não podia deixar, por maioria de razão, de estar presente, ainda que por momentos, neste encontro nacional do Movimento Democrático.

A SITUAÇÃO DO EX-INSPECTOR COELHO DIAS

A notícia que publicámos no passada sábado respeitante ao antigo inspector da Pide-D.G.S., Rogério Coelho Dias, transcreve os factos tais como eles se passaram.

Felizmente, temos a registar que esse indivíduo não foi nomeado, como então foi referido, director-geral de Segurança mas tão somente liquidatário da extinta Pide, adjunto à Junta de Salvação Nacional.

A propósito a J.S.N. tornou público o seguinte comunicado:

Relativamente a uma nota publicada nalguns jornais, a J. S. N. esclarece o seguinte:

1.° — A D.G.S. está extinta;

2.° — As Forças Armadas são assessoradas, no arrolamento dos bens daquela extinta D.G.S., pelo dr. Coelho Dias, um ex-inspector superior.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES (S. A. R. L.)

AVISO

CONCURSO

Até às 16 horas do dia 8 de Maio de 1974, esta Companhia aceita propostas para a exploração de uma dependência no átrio da estação de Sintra.

A anuidade mínima a oferece pela exploração da dependência é de 15 000$00 e as respectivas proposas deverão ser feitas com base no programa do concurso que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Sintra

Cacém

Amadora

Lisboa (Rossio)

Lisboa (St.ª Apolónia)

Sector Comercial da Região Centro — Lisboa (Santa Apolónia)

Serviço Comercial de Passageiros da Companhia — Rua Vítor Cordon, 45 — Lisboa-2

Esta Companhia reserva-se o direito de rejeitar todas as propostas, ou algumas delas, se assim o julgar conveniente.

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Rua Vítor Cordon, 45 —Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, a seguinte:

«Proposta para a exploração de uma dependência no átrio da estação de Sintra».

informações úteis

FARMACIAS DE SERVIÇO

ALCOCHETE
Nunes — Telefone 234137.

ALMADA
Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 — Telef. 271297.

B. DA BANHEIRA
Aliança — Telef. 204302.

BARREIRO
Avenida — Av. Alfredo da Silva, 88 — Telef. 2073212.

COVA DA PIEDADE
Cerqueira — Largo 5 de Outubro, 18 — Telefone 270254.

LARANJEIRO
Almeida Araújo

MOITA
Silva Rocha — Telef. 239029.

MONTIJO
Montepio — Telefone 230035.

SEIXAL
Godinho — Telefone 2218580.

SESIMBRA
Lopes — Telef. 229028.

SETUBAL
Lisboa — R. Dr. Paulo Borba — Telef. 22248.

Salão — Avenida da Portela — Telefone 22709.

TELEFONES URGENTES

ALMADA

Bombeiros Voluntários de Almada 270063 e 271653
Bombeiros Voluntários de Cacilhas, 270078 e 2763434
Serviços Médicos
Hospital (Rua D. José de Mascarenhas) 270162, 271118 e 271119
Policlínica (Praça D. Pedro I, 5, 1.º esq.º) 2760409
Caixa de Previdência
Posto n.º 3 270267 e 270055
Posto n.º 8 2762121
Água — Secret. e secção técn. dos Serviços Municipalizados — Serviço de piquete (avarias e roturas) 2767098
Electricidade — U.E.P. Geral (Rua Francisco de Andrade, 22) 271121
Avarias (de noite) 271125
Enfermagem
Centro de Enfermag. Cristo-Rei 2765250 e 2767002
Centro de Enfermag. Permanente — Central de Almada 2760723
Centro de Enfermag. Sul do Tejo 2764545
Táxis
Praça de Almada 2765401
Praça de Cacilhas 270129
Central de Cacilhas 271922 e 2766217
P. S. P. 270871
G. N. R. 270015
Brig. Trâns.-Cacilhas 270124
Câmara Municipal de Almada 270931 e 270556
Finanças 270883
Tribunal 270049
Transportes Colectivos Transul 270064 e 2492877

BARREIRO

ÁGUAS
Serviço de avarias:
horário normal 2073831
depois das 19 h 2073832
BOMBEIROS
Sul e Sueste 2073032
Da CUF 2073811
Salvação Pública 2073062
ELECTRICIDADE
Bonfim (Expediente) 2073039
» (falta de corrente) 2073030
U. E. P. 2073062
ENFERMEIROS
Estadão 2073600
Pouto 2074002
D. Adelaide Leal 2073344
Comando Militar 2073133
Posto Urbano 2073954
SERVIÇOS MÉDICOS
Hospital 2073606
Serv. Médicos da Cuf 2073282
Fed. Caixas Previdênc 2073282
Clínica dr. Seixas 2074040
TÁXIS
Praça de Automóveis 2072882
Praça de Táxis 2072764
DIVERSOS
Câmara Municipal 2073851
PBX da CUF 2073811

COVA DA PIEDADE

Táxis 270696, 270767 e 2766032
Bombeiros Voluntários 270142
G. N. R. 2760807

CASA DE SAÚDE
DR. RESENDE ELVAS
Telef. 27 01 15 27 04 29

C. DA CAPARICA

Bombeiros Voluntários de Cacilhas 2400056
P. S. P. 2401461
Turismo 2400071
Serv. Municipalizados 2401042

FEIJÓ

Posto Clínico, Caixa de Previdênc., 2491463 e 2491488

SETÚBAL

Bombeiros Municipais 0422122
Bombeiros Voluntários 0423223
P. S. P. 0422022
G. N. R. 0422018
Hospital 0422133 e 0422294
(Brigada de Trâns.) 0422908
Cruz Vermelha 0422578
As. Soc. Mút. Setub. 0422226
As. de Benef. Familiar 0422601
Serv.º Municipalizados (depois das 17.30 h) 26101
Serviço de Emergência 115

SEIXAL

Bombeiros (Mundet) 2218565
Táxis 2218810
Centro de Saúde — Misericórdia, c. serviço de ambulância 2218824
Caixa de Prev. — Serviços Médico-Sociais 2218718
Policlínica 2218754
Câmara Municipal 2218522
P. S. P. 2218405
G. N. R. 2218948
G. F. 2218640

TRAFARIA

Bombeiros Voluntários 2458992
Táxis 2458177

ESPECTÁCULOS

ALMADA
Academia Almadense 270127
Cine Incrível 270929

AMORA
Cine-Teatro
Sociedade Amorense

BARREIRO
Ferroviários 2073333
Teatro-Cine Barreiren. 2073208

C. DA CAPARICA
Cine Copacabana

COVA DA PIEDADE
Recreativa Piedense 2400087
S. F. U. A. Piedense 2700216

LARANJEIRO
C. Instrução e Recreio 2490296
«O Porteiro» (18 anos)

PALMELA
Cine-Teatro S. João 235047

PORTO BRANDÃO
Cine Porto Brandão 2454693

SETÚBAL
Casino Setubalense 0422496
Cine-Teatro Luísa Todi 0422127
Salão Recreio do Povo 0422598

JORNAL DE COIMBRA

GRANDE MANIFESTAÇÃO DE APOIO ÀS FORÇAS ARMADAS

COIMBRA — Depois dos acontecimentos verificados no fim da semana passada a cidade tem mantido o seu movimento normal. Os estabelecimentos comerciais mantiveram-se abertos, bem como os diversos estabelecimentos de ensino. De registar o encerramento dos Bancos particulares, já que os de Portugal, Ultramarino, Fomento Necional e a Caixa Geral de Depósitos, funcionaram com a regularidade habitual.

Ao princípio da tarde, começou a generalizar-se a propaganda da efectivação de uma grande manifestação pública de apoio à Junta de Salvação Nacional e de glorificação às Forças Armadas, marcando-se a concentração para a Praça da República, às 19 horas.

À medida que aquela hora se aproximava, ia-se adensando o volume do povo, com elevada presença de jovens, estudantes e não estudantes, alguns dos quais ostentando dísticos em que se lia, «Socialismo», «Pão-Terra-Paz-Democracia Popular» «Morte à P. I. D. E.», «Abaixo a Ditadura Burguesa — Em frente pela revolução popular», «Comunismo».

O desfile, descendo a avenida Sá da Bandeira, denunciou claramente a presença de milhares e milhares de pessoas participando numa das mais extraordinárias manifestações espontâneas a que a cidade tem assistido. Em uníssono, cantava-se «A Portuguesa», enquanto outros grupos lançavam gritos de incitamento.

À frente do cortejo, uma mulher-polícia era a única autoridade presente, embora se ouvissem apelos lançados por um altifalante pelo comissário da P. S. P., «para a melhor ordem e respeito pelo próximo». À medida que o cortejo se aproximava da Praça 8 de Maio, mais populares nele se iam integrando e, ao passar pela Rua da Sofia, o mesmo estendeu-se ao comprimento de toda a artéria. Ao passar junto ao quartel, foram lançados vivas às Forças Armadas e prolongadas palmas.

Contornada que foi a Rua Dr. Manuel Rodrigues, a manifestação seguiu com o mesmo entusiasmo pela Avenida Fernão de Magalhães, Ameias, Avenida Emídio Navarro, Largo da Portagem, Ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz, subindo novamente à Avenida Sá da Bandeira pela Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes e até à Praça da República. Entretanto, e à medida que se processava o desfile, alguns jovens destacavam-se do conjunto e pintavam nas paredes, a vermelho, várias frases de incitamento.

Uma vez na Praça da República, os manifestantes cortaram para a Rua Tenente Valadim, virando para a Antero de Quental, que, aliás, se encontrava interdita com a presença de forças policiais juntc à delegação da Direcção-Geral de Segurança. Cerca de duas horas antes, as referidas forças (polícia de choque) haviam procedido ao cerco do edifício, com vista à rendição dos seus elementos.

A manifestação, ao passar em frente da D. G. S. deu largas à sua hostilidade para com aquela corporação para, mais adiante, em frente ao quartel-general da Região Militar de Coimbra, lançar grandes explosões de contentamento, após o que se iniciou a dispersão, não se tendo registado qualquer anormalidade.

Já depois da dispersão, verificou-se, na Rua Alexandre Herculano, apadrejamento por alguns grupos, da sede da Sociedade Cooperativa Cidadela de Coimbra, verificando-se vidros partidos, tendo vários agentes da P. S. P. dispersado os manifestantes, sem quaisquer atitudes de hostilidade.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

S. Sebastião — Rua António — Rua António Jardim.

Paiva — Praça do Comércio.

CARTAZ DE ESPECTÁCULOS

Gil Vicente — 21.30 — «Autópsia de um Crime» (18 anos).

Teatro Avenida — 21.30 — «Amor e Sofrimento» (18 anos).

Tivoli — 21.30 — «Jesus Cristo Superstar» (14 anos).

O TEMPO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado e o vento era moderado de noroeste.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 11; Penhas Douradas, — 2; Coimbra, 10; Portalegre, 5; Lisboa, 11; Faro, 13; e Funchal, 16.

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu temporariamente muito nublado, vento moderado de noroeste, aguaceiros e possibilidade de trovoadas. A partir de amanhã, céu muito nublado, vento moderado de sudoeste, períodos de chuva.

MARÉS PARA AMANHÃ — Preia-mar, às 11 e às 23 e 25; Baixa-mar, às 4 e 22 e às 16 e 47.

CÂMBIOS

Banco Borges & Irmão

Índice da cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	17/4/74	22/4/74	24/4/74
GERAL	306,2	292,2	285,4
METROPOLIT.	320,6	305,1	297,4
ULTRAMARINA	200,5	197,9	197,1

MERCADO LIVRE

NOTAS	Compra	Venda
Coroa (Dinamarca)	4$00	4$30
Coroa (Noruega)	4$35	4$65
Coroa (Suécia)	5$45	5$80
Cruzeiro Novo	3$20	4$00

NOTAS	Compra	Venda
Dirham	—$—	—$—
Dólar (Canadá)	25$60	26$60
Dólar (E. U. A.)	25$10	26$10
Florim	9$15	9$45
Franco (Bélgica)	$61,5	$64,5
Franco (França)	5$00	5$40
Franco (Suiça)	8$15	8$50
Iene (Japão)	$07	$09,5
Libra	60$00	63$00
Lira	$03,5	$04
Marco	9$75	10$05
Peseta	$43	$46
P. Novo (Arg.)	—$—	—$—
Rand	31$00	34$00
Shiling (Austria)	1$34	1$40

OURO	Compra	Venda
Libra de Reis	1500$00	1650$00
Rainha Vitória	1500$00	1650$00
Moderna (Isabel II)	1350$00	1500$00
Ouro fino	140$00	155$00

JORNAL DO PORTO

OCUPADA POR METALÚRGICOS E ENTREGUE AO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DO PORTO A ANTIGA SEDE DA A. N. P.

PORTO, 29 — Um numeroso grupo de manifestantes, constituído na sua maioria por metalúrgicos e entre os quais membros do Sindicato, ocupou no sábado à tarde, as instalações da antiga Acção Nacional Popular e entregou-as ao Movimento Democrático do Porto.

Pouco depois da ocupação, que decorreu sem quaisquer estragos, compareceu ali um oficial do Exército a quem os ocupantes expuseram as suas intenções e entregaram as chaves, aguardando nas instalações, a resposta do Quartel General, aonde aquele oficial se dirigiu para expor as pretensões dos ocupantes.

O mesmo oficial regressou pouco depois, entregou as chaves aos ocupantes, declarando que o Quartel General do Porto da Junta de Salvação Nacional, reconhecia aos ocupantes o direito de ali instalarem a sede dos serviços do Movimento Democrático.

As instalações da antiga Acção Nacional Popular, na Rua dr. Alfredo Magalhães, ricamente apetrechadas e mobiladas, dispõe, de entre outras coisas, uma vasta sala de reuniões, quatro telefones, telex, copiógrafos, televisão, máquinas de escrever, etc., material que passa agora a ser utilizado pelos serviços do Movimento Democrático.

Entretanto, foi já marcada para esta noite, uma reunião de mulheres, na nova sede, estando previstas várias outras no mesmo local.

DECLARAÇÃO DOS DOCENTES DE BELAS ARTES NO PORTO

Foi divulgada ontem uma declaração elaborada por vinte docentes da Escola Superior de Belas Artes do Porto.

No documento é apontada a necessidade imediata de se exigir a demissão do subdirector em exercício da Escola «cuja nomeação foi imposta por critérios exclusivamente políticos do anterior regime e no total alheamento da vontade académica».

A declaração, que deverá ser lida hoje em reunião a efectuar na Escola, exige ainda a anulação dos processos disciplinares a 15 alunos, a revisão de um concurso documental recentemente aberto para preenchimento de lugares de professores e assistentes, a criação de um órgão directivo para gestão dos três cursos da Escola, a reintegração dos professores que foram obrigados a abandonar aquele estabelecimento de ensino e a dos professores de Arquitectura recentemente afastados do exercício das suas funções docentes.

ASSOCIAÇÕES ACADÉMICAS REABERTAS NO PORTO

Também no Porto, os estudantes da Faculdade de Medicina reabriram no sábado a sua Associação Académica.

A reocupação daquelas instalações estudantis, que haviam sido seladas pelas autoridades do anterior regime, numa medida que generalizou à quase totalidade das Associações de Estudantes das três Academias do País, foi conseguida sem quaisquer incidentes.

Também os estudantes de engenharia do Porto reocuparam algumas salas da sua Associação onde têm confluído numerosos grupos de universitários.

«REPÚBLICA»

As referências que o nosso jornal fez ao 101.º aniversário do Internato de S. João e à benemérita actividade desenvolvida por aquela prestigiosa instituição, fundada em 1862 por José Estevão Coelho de Magalhães, foram assinaladas no seu último Relatório com palavras de muito apreço para com «República». O Internato, que alimenta, veste, calça, instrui e educa uma média de 50 crianças anualmente, prossegue numa obra digna de ser acarinhada por todos os espíritos generosos.

ESPECTACULOS

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — «Simplesmente Revista» (18 anos).

ANTÓNIO PEDRO — «Wolzech».

CINEMAS

BATALHA — «Às Ordens de Vosselência».

ÁGUIA DE OURO — «Jerry, Enfermeiro sem Diploma» (10 anos).

TRINDADE — «40, idade perigosa» (18 anos)

CARLOS ALBERTO — «Os 4 Sargentos boinas verdes» (18 anos).

COLISEU — «Paixão Cigana» (14 anos).

ESTÚDIO — «A Máscara» (18 anos).

JÚLIO DINIS — «O Porteiro» (18 anos)

PASSOS MANUEL — «O convite» (18 anos).

RIVOLI — «Zorba, o grego» (18 anos).

ESTÚDIO FOCO — «Jesus Cristo Superstar»

VALE FORMOSO — «A raiva do tigre» (14 anos).

OLÍMPIA — «Condenados a viver» (18 anos).

S. JOÃO — «Uma Mulher Perigosa» (18 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Até às 0 horas: Canavarro, rua da Restauração, 53; Constituição, rua da Constituição, 93; Ferreira de Carvalho, rua do Bonjardim, 354; Oriental, rua do Bonjardim, 727; Padrão, largo do Padrão, 342; Ramos, praça do Exército Libertador, 91.

Toda a noite: Figueiredo, rua de Cedofeita, 125; Lidador, rua do Lidador, 171; Parente, rua das Flores, 114; Sousa Soares, rua de Santa Catarina, 141; Vitória, rua de S. Roque da Lameira 756;

RÁDIO

HOJE

EMISSORA NACIONAL

1.º Programa

16: Noticiário — Cançonetas; 16.30: Convívio; 17: Notic. — Convívio; 18: Noticiário — Música sem palavras; 18.30: Espectáculo; 19: Notic. — Música portuguesa; 20: Jornal da Noite — Interlúdio; 20.30: 2.º episódio do folhetim «O Ourives do Rei»; 20.53: Solos de piano; 21: Momento 74; 21.20: Fados de Coimbra; 21.30: Figuras do passado; 22: Grande Desfile; 22.40: Fados, por António Mourão; 23: Noticiário — Boletim Meteorológico — De um dia para o outro — Fecho.

2.º Programa

16: 1.º acto da ópera «O Barbeiro de Bagdad», de Cornelius; 16.54: Concerto para violino e orquestra, de Bloch; 17.30: Música de arco; 18: Antologia Sonora; 19: E aconteceu poesia; 19.30: Música coral Sinfónica; 20: Jornal da Noite; 20.30: Ciclo de melodias; 21: Concerto Sinfónico; No intervalo: Partita n.º 1, de Bach; 23: Emissão em línguas estrangeiras; 1.15: Fecho.

Programa Estereofónico

21: Música ligeira variada; 22: A ópera em 3 actos «Don Pasquale», de Donizetti; 24: Dança Macabra, de Liszt; 00.25: Quinteto em fá menor, de César Franck; 1: Fecho.

JESCOSOM — ELECTRÓNICA, LDA.

Certifico que, por escritura de 5 de Abril de 1974, lavrada de fl. 77 a fl. 78 v.º do livro para escrituras diversas n.º 34-C do 6.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado Moisés dos Santos Martins, foi constituída entre José Rito Dias, Aurélio Marques de Oliveira e António Gonçalves Simões uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos que constam dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de Jescosom — Electrónica, Limitada e tem a sua sede em Lisboa, na Calçada dos Mestres, 7, 1.º D e E, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, e a sua duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje.

2.º — O objecto social consiste no comércio de venda de material eléctrico, electro-domésticos e aparelhos de alta fidelidade e climatização, podendo, no entanto, a sociedade dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei.

3.º — O capital social é de 150 000$, integralmente realizado, em dinheiro, e encontra-se dividido em três quotas iguais, de 50 000$, uma de cada sócio.

4.º — A gerência da sociedade fica a cargo de todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

§ 1.º Para que a sociedade fique validamente obrigada e representada em todos os seus actos e contratos é necessária a assinatura de dois gerentes, bastando a de qualquer um para os actos de mero expediente.

§ 2.º Os gerentes poderão delegar, por meio de procuração, em quem entenderem, todos ou parte dos seus poderes de gerência.

§ 3.º Fica vedado aos gerentes obrigarem a sociedade em actos e contratos que não digam respeito ao negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e quaisquer actos semelhantes.

5.º — A cessão de quotas entre sócios é livremente permitida, mas a favor de estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, em primeiro lugar, e dos sócios não cedentes, em segundo lugar.

6.º — A sociedade só se dissolve nos casos legais, e no caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade prosseguirá com os herdeiros do falecido ou representantes do interdito, os quais de entre todos escolherão um que os represente na sociedade enquanto se mantiver a indivisão.

7.º — No omisso regularão as disposições da lei em vigor e demais legislação aplicável.

É certidão de narrativa que vai conforme ao original.

6.º Cartório Notarial de Lisboa, 17 de Abril de 1974.

A Ajudante

Maria Felicíssima Menezes

DOIS NOVOS COMBOIOS «FOGUETES» ENTRE LISBOA E PORTO

A partir do dia 26 de Maio próximo, vão passar a cirlar, entre Lisboa e Porto, dois novos comboios «Foguetes», formados por carruagens de 1.ª classe e «bar», com o seguinte horário:

Combolo N.º 7 «Foguete»			Combolo N.º 8 «Foguete»	
	16-55	Lisboa (St.ª Apol.ª)	10-55	
18-09	18-10	Entroncamento	9-38	9-44
19-29	19-34	Coimbra-B	8-28	8-30
20-08	20-09	Aveiro	7-53	7-54
20-38	20-41	Espinho	7-25	7-26
20-52	20-57	Gaia	7-12	7-14
21-05		Porto (Campanhã)		7-05

Além destes dois novos comboios, continuarão a efectuar-se os quatro restantes «Foguetes» constantes no horário em vigor.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

TEATROS

(Maiores de 14 anos)

MARIA MATOS — 21.45 — «Morte de um Caixeiro-Viajante».
S. LUIS — 21.45 — «Sábado, Domingo e Segunda»

(Maiores de 18 anos)

VARIEDADES — 21.45— «Uma Rosa ao Pequeno Almoço»
ABC — 20.45 e 23 — «Tudo a Nu»

CINEMAS

(Maiores de 6 anos)

POLITEAMA—15.15, 18.15 e 21.45 — «Eusébio, A Pantera Negra»

(Maiores de 10 anos)

MONUMENTAL — 18.30 — «Viagem Fantástica».

(Maiores de 14 anos)

CONDES — 14.15. 16.30, 18.45 e 21.45 — «O Esquadrão Indomável».
EDEN — 15.30, 18.30 e 21.45 — «Às Ordens de Vosselência»
BERNA — 15.15, 18.30 e 21.45 — «Jesus Cristo Superstar»
ALVALADE — 14.15, 16.15. 18.45 e 21.45 — «O Esquadrão Indomável».
OLIMPIA — 14 — «Fabricante de Louras Explosivas»
ROMA — 15.30, 18.30 e 21.45 — «Os Heróis»
JARDIM — 15 e 21 — «A Amante de Nelson».
LUMIAR — 21 — «Os «Quatro Justiceiros».

(Maiores de 18 anos)

ESTUDIO — 15.30, 18.30, 21.45 — «Ritual»
LONDRES — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 — «Hiroshima Meu Amor».
ESTUDIO APOLO 70 — 15.15, 18.30 e 21.45 — «American Graffiti»
MONUMENTAL — 15.15 e 21.30 — «Harry, O Detective em Acção»
ESTUDIO 444 — 15.30, 18.30 e 21.45 — «O Porteiro»
ROXY — 14.15, 16.30 18.45 e 21.45 — «A Lenda da Casa Assombrada».
MUNDIAL — 15.15, 18 30 e 21.30 — «O Nosso Amor de Ontem»
S. JORGE — 15.15. 18.15 e 21.30 — «Tchaikovsky — Delírio de Amor».
PATHE — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 — «À Espreita do Sarilho».
TIVOLI — 15.15, 18.30 e 21.45 — «A Galopada»
SATÉLITE — 15.30, 18.30 e 21.45 — «Cerimónia Solene».
RESTELO — 21.30 — «Fim-de-Semana Ilegítimo».
EUROPA — 15.15 e 21.30 — «Vêm aí os Cabeludos»
CASTIL — 15.30, 18.30 e 21.45 — «Segredos Proibidos»
ODEON — 15.15, 18.15 e 21.30 — «Cruel Vingador»
IMPERIO — 15.15, 18.30 e 21.30 — «Um Homem de Sorte»
AVIS — 15.30 e 21.45 — «Malteses, Burgueses e às Vezes...»
CINEARTE — 15.30 e 21.30 — «O Último Comboio».
PROMOTORA — 15.15 e 21 — «Paixão Pelo Perigo».
PARIS — 15 e 21 —«Fim-de-Semana Ilegítimo»
IDEAL — 15.15 e 21 — «Bubu de Montparnasse».

NOS ARREDORES

(Maiores de 10 anos)

S. JOSÉ — 21.30 — «E Agora Chamam-lhe Magnífico!»

(Maiores de 14 anos)

ALGÉS — 21.30 — «A Noite Americana».

(Maiores de 18 anos)

CASINO ESTORIL — 17 21.30 — «O Desafio de Gigantes».
CARLOS MANUEL — 21.30 — «O Homem de La Mancha».
AMADORA — 15.15 e 21.30 — «Seita de Vampiros».

TELEFONES URGENTES

Sapr.ºs Bombeiros 322222
Bombeiros Volun.
de Lisboa 323377
da Ajuda 327413
Beato e Olivais 381095
Lisbonenses 40452
C. de Ourique 686624
Cruz de Malta ... 40027
Cruz Verm. Port. 665342
Hospitais Civis de
Lisboa, 860131 e 873131
S. José (Infor.) 872240
Santa Maria ... 775171
Militar, princip. 674181
da Marinha 863141
Enferma. perman. 766171
S. O. S.
Sang., oxi., sor. 771168
Centro de Intoxicações (Infor.)
761176, 767777 e 763456
Anál. R. X, sangue 639031
Posto de Socorros
B. V. L., transf., soros, oxigénio 538524
Porto Lisboa, inf. 366215
C. R. Gás e Electr. 537021
C. Águas, 361361 e 361353
Autom. C. Portug.
Pr.-Socorro, sóc. 775475
C. de Ferro, infor. 326226
Aeroporto, inform. 711397
Guarda Fiscal ... 849363
Inspec. Geral das
Activ. Econ., inf. 360101
Polícia Judiciária 26835
Piquete 535386
Polícia Marítima 678104
P. S. P. 366141 e 35563
Serv. de Emerg. 115
G.N.R. Com.-Geral 368651
Brig. de Trâns. 690022

TV

HOJE

I PROGRAMA

12.45 Desenhos animados
13.00 Vivendo o futuro
13.15 «A Família Partridge»
13.45 Telejornal
14.00 A flora exótica das Canárias
14.15 Logo à noite
14.40 Ciclo Preparatório TV (Porto)
19.00 Momento desportivo
19.30 Telejornal
19.45 TV Infantil
20.00 Eurovisão — Festival da canção italiana de S. Remo
21.30 Telejornal
22.00 «Columbo»

II PROGRAMA

19.00 Desenhos animados
19.15 «Viva o Palhaço»
21.30 Telejornal
22.00 O Mimo Marcel Marceau
22.55 Tele-rítmo

AMANHÃ

I PROGRAMA

12.45 Desenhos animados
13.00 Almanaque
13.15 «O rapaz do elefante»
13.45 Telejornal
14.00 Maria Betânia
14.25 Logo à noite
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 «George»
19.30 Telejornal
19.45 TV Infantil
19.55 Sangue na estrada
20.15 «O Golfinho»
20.55 Desenhos animados
21.30 Telejornal
22.05 «Se Paris falasse...»

II PROGRAMA

19.00 Desenhos animados
19.25 Diário de um navegador solitário
20.00 Tele-rítmo
21.00 «O rapaz do elefante»
21.30 Telejornal
22.05 Recital de piano
22.30 Panorama

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO E

ATÉ ÀS 22 HORAS

SUB-TURNO 1

Nova dos Olivais — R. Manhiça, lote 469 (Zona Nascente-Olivais Sul) — Tel. 316402.
Barros Gouveia — R. Vale Formoso de Cima, 79-B — Telefone 382180.
S. Tomé — Est. Desvio, lote 12-C — Tel. 790704.
Cartaxo — Av. Igreja, 21-C — Tel. 776358.
Nova Lisboa — R. Guilhermina Suggia, 12 — Tel. 727721.
Lisboa — R. Cláudio Nunes, 73-A — Tel. 703393.
Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35 (Carnide) — Telefone 780181.
Universitária — R. Alfredo Roque Gameiro, 29-D (ao Hosp. St.ª Maria) — Tel. 778953.
Remísio — R. Jerónimos, 14-C — Tel. 631699.
Sepol — C.ª Boa-Hora, 94-A — Tel. 631958.
Carrasco — R. Presidente Arriaga, 39 — Tel. 667460.
Castro Fonseca — R. 4 de Infantaria, 28-A — Tel. 688857.
Pátria — C.ª Mestres, 30-A (à R. Amoreiras) — Tel. 680627.
Fátima — Av. 5 de Outubro, 147-A (à Av. Barbosa du Bocage) — Tel. 763107.
Novais — Av. Luís Bivar, 11-13 — Tel. 44324.
João XXI — Avenida João XXI, 16-A — Tel. 726462.
Estefânia — Rua Pascoal de Melo, 90 (à Estefânia) — Tel. 44438.
Luzmar — Rua João do Nascimento Costa, 16-A (à Picheleira) — Tel.ª 728395-720703.
Carrondo — Rua P.e Sena Freitas, 10-A (à igreja da Penha de França) — Tel. 842518.
Nunes — Rua Angela Pinto, 32 — Tel. 49756.
Santo António — R. Dr. Leite de Vasconcelos, 72-C — Telefone 862333.
S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1 — Tel. 661275.
Janeiro — Av. Álvares Cabral, 100 (ao Liceu Pedro Nunes) — Tel. 661453.
Barral — Rua Augusta, 225 — Tel.ª 361534 - 361535.

TODA A NOITE

SUB-TURNO 2

Ascenso — P.ª Norte, 11-A (B.º Encarnação) — Tel. 311216.
Salter — R. Xabregas, 63-65 — Tel. 381185.
Alameda — Alam. Linhas de Torres, 201-B — Tel. 790942.
Brisália — Av. Rio de Janeiro, 66-66-A — Tel. 722368.
Avis — Av. Roma 56-B-C — Tel. 715370.
Sousa — Est. Benfica, 429-A — Tels. 980027-789985.
Aguiar — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A — Tels. 768343-764629.
Teles — R. João de Barros, 2 — Tel. 638176.
Lupi Nogueira — R. Creche, 2 — Tel. 631635.
Ourique — R. Freitas Gazul, 32-B (cont. R. Almeida e Sousa) — Tel. 671667.
Gomes — R. Rodrigo da Fonseca, 101-A — Tel. 682333.
Avenidas (das) — Av. República, 27-A — Tel. 533688.
Galeno — Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A — Tel. 774920.
Palma — Av. Duque de Ávila, 25-31 — Tel. 47088.
Matos — R. Álvaro Coutinho, 10 — Tel. 821671
Oriente — R. Lopes, 120 — Tel. 843381.
Rosa & Viegas — R. S. Vicente, 31 — Tel. 864351.
Modelar — L.º Dr. António Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo) — Tel. 678896
Véritas — R. Misericórdia, 135 — Tels. 324554-327563.

NOS ARREDORES

ALENQUER — Rosa (telef. 72385)
ALGÉS — Combatentes, Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 116 (telefone 213953)
ALGUEIRÃO — Rodrigues Rato, R. dos Morés n.º 1 (telef. 291 20 38)
ALHANDRA — Central (telef. 25 00 08)
ALHOS VEDROS — Gusmão (telef. 22 40 20)
ALVERCA — Ferreira (telef. 258629)
AMADORA — Carmele, Rua Elias Garcia, Lote 28 (telef. 933303); **S. Jorge**, Reboleira (telef. 938703). (Esta só até às 0 horas)
BENAVENTE — Baptista (telefone 52256)
CACÉM — Central, Rua Elias Garcia, 55 (telef. 2940034)
CAMARATE — Batalha, Rua Avelino Salgado Oliveira, 6 (telef. 2518669)
CARREGADO — Higiene (telefone 91151)
CASCAIS — Misericórdia, Rua Regimento 19, 41, (telefone 280141; **Cascais**, R. Conde de Monte Real (Bairro Caixas), telefone 282407)
CAXIAS — Nova Caxias, telefone 2420839
DAMAIA — Lemos, R. de Goa, 21-A (telef. 971121)
ESTORIL — Costa, Avenida Sabóia (telef. 760005)
LOURES — Saraiva (telefone 2530027)
MAFRA — Medeiros (telefone 52326)
MOSCAVIDE — Varela, Aven. Joaquim Ribeiro, 44 (telefone 2518520)
ODIVELAS — Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-B (telef. 911139)
OEIRAS — Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (telefone 2430090)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás (telef. 2432034)
PAREDE — Alsir, Caixas de Previdência (telef. 2472948)
PONTINHA — Cruz Correia, R. St.º Eloi, 41-A (telefone 992453)
QUELUZ — Andre, Av. Elias Garcia, 151 (telef. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda 123-A (telef. 95184). Esta só até às 0 horas.
SACAVÉM — Nova
SÃO PEDRO DO ESTORIL — São Pedro Rua 9 de Abril, 24 (telef. 2630052)
SINTRA — Marrazes, Estefânia (telefone 980058)
VILA FRANCA DE XIRA — Central, Aven. Pedro Vitor (telef. 22371); Roldão, Est. da Arruda, 12-A, Bom Retiro (telefone 22596)

O DECRETO DE AMNISTIA DOS CRIMES POLÍTICOS

Data do dia 26 e é do seguinte teor o decreto da Junta de Salvação Nacional pelo qual são amnistiados os crimes políticos.

«Tendo a Junta de Salvação Nacional assumido os poderes legislativos que competem ao Governo, decreta, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.° — 1. São amnistiados os crimes políticos e às infracções disciplinares da mesma natureza.

2. Para o efeito do disposto neste decreto-lei consideram-se crimes políticos os definidos no art. 39.°, § único do Código Processo Penal, com inclusão dos cometidos contra a segurança exterior e interior do Estado.

Artigo 2.° — 1. Serão reintegrados nas suas funções, se o requererem, os servidores do Estado, militares e civis, que tenham sido demitidos, reformados, aposentados ou passados à reserva compulsivamente e separados do serviço por motivos de natureza política.

2. As expectativas legítimas de promoção que não se efectivaram por efeito de demissão, reforma, aposentação ou passagem à reserva compulsiva e separação do serviço devem ser consideradas no acto da reintegração.

Artigo 3.° — Este diploma entra imediatamente em vigor».

DELEGADOS DA J. N. S. NOS MINISTÉRIOS CIVIS

Um decreto-lei da Junta de Salvação Nacional, assinado pelo general Spínola e datado do dia 27, cria o cargo de delegado da J. S. N. junto dos Ministérios civis.

É do seguinte teor o texto daquele diploma que será publicado no «Diário do Governo»:

«Tendo a Junta de Salvação Nacional assumido os poderes legislativos que competem ao Governo, decreta, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.° — 1. É criado junto dos Ministérios Civis o cargo de delegado da Junta de Salvação Nacional, enquanto não for nomeado o Governo Provisório Civil.

2 — A nomeação do delegado é de livre escolha da Junta de Salvação Nacional.

Art. 2.° — Compete ao delegado da Junta de Salvação Nacional assegurar o regular andamento dos Serviços e levar ao conhecimento da Junta qualquer assunto que exija resolução imediata.

Art. 3.° — A competência legalmente atribuída aos titulares dos departamentos militares é exercida, até nomeação dos novos titulares, pelos respectivos chefes do Estado-Maior.

Art. 4.° — Este diploma entra imediatamente em vigor».

REABRIU A FACULDADE DE DIREITO

Numeroso grupo de estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa reabriu hoje a sua escola, a Associação e a Sala de Alunos, que haviam sido abusivamente encerradas pelas autoridades académicas e policiais do anterior regime.

Reabertas as suas instalações, os estudantes procederam a uma busca pela Faculdade de que resultou a captura de alguns elementos afectos à extinta PIDE-DGS e ao arrolamento dos haveres daquela organização, depois do que deram início a uma Reunião Geral de Alunos.

Durante esta reunião foram prestadas informações sobre a situação actual da vida nacional e seus reflexos na Universidade.

Foi aprovada uma proposta de saudação às Forças Armadas pelo seu papel na deposição do Governo. Ao cabo de uma hora de debates, foram aprovadas as novas directrizes que os estudantes devem fazer vingar para uma necessária reestruturação de Universidade, exigida a demissão da direcção da Faculdade e do Conselho Escolar; e definidos alguns tópicos fundamentais sobre que devem incidir as soluções que se pretendem para a resolução de problemas pedagógicos.

Nova reunião está marcada para amanhã, às 9.30 horas, na qual os estudantes deverão eleger uma comissão pré-eleitoral a cujo cargo ficará o executivo da sua Associação até que novo sufrágio venha a determinar os novos quadros dos seus corpos gerentes.

NÃO ERAM DA PIDE-DGS

Estiveram na Redacção do nosso Jornal os srs. José da Fonseca, de 42 anos, casado industrial de electricidade, residente na Rua José Falcão, 14 1.° Dto., e Fernando Ribeiro Fragoso, de 33, casado, vendedor de máquinas, morador na Rua Sabino de Sousa, 40, 2.° Dto., que na sexta-feira passada, com outro seu companheiro, João Saraiva, moço de descarga no Intendente e residente na Amadora, foram apontados no Largo da Misericórdia pela multidão, como sendo elementos da PIDE-DGS.

Provou-se por acareação com elementos daquela extinta corporação que os visados nada tinham a ver com ela nem nunca haviam tido, pelo que foram libertados.

Aqui fica o esclarecimento.

«VAMOS À SOPINHA, SENHOR PRESIDENTE?»

Exactamente um mês antes do «Dia D», em 25 de Março, o general António de Spínola reunia-se na Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar com meia centena de ex-condiscípulos dos claustros da Luz, todos eles na casa dos 60 anos. «Vamos à sopinha, senhor Presidente?» — eis o que não foi perguntado na altura, por «deficiência» do regime, mas estava já no espírito de muitos dos presentes. E agora uma notícia que no dia seguinte o «Exame Prévio» cortou à «República»: findo o jantar, foi sorteado um exemplar autografado de «Portugal e o Futuro», o «best-seller» (e «best-fighter»...) do general. Coube ao coronel Raul de Brito Subtil

O GOVERNO PROVISÓRIO TERÁ MAIORIA DE CIVIS

— afirmou hoje o general Spínola ao M. D. P.

O General António de Spínola declarou, hoje, a representantes do Movimento Democrático Português que a Junta de Salvação Nacional vai apressar a constituição do Governo Provisório. Os elementos civis predominam neste Governo: apenas as pastas militares serão entregues a militares.

O presidente da Junta de Salvação Nacional fez estas declarações a representantes do Movimento Democrático Português que lhe foram entregar um «memorandum» saído da reunião plenária realizada ontem à noite. Estiveram presentes no encontro com o general Spínola os democratas Neto Brandão (Aveiro), Francisco Pereira de Moura e José Manuel Tengarrinha (Lisboa), Lino Lima (Braga), Carlos Fraião (Coimbra), Horácio Guimarães (Porto), Álvaro Monteiro (Setúbal) e António Modesto Navarro (Bragança).

Os jornalistas não puderam assistir ao encontro, mas logo a seguir aqueles elementos do M. D. P. deram uma conferência de Imprensa, na Avenida Infante Santo, n.° 25-1.°, Dt.°. O encontro dos democratas com o general Spínola foi classificado de «muito cordial» pelo dr. Lino Lima.

De acordo com informações prestadas aos jornalistas durante a conferência de Imprensa, o general Spínola leu com a maior atenção o documento que lhe foi entregue, com o qual concordou nas suas linhas gerais.

Quanto aos pontos políticos referidos no documento, o general Spínola assinalou que a Junta de Salvação Nacional não quer tomar posições políticas e que estes pertencerão ao Governo Provisório.

Segundo palavras do dr. Neto Brandão, os democratas afirmaram ao general Spínola «a sua preocupação pela lentidão com que está a ser desmantelado o aparelho fascista». O general Spínola prometeu acelerar o processo.

Os democratas consideraram a instituição do Governo Provisório o ponto mais importante da reunião, já que, como disse o general Spínola, «apenas o Governo Provisório poderá criar condições para eleições em Portugal» e nas quais participem as diferentes correntes existentes no País.

Documentos da ex-PIDE no cofre do Sindicato das Artes Gráficas

O Sindicato dos Profissionais de Artes Gráficas do Distrito de Lisboa decidiu:

1.°, apoiar incondicionalmente o Movimento das Forças Armadas; 2.°, assumir imediatamente o controlo do seu Sindicato; 3.°, expulsar a comissão administrativa; 4.°, apoiar solidariamente todos os pontos definidos no comunicado da Inter-Sindical.

Foi nomeada «ad hoc» por aclamação uma Comissão Provisória para gerir o Sindicato, a que ficou assim constituída:

Joaquim Rocha (A Capital), António Fradique Caldeira (República), Fernando Valente (Carmo ,Henriques, Ld.ª), António Joaquim Dias (República), Ilídio Castela (Editora Gráfica Portuguesa), Nelson Ferreira Alves (Jornal do Comércio), Júlio Moreira (República), José Manuel Serrano e Olegário Bilé (República).

Amanhã, realiza-se na sede, Rua da Barroca, 107-2.°, uma reunião geral, às 20 horas.

Entretanto temos a informação que no cofre do Sindicato foi encontrado um «dossier» com documentos da PIDE-DGS a exigir informações sobre vários sócios.

TENREIRO ENTREGOU-SE À JUNTA

Henrique Tenreiro, ex-deputado e presidente da Junta Central da Legião Portuguesa, apresentou-se, esta manhã, voluntariamente à Junta de Salvação Nacional, tendo ficado detido na Força de Fuzileiros do continente, segundo informação do Secretariado de Informação e Turismo.

O TIRANO e o PADEIRO (informadores da PIDE) foram presos

Segundo informação digna de crédito foram presos esta manhã os proprietários dos dois maiores restaurantes de Cascais: «O Tirano» e «O João Padeiro», que eram conhecidos informadores da PIDE-DGS.

Entretanto, continua à solta o chefe de brigada da DGS, Teles Freire, do departamento daquela vila.

Amnistia — pedem desertores presos no Forte da Trafaria

Os militares detidos na Casa de Reclusão da Região Militar de Lisboa, na sua maioria desertores por se negarem a servir o fascismo nas guerras coloniais e terem escolhido o caminho da luta por um Portugal Livre dirigiram uma mensagem de felicitações calorosas às Forças Armadas e Junta Nacional de Salvação. Apelam ainda por uma amnistia para poderem ter a honra de servir nas Forças Armadas que, com a sua patriótica decisão, interpretaram decisivamente a alma de um Povo que queria ser livre.

DOIS ELEMENTOS DA EX-D.G.S. ESTÃO A TRABALHAR NO AEROPORTO

Dois importantes elementos dos quadros da ex-PIDE encontram-se, neste momento, a trabalhar no controlo de entradas no Aeroporto. Trata-se do inspector Garcia Domingues e do sub-inspector Pereira da Graça, ambos professores da sinistra escola da D. G. S. e antigos homens de confiança de Salazar. São ambos colaboradores do director da Polícia Judiciária, o que lhes serve de pretexto para exercerem as actuais funções.

R — SUPLEMENTO DE «REPÚBLICA» 2

presença da mulher

A PROMOÇÃO DESPORTIVA DA MULHER ...Ó NUMA PROMOÇÃO SOCIAL GENERALIZADA

...questão da inferioridade física e desportiva da mulher começa, agora, a ...em discussão. ...ente, já não se ...mar, como se fa... há poucos anos, ...uma inferioridade ...perável, absoluta, ...za física e des... do sexo feminino. ...ção social da mu... permitido uma am... ...dade escolar, pro... e gimnodesportiva ...m muito a valo... completa. Como ...cia dessa melho... ...tiva, observa-se ...nuição considerá... ...losso tradicional ...e sempre, e tam... desporto, separava ...sexos. E de tal ...diminui essa dife..., actualmente, já ...um certo con... ...recto, de compe...ica, que, nem por ...lo e relativo, dei... particular signifi... ...países desenvol... ...da vez há mais ...nos meios esco... ...destacarem-se, pelo ...desportivo, e a ul...m, nitidamente, a ...mum dos rapazes ...a idade e condi... ...lares. Esta recu... espectacular signi... progresso muito ...que o verificado ...s do sexo mascu... ...monstrar, exactamente, a importância dos factores socio educativos.

Embora não seja de esperar (nem de desejar...) que a mulher se masculinize — no desporto, como no resto — não há quaisquer dúvidas sobre a modificação do seu próprio aspecto físico, pelo treino bem orientado e realizado. A libertação das tarefas mais pesadas, a melhor alimentação, a contínua vigilância médica e o aumento das aulas de Educação Física (ginástica e desportos) vão, certamente, possibilitar uma conformação corporal mais elegante e saudável, e tanto mais visível quanto maior for o progresso social. Deste modo,

(Continua na pág. central,

TRABALHO DOMÉSTICO

PIERRE VACHET

O trabalho doméstico traz consigo inconvenientes muito diferentes dos que caracterizam o trabalho profissional; o que é mais duro para a mulher é a falta de realização e a do seu esbanjamento de tempo nas pequenas tarefas aborrecidas. «O trabalho às migalhas», para utilizarmos uma expressão que se tornou célebre, expressão que tanto se aplica ao trabalho doméstico como, no fundo, ao profissional por tarefa e que também não se constrange aos horários: as horas de partida para a escola ou da sua saída, a do regresso do marido, embora secundadas por um elemento afectivo que lhes atenua a severidade, são menos elásticas que o horário de chegada ao escritóri e quase tão imperiosas e obrigatórias no plano temporal como as da marcação do ponto.

O trabalho doméstico é quase sempre acompanhado por esforços físicos normalmente difíceis: esfregar a roupa, levantar os braços quando é preciso estender-se, lavar o chão, fazer as camas, varrer o soalho, baixar-se ou esticar-se para alcançar objectos que não estão à mão, etc., contituem uma série de gestos que não convêm de todo ao organismo feminino e que lhe afecta tanto a resistência física como a nervosa, sendo esta última já de si posta tantas vezes à prova por gravidezes demasiado frequentes ou difíceis.

Há ainda muito que fazer para tornar mais fácil o trabalho doméstico dos casais há pouco formados e para aliviar o desgaste físico que acarretam os trabalhos da casa.

A ergonomia, ou ciência do trabalho, não existe ainda praticamente no domínio das ta-

(Continua na pág. central)

VENCER COM AS MULHERES

No que diz respeito às eleições de 1974, o «slogan» parece ser «Vencer com as mulheres».

Estão distantes, ainda, as eleições... Mas já pensam os grupos feministas dar início a uma vasta campanha política, encorajando a mulher norte-americana a concorrer ao pleito.

Essa é uma meta fundamental em 1974 — e está sendo intelectualmente patrocinada pela Organização Política Nacional de Mulheres, fundada há três anos, segundo se diz, com a finalidade de «remover da política norte-americana o «slogan»: «Para homens apenas».

O gesto significa mais do que simples retórica eleitoral do ano, quando se leva em conta que a Organização Política Nacional de Mulheres já atingiu, em sua breve história, diversos de seus objectivos.

No nível municipal, várias vitórias femininas: foi eleita a primeira prefeita, a primeira directora de conselho municipal, etc. Na área estadual, verificou-se um aumento de vinte e oito por cento na representação feminina no legislativo, enquanto o âmbito nacional aumentava também o número de mulheres na estrutura dos maiores partidos políticos. Actualmente, servem no Congresso dos EUA dezasseis mulheres — das quais sete pela primeira vez eleitas.

Os algarismos, não resta dúvida, são ainda pequenos. Mas o aumento na proporção é óbvio.

A verdade é que a mulher norte-americana participa hoje da vida política do país mais do que em qualquer outra época. E tudo isso tem resultado da habilidade no planeamento político do organismo feminino. Em apenas três anos, esse grupo de proporções nacionais formou entidades irmãs em todos os Estados da União — que passaram a analisar e a avaliar o sistema político norte-americano, desde o nível municipal. Prestam ajuda às candidatas e pressionam partidos políticos a dar-lhes o apoio necessário.

(Continua na pág. III)

HELENA NEVES

À data da coordenação deste Suplemento encontrava-se ausente do convívio dos seus amigos, devido a detenção pela PIDE, a nossa prezada colaboradora D. Helena Neves, coordenadora de «Presença da Mulher».

Por este motivo, o Suplemento de hoje não resultou da sua coordenação, embora tenha sido elaborado com textos por ela seleccionados, constantes da reserva «para as falhas», oportunamente deixados na Redacção.

«S.C.P. — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES E PLANEAMENTO, S.A.R.L.»

(ACCIONISTA MAIORITÁRIO SPORTING CLUBE DE PORTUGAL — CONSTITUIÇÃO PROVISÓRIA — Art.º 264.º DO CÓD. COMERCIAL)

17.º Cartório Notarial de Lisboa — Rua Alexandre Herculano, 29, 1.º, esq. — Notário, Lic. António Manuel Gonçalves Saldanha.

1. Certifico, para fins de publicação, que por escritura deste cartório, de 4 do corrente, lavrada de fls. 31 a fls. 43, do livro n.º 143-F, foi constituída a sociedade em epígrafe, provisoriamente, nos termos do art. 164.º do Código Comercial, da qual são accionistas fundadores o Sporting Clube de Portugal, Prof. Doutor Adelino da Palma Carlos, José Cipriano da Silveira Machado, João António dos Anjos Rocha ou João Rocha, Dr José Alfredo Pereira Holtreman Roquete, General Venâncio Augusto Deslandes, Dr. Jorge Augusto Caetano da Silva José de Melo, Luís Maria de Assunção de Sousa e Holsten Beck (Duque de Palmela), Dr. Manuel Carvalho Brito das Vinhas, Dr. Augusto Amado de Aguilar, Dr. Miguel António Monteiro Galvão Teles, Dr. Guilherme Braga Brás Medeiros, Eng.º Mário Augusto Themudo Barata, Francisco Moncada do Casal Ribeiro de Carvalho, Dr. João António Rodrigues Simões de Almeida, Dr. Guilherme Vitorino Guimarães da Palma Carlos, António Pinto de Sousa, José Manuel Pereira Martins, Eng.º José Maria Salema Garção, Manuel Lopes, Dr. José Nunes dos Santos, José Matias, Francisco de Curiel de Marques Pereira, José António Vasconcelos Reimão Nogueira e Dr. Luís António Santos Ferro, sociedade que adoptou os seguintes:

ESTATUTOS

CAPÍTULO I

Denominação, Sede. Objecto e Duração

Artigo 1.º — É criada, nos termos da Lei e dos presentes Estatutos, uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, que adopta a denominação de «S. C. P. — Sociedade de Construções e Planeamento, S.A.R.L.».

Art. 2.º — 1 — A sociedade tem a sua sede em Lisboa, no Estádio José Alvalade.

2 — O Conselho de Administração poderá, por simples deliberação, mudar a sede para qualquer outro local situado no concelho de Lisboa, e estabelecer filiais, sucursais ou outras formas de representação onde julgar conveniente, mesmo no estrangeiro.

Art. 3.º — A sociedade tem por objecto a construção e exploração de um terminal de camionagem e de um centro comercial, podendo ainda, mediante simples deliberação do Conselho de Administração, exercer qualquer outro tipo de actividade que não exija autorização especial.

Art. 4.º — A sociedade durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

CAPÍTULO II

Capital, Acções e Obrigações

Art. 5.º — 1 — O capital social é de duzentos e cinquenta milhões de escudos, representado por dois milhões e quinhentas mil acções com o valor nominal de cem escudos cada uma.

2 — O Conselho de Administração fica desde já autorizado a, ouvido o Conselho Fiscal, elevar o capital social, por uma ou mais vezes, até quinhentos milhões de escudos.

Art. 6.º — 1 — As acções poderão ser nominativas ou ao portador, reciprocamente convertíveis, à custa do titular, salvo do disposto no número seguinte.

2 — Serão necessariamente nominativas, e averbadas a favor do Sporting Clube de Portugal, acções em número superior à metade das que representam o capital indicado no artigo precedente.

3 — Havendo aumento de capital, o número das acções referido na cláusula anterior será acrescido de metade daquelas que representem o referido aumento.

Art. 7.º — 1 — Na subscrição das acções representativas dos aumentos de capital observar-se-ão as seguintes preferências:

a) Se o aumento foi feito por incorporação de reservas, ou na parte em que o for, terão preferência os accionistas, na proporção das acções que possuirem;

b) Se o aumento não for efectuado por incorporação de reservas, ou na parte em que o não seja, terão preferência os accionistas, relativamente a três quartos das acções, e os sócios do Sporting Clube de Portugal, relativamente a um quarto.

2 — A preferência dos accionistas referida na alínea *b)* do número anterior exerce-se de acordo com o número de acções que possuirem; mas o Sporting Clube de Portugal terá direito pelo menos a dois dos três quartos de acções acima mencionados

3 — O gozo de preferência pelos sócios do Sporting Clube de Portugal depende de inscrição, três meses, pelo menos, anterior à deliberação do aumento de capital.

4 — Se o número de sócios do Sporting Clube de Portugal que manifestem vontade de exercer o seu direito de preferência for superior ao número de acções para o efeito destinadas, proceder-se-á a rateio.

5 — Os direitos de preferência decorrentes da qualidade de accionistas e da de sócio são acumuláveis.

Art. 8.º — É permitida a emissão de obrigações, nos termos que a Assembleia Geral deliberar.

Art. 9.º — A sociedade poderá adquirir acções ou obrigações próprias ou alheias, e realizar com elas as operações que julgar convenientes.

CAPÍTULO III

SECÇÃO I

Assembleia Geral

Art. 10.º — A Assembleia Geral é formada por todos os accionistas.

Art. 11.º — 1 — O direito de voto será reconhecido aos accionistas que tenham acções averbadas ou depositadas em seu nome, até três dias antes da data marcada na primeira convocatória para reunião da Assembleia Geral.

2 — O depósito far-se-á na sede social ou em qualquer outro lugar designado pelo Conselho de Administração.

3 — As acções pertencentes à sociedade não conferem voto.

4 — Os accionistas podem fazer-se representar por outros accionistas, passando-lhes para o efeito procuração, que pode ser dada por simples carta dirigida ao presidente da mesa da Assembleia Geral.

5 — A procuração respeitará sempre a determinada reunião da Assembleia Geral; mas a procuração passada para reunião em primeira convocatória vale, salvo revogação, para reunião em segunda.

Art. 12.º — 1 — Os trabalhos da Assembleia Geral são dirigidos por um presidente, auxiliado por dois secretários, todos formando a mesa da Assembleia Geral.

2 — Para substituir o presidente e os secretários, poderá haver um vice-presidente e dois vice-secretários.

3 — Os membros da mesa, bem como os respectivos substitutos, são eleitos trienalmente, podendo ser reeleitos por uma ou mais vezes.

Art. 13.º — 1 — As reuniões da Assembleia Geral são ordinárias e extraordinárias.

2 — A Assembleia Geral reune ordinariamente no início de cada ano, até ao último dia do mês de Março, para os efeitos do Art. 179.º do Código Comercial.

3 — A Assembleia Geral reúne extraordinariamente sempre que o Conselho de Administração ou o Conselho Fiscal o julguem necessário ou quando assim seja requerido por accionistas que representem pelo menos a quinta parte do capital social.

Art. 14.º — 1 — As reuniões da Assembleia Geral são convocadas pelo presidente da Mesa, na forma da Lei, e a Assembleia considera-se constituída, em primeira convocação, quando se encontrem presentes, ou devidamente representados, accionistas com direito a voto que representem, pelo menos, metade do capital social.

2 — Se a Assembleia Geral não puder constituir-se em primeira convocação, observar-se-á o disposto no Art. 184.º e seu §, do Código Comercial.

Art. 15.º — 1 — As deliberações são tomadas pela maioria absoluta dos votos correspondentes aos accionistas presentes ou devidamente representados.

2 — Para as deliberações que envolvam alteração dos Estatutos, serão, contudo, necessários votos que correspondam pelo menos a metade do capital social, ou a dois terços, se as deliberações visarem alterar o disposto no Art. 6.º, números 2 e 3, e no Art. 7.º, ou restringir o voto ou a representação dos accionistas.

SECÇÃO II

Conselho de Administração

Art. 16.º — A administração e a representação da sociedade pertencem a um conselho, composto por membros em número entre cinco e nove.

Art. 17.º — 1 — Os membros do Conselho de Administração serão eleitos trienalmente, podendo ser reeleitos uma ou mais vezes.

2 — Os membros do conselho que faltem ou se encontrem impedidos, serão substituídos por escolha do próprio conselho.

3 — Nos casos de falta ou impedimento permanente do substituído, deverá proceder-se ao provimento definitivo do lugar na primeira Assembleia Geral ordinária.

Art. 18.º — 1 — Cada membro do Conselho de Administração caucionará o seu mandato, antes de entrar em exercício, mediante o depósito de quinhentas acções da sociedade, ao portador ou endossadas em branco.

2 — O depósito das acções em caução manter-se-á até que sejam decorridos seis meses sobre a aprovação pela Assembleia Geral do balanço e contas da respectiva gerência.

Art. 19.º — O Conselho de Administração será presidido por um presidente escolhido pela Assembleia Geral, e reunirá sempre que por ele seja julgado conveniente ou quando o requeiram dois administradores ou um administrador-delegado.

Art. 20.º — 1 — Compete especialmente ao Conselho de Administração:

a) Pactuar com devedores e credores, desistir, transigir e confessar em quaisquer pleitos;

b) Conferir mandatos de gerência, constituindo procuradores, accionistas ou estranhos à sociedade, para os fins e com os poderes que constem dos respectivos instrumentos;

c) Deliberar sobre a participação da sociedade noutras sociedades, aceitando cargos sociais e nomeando pessoas que hão-de representar a sociedade, podendo modificar pactos, transformar as espécies dessas sociedades e agir com a maior amplitude, tomando e cedendo quotas ou acções, contrair empréstimos, adquirir, alienar e obrigar por qualquer modo bens imóveis e móveis, efectuar trespasses e constituir hipotecas e penhoras.

2 — Porém, a aquisição, alienação ou oneração de bens cujo valor seja igual ou superior a dez por cento do capital social dependerão de prévio consentimento do Conselho Fiscal.

Art. 21.º — O Conselho de Administração poderá designar um ou vários administradores-delegados.

Art. 22.º — 1 — As deliberações do Conselho de Administração são tomadas à pluralidade absoluta de votos, estando presentes a maioria dos seus membros.

2 — O presidente do Conselho de Administração tem voto de desempate.

Art. 23.º — 1 — A sociedade obriga-se pela assinatura conjunta de dois administradores.

2 — Havendo administradores-delegados, uma das assinaturas etrá de pertencer ao presidente do Conselho de Administração ou a administrador-degado.

3 — Bastará a assinatura do presidente do Conselho de Administração ou a de um administrador-delegado para os actos de mero expediente.

SEÇÃO III

Conselho Fiscal

Art. 24.º — 1 — O Conselho Fiscal é composto por cinco membros efectivos e dois suplentes.

2 — A Assembleia Geral pode, sem necessidade de observância do quorum referido no Art. 15.º, número 2, confiar, nos termos da Lei, o exercício das funções do Conselho Fiscal a uma sociedade de Revisão de Contas.

Art. 25.º — Os membros do Conselho Fiscal serão eleitos trienalmente, podendo ser reeleitos por uma ou mais vezes.

Art. 26.º — 1 — Os membros efectivos do Conselho Fiscal que faltem ou se encontrem impedidos serão subtituídos pelos suplentes.

2 — O suplente que houver sido designado por accionistas minoritários substituirá em primeiro lugar membros efectivos também assim designados, mas só substituirá estes.

3 — No caso de a substituição não se poder fazer através do suplente, o próprio Conselho escolherá o substituto.

4 — Havendo falta ou impedimento permanente de membro efectivo ou suplente, deverá proceder-se ao provimento definitivo do lugar na primeira Assembleia Geral ordinária.

Art. 27.º — 1 — O Conselho Fiscal será presidido por um presidente escolhido pela Assembleia Geral e reunirá sempre que aquele o julgue necessário, mas ao menos uma vez por trimestre.

2 — As deliberações do Conselho Fiscal são tomadas à pluralidade absoluta de votos, estando presentes a maioria dos seus membros.

3 — O presidente tem voto de desempate.

SECÇÃO IV

Disposições comuns

Art. 28.º — 1 — Será facultada a representação das minorias no Conselho de Administração e no Conselho Fiscal, até o máximo de quatro membros no primeiro e de dois efectivos e um suplente no segundo.

2 — Para o efeito previsto no número antecedente, terão direito de indicar nomes os accionistas ou grupos de accionistas minoritários que possuam pelo menos dois e meio por cento do capital.

3 — Se os números indicados excederem o máximo de lugares referidos no número 1, ou o máximo de lugares de membros efectivos do Conselho Fiscal aí mencionados, proceder-se-á da seguinte maneira:

a) Os nomes que tiverem sido indicados para o Conselho de Administração por accionistas ou grupo de accionistas que possuam pelo menos doze por cento das acções considerar-se-ão eleitos;

b) Os nomes que tiverem sido indicados para o Conselho Fiscal por accionistas ou grupo de accionistas que possuam pelo menos dezasseis por cento das acções considerar-se-ão eleitos, e considerar-se-ão eleitos como membros efectivos se os accionistas ou grupos designantes possuirem vinte por cento das acções;

c) Entre os restantes nomes escolherá a Assembleia Geral, pertencendo-lhe ainda, salvo o disposto no início da alínea *b)*, decidir quem será membro efectivo e suplente do Conselho Fiscal.

4 — Nas deliberações previstas na alínea *c)* do número anterior, o Sporting Clube de Portugal não poderá votar.

5 — Nas reuniões da Assembleia Geral em que se proceder à eleição de membros do Conselho de Administração poderá sempre, dentro dos limites mínimo e máximo fixados nestes Estatutos, alterar-se a composição de tal órgão, após a indicação de nomes feita nos termos deste artigo.

Art. 29.º — As funções dos membros dos corpos sociais iniciam-se com a posse e duram até à posse dos sucessores, salvo ocorrendo entretanto facto extintivo das mesmas funções.

Art. 30.º — As funções dos membros dos corpos sociais poderão ser remuneradas, nos termos que forem fixados pela Assembleia Geral.

CAPÍTULO IV

Ano Social, Balanço e Contas; Aplicação de Lucros

Art. 31.º — O ano social coincide com o ano civil e os balanços fechar-se-ão com referência a 31 de Dezembro de cada ano.

Art. 32.º — A sociedade constituirá nos termos da Lei o fundo de reserva legal e quaisquer outros fundos de reserva que a Assembleia Geral por proposta conjunta do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal vier a determinar.

Art. 33.º — Os lucros líquidos apurados anualmente, retirada a percentagem de, pelo menos, cinco por cento para fundo de reserva legal, enquanto este não estiver preenchido ou sempre que seja necessário reintegrá-lo, terão a aplicação que a Assembleia Geral determinar.

CAPÍTULO V

Dissolução e Liquidação

Art. 34.º — A sociedade dissolve-se nos casos e termos estabelecidos pela Lei.

Art. 35.º — 1 — Salvo deliberação em contrário, tomada de acordo com o § 1.º do Art. 131.º do Código Comercial, serão liquidatários os membros do Conselho de Administração que estiverem em exercício quando ocorrer o facto determinante da dissolução.

2 — Os liquidatários terão não só os poderes mencionados no corpo do Art. 134.º do Código Comercial, mas também os poderes especiais referidos no § 1.º do mesmo artigo e os necessários para efectuar a venda, por negociação particular, dos bens imobiliários da sociedade.

2. Mais certifico que foi eleito presidente da mesa da Assembleia Geral, na citada escritura, o Prof. Doutor Adelino da Palma Carlos.

3. Certifico ainda que a presente fotocópia dos Estatutos que se contém em quatorze folhas voi conforme ao original assim como a parte certificada e nada contém em contrário do que fica certificado e fotocopiado achando-se na escritura devidamente ressalvadas as entrelinhas, rasuras e emendas.

Lisboa e 17.º Cartório Notarial, 8 de Abril de 1974.

O Primeiro-Ajudante do Cartório

José Martins da Conceição

SPORTING CLUBE DE PORTUGAL

Certifico que, por escritura de 4 de Abril corrente, exarada de fl 29 a fl. 30 do livro de notas n.º 143-F do 17.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado António Manuel Gonçalves Saldanha, foi aditado ao artigo 4.º dos estatutos da agremiação em epígrafe um § único, cuja redacção passou a ser a seguinte:

Artigo 4.º

... ...

§ único. Para a obtenção dos meios financeiros destinados à prossecução das finalidades referidas no corpo do artigo, poderá designadamente o Sporting Clube de Portugal fundar quaisquer sociedades e tomar nelas, ou noutras, quaisquer posições, contribuindo para as mesmas sociedades com qualquer valor do seu património.

Está conforme.

17.º Cartório Notarial de Lisboa, 6 de Abril de 1974.

O Primeiro-Ajudante

José Martins da Conceição

O QUE AJUDA A CRIANÇA A DESENVOLVER-SE

PRIMEIROS DIAS DE VIDA

Cuidados físicos completos por pais ou substitutos carinhosos. Afagos, calma e falar-lhe suavemente (isto continua a ser necessário através da infância). Alimentá-lo quando ele tem fome, até ele estabelecer o seu próprio regimen. Sumo de laranja (ou outra forma de Vit. C) diariamente e Vitamina D, também diariamente desde agora até ao fim da adolescência. A partir desta data uma supervisão de saúde por um médico especialista e os seus conselhos nos intervalos.

1.º MÊS

Ar puro e sol. Ter cuidado com os alfinetes de segurança e possibilidades de queda. Tornar um hábito ter sempre um dos lados da cama levantado.

4 MESES

Prospera mais rapidamente se foi amado por todo o grupo familiar (isto continuará sempre a ser necessário). Protegê-lo de rolar da cama ou da mesa. Introdução gradual de novos alimentos. Brevemente começará a usar o copo. Falar muito com a criança.

8 MESES

Introdução gradual de alimentos cortados aos bocadinhos para habituá-lo à sua contextura. Com a perda de interesse pelo biberon apresentar-lhe o copo e alimentos que ele possa segurar para começar a alimentar-se sozinho. Deixá-lo usar ambas as mãos ou qualquer uma delas. Brinquedos: bolas macias, blocos coloridos, bonecas, animais de encher e brinquedos que façam barulho. Um ou dois brinquedos de cada vez. Tudo o que ele pegue deve ser suficientemente grande para não se sufocar e não ter pequenas partes que se possam soltar. Nunca o deixar sozinho na banheira.

1 A 2 ANOS

Evitar agora o falar «à bebé» com a criança. Dar-lhe oportunidade para agarrar e explorar as coisas. Dar-lhe oportunidade para ver crianças de ambos os sexos despidas quando essas oportunidades vierem a propósito, por exemplo quando vão para o banho. Tirar do seu alcance coisas que ele não deve pegar. Protegê-lo da possibilidade de introduzir coisas nas tomadas electricas ou puxar para si coisas quentes. Ensiná-lo a não mexer em fichas e em fogões eléctricos e gradualmente mostrar-lhe outros perigos. Deverá começar agora um processo de educação de auto-protecção, mas os adultos são responsáveis pela segurança de tudo o que o cerca. A sua mobília deverá ser de tamanho apropriado, por exemplo a cadeira que se adapta de forma a permitir que os pés da criança toquem no chão. Deixá-lo usar a mão que preferir. Dar-lhe oportunidades para brincar fora de casa, pequenos passeios, saídas, etc.

2 A 3 ANOS

Conservar as rotinas diárias tão constantes quanto possível. Não o apressar, encorajá-lo, não interferir demasiado. Necessita de ajuda afectuosa e por vezes mimo. Evitar quanto possível, a substituição por alguma coisa que ele possa fazer. A correção física é por vezes necessária mas a maior parte das vezes as palavras bastam. Não dar largas explicações. O exemplo dos adultos é importante. Incluir nas refeições a maior parte dos alimentos do menú familiar.

Brinquedos: de puxar e empurrar e todos os que imitem as actividades caseiras, blocos de construções, jogos fora de casa: montes de areia, blocos grandes ou caixas lisas. Não deverá ser obrigado a emprestar ou a dar. Algumas oportunidades para estar com outras crianças. Começar a ensiná-lo a não correr nas ruas, continuando a vigiá-lo.

3 A 4 ANOS

Modificar o ambiente de modo que ele aprenda a bastar-se a si próprio. Por exemplo: cabide baixo onde possa pendurar as suas roupas. Banco para que possa servir-se do lavatório. Recordar-lhe durante o dia quando deve ir à casa de banho. Entusiasmá-lo para que seja por vezes o auxiliar do pai e da mãe. Brincadeiras fora de casa: comboios, carros de puxar, cubos grandes, triciclo e balouço. Brinquedos domésticos: barro, lápis e pintura com os dedos. Continuar a deixar a criança usar a mão pela qual tem preferência.

Contar histórias repetidas vezes (evitar as que o podem assustar). Tranquilizá-lo sobre os seus medos nunca fazendo troça dele. Começar a lavar os dentes; 1.ª visita ao dentista.

Respostas verdadeiras e simples a perguntas sobre a origem dos bebés ou outras (continuar através da infância a dar este tipo de respostas às perguntas sobre o sexo. A sua necessidade de afirmação aumentará à medida que crescer). Dar-lhe oportunidade de estar longe dos pais de tempos a tempos. Deixá-lo escolher entre duas coisas quando qualquer das escolhas estiver certa. Ensinar-lhe o nome e morada.

4 A 5 ANOS

Bicicleta de quatro rodas. Jogos mais violentos fora de casa, jogos rítmicos. Barro, lápis. Histórias simples lidas repetidas vezes. Ritmos e cantigas. Começa a vestir roupas de adulto usadas. Companhia de outras crianças da mesma idade. Oportunidade para planear coisas com os pais que ele fará sozinho. Auxílio dos adultos quando ele está em dificuldade. Excursões. Visitas ao dentista; daqui em diante as visitas ao dentista são periódicas.

5 A 6 ANOS

Começa a interessar-se pela escolha dos fatos. Materiais para recortar, cortar e desenhar. Responsabilidade por tarefas caseiras, como: levantar a mesa e esvaziar cestos de papéis. Permitir-lhe mais do que o tempo suficiente para se lavar, vestir e tomar o pequeno almoço caso vá para a escola. Começar a deixá-lo fazer recados sob vigilância. Ensiná-lo a não deixar os brinquedos desarrumados e a obedecer aos sinais luminosos na rua.

culinária

CARIL DE FRANGO

Corta-se um frango bem gordo, em pedaços, que se levam a refogar em caçarola tapada, com cebola muito picada e margarina ou manteiga, sobre lume moderado. Tempera-se de sal e deixa-se refogar lentamente para ficar apurado.

Retiram-se os pedaços do frango quando estiver em meia cozedura e, no molho que fica, deita-se o pó de caril desfeito numa tijelinha com água de bom caldo. Deixa-se ferver e, se estiver pouco espesso, junta-se-lhe uma pitada de farinha. Deita-se-lhe novamente o frango já meio cozinhado e um pouco de pimenta ou malagueta se quiser tornar o molho mais picante.

Serve-se um prato com acompanhamento à parte de arroz cozido preparado do seguinte modo:

Lavado e escolhido o arroz, leva-se ao forno a secar até quase começar a ficar louro.

Junta-se-lhe a seguir a água a ferver e mete-se na fornalha, até secar a água.

Deve ficar muito solto, com os grãos a separarem-se. O molho do caril no refogado do frango é que lhe imprime o gosto.

QUEQUES DOURADOS

Batem-se 3 gemas com 6 colheres de sopa de açúcar. Juntam-se 125 gramas de margarina derretida e mexe-se bem. Em seguida, adicionam-se 6 colheres de sopa de farinha de trigo e por fim 3 claras batidas em castelo e casca de limão ralada.

Depois de juntar as claras, mexe-se só levemente.

Deite em forminhas untadas e leve a cozer em forno regular.

VENCER COM AS MULHERES

(Continuado da pág. I)

«Milhares de mulheres estão concorrendo, este ano, a cargos electivos» — declarou Sissy Farenthold, presidente da Organização Nacional e candidata, por sua vez, a governadora do Estado do Texas. «Nosso objectivo» — diz ela — «é acabar com o mistério das campanhas políticas para as novas candidatas menos experientes.»

Com esse fim foi criada, então, pela Organização, uma comissão nacional, constituída de políticos experimentados que pudessem orientar as novas candidatas com toda a sorte de informações sobre campanhas eleitorais. Foi também elaborado um programa de acção nacional, destinado a encaminhar os universitários para o trabalho voluntário de campanhas eleitorais femininas.

Além de oferecer ao candidato inexperiente uma fonte imensa de experiências políticas, a Organização Nacional de Mulheres espera estabelecer novos padrões de acção. Sissy Farenthold ressalta que o «slogan» «Vencer com as mulheres», incentivou grande número de candidatas a cargos electivos.

«As candidatas de 1974» — declarou Sissy Farenthold — «são um exemplo da transformação que está ocorrendo no país.» Acrescentou ainda que «as campanhas eleitorais femininas de hoje, servirão de modelo para a política de amanhã».

(Serviço de Imprensa da Embaixada dos E. U. A.)

Os jovens socialistas alemães escolheram uma mulher para presidente

Wolfgang Roth beija no rosto a mulher que lhe tirou um fardo. Os delegados dos Jovens socialistas alemães, denominados «Jusos» elegeram, há pouco, em Munique, Heidemarie Wieczorek-Zeul para o substituir como presidente da ala-jovem do SPD. Os jovens esquerdistas aderentes ao partido de Willy Brandt (SPD) têm assim nova liderança na República Federal da Alemanha. Heidemarie Wieczorek-Zeul (de 31 anos), professora em Russelsheim, nas proximidades de Francfort, Meno, não é chamada ironicamente de «Heide vermelha» apenas pelos seus cabelos ruivos.

A nova líder dos Jusos não tem apenas boa aparência. Conforme os seus críticos, tem tendência para assumir muito frequentemente posições radicais. Nas manifestações estudantis gostava de estar sempre na frente e acentua que a sua consciencialização política foi desenvolvida debaixo dos jactos de água da polícia. Todavia, vai ter dificuldades no seu novo cargo, como profetiza o jornal «Suddeutsche Zeitung», pois os jovens socialistas, na República Federal da Alemanha são considerados da «extrema esquerda». A presidente dos Jusos, antes da sua eleição, já atacara os dirigentes do Partido Social Democrata alemão em Bonn (SPD), por eles não se importaram com a crise de energia, em vez de mobilizar a população contra os grandes consórcios.

Problemas nacionais e internacionais constavam da ordem do dia na convenção federal em Munique. Mensagens de saudação de chilenos exilados foram aplaudidas freneticamente. Diversos grupos de Jusos exigiam que os conflitos existentes em todos os sectores fossem discutidos abertamente.

A professora de alemão, inglês e sociologia, de 31 anos, ingressou no SPD, em 1965. No mesmo ano, casou na sua cidade natal, Francfort, Meno, com o economista Norbert Wieczorek. Descreve da seguinte forma a sua posição política: «Sou uma socialista que usa a filosofia marxista».

Depois da eleição de Heidemarie Wieczorek-Zeul as divergências entre os jovens socialistas e a direcção partidária serão mais graves do que sob a presidência do seu antecessor suabo Wolfgang Roth? A nova presidente nacional arranja motivos suficientes para conflitos. «No entanto, não dividiremos o SPD», diz ela sorrindo. Aliás, a atraente jovem política mostra-se numa perspectiva integradora, depois da sua eleição em Munique. Assim, previne os seus correligionários do perigo de ficarem reduzidos a uma seita política que ninguém leva a sério. Com energia, friza que a ligação dos jovens-socialistas ao SPD não deve ser posta em perigo por causa de divergências de opinião nas suas próprias fileiras. Mesmo havendo dificuldades estruturais, será preciso solucioná-las juntas. Como importante tarefa, citou a tentativa de pôr em discussão a exigência da socialização dos consórcios. Na cogestão entrar-se-ia como defensores dos trabalhadores. Os jovens socialistas consideram-se vangardistas na questão do trabalhador estrangeiro, como o provaram há pouco com a eleição de um estrangeiro para presidente em Hanover: um jovem médico espanhol, Enrique Blanco Cruz obteve aí a maioria absoluta com 77 dos 79 votos dos delegados.

Helmut Nagelschmitz

TRA

(Continuado da pág. I)

refas; os construtores de casas têm apenas umas noções sumárias da adaptação destas às necessidades reais dos que as utilizam.

Falta-lhes serem concebidas e desenhadas por mulheres que saibam bem quais os imperativos a que elas devem obedecer, e não por engenheiros, que não notam os seus inconvenientes práticos. Partir as unhas, rasgar as meias, fazer desesperados esforços musculares para pegar ou pousar um aparelho demasiado pesado, uma torneira que ficou bloqueada, é para o constru... tor um acidente insignificante e muito mais por o não afectar directamente. Mas quando esses insignificantes acontecimentos se multiplicam, quando se acumulam com outras causas de cansaço, com outros problemas mais graves, tornam-se rapidamente irritantes e traumatizantes.

Os movimentos que o trabalho doméstico acarreta deve... ovo, e será mais difícil reti... riam ser estudados com o mesmo interesse que os que exige o trabalho profissional. E dever-se-ia estudar as diversas fases do trabalho e lutar contra as posições que fatigam provocadas pelas cadeiras mal adequadas, pelos lava-louças demasiado altos ou baixos, pelas prateleiras difíceis de alcançar com a mesma ciência e o mesmo cuidado com que na indústria ou nos escritórios se tentam resolver problemas semelhantes.

É também necessário focar que há muitas mulheres ma... preparadas para as tarefas do lar. A educação das donas de casa (se é que receberam alguma) não as ensinou a economizar o tempo, os movimentos, os esforços, nem sequer a equilibrar as suas compras, nem sequer a inquieta...

PROMOÇÃO DESPORTIVA E PROMOÇÃO

(Continuado da pág. I)

as mulheres (e os homens) dos países subdesenvolvidos tenderão a aproximar-se do tipo físico dos nórdicos desse mesmo factor social.

Na realidade, a inferioridade feminina resulta mais dum preconceito e dum condicionalismo do que, propriamente, duma «deficiência» constitucional. Com a favorável mudança desse condicionalismo, torna-se muito provável que as mulheres continuem a recuperar um atraso que vem do fundo da História, em que a força muscular era a grande arma, ou a grande supremacia, do homem, e a gravidez quase constituía, por outro lado, o impedimento maior à vida activa, à vida exterior da comunidade.

Citemos, agora, duas informações importantes, relacionadas com os Jogos Olímpicos e o desporto feminino.

... Embora revelando cada vez mais possibilidades físicas, a permitir o tal relativo confronto com uma parte considerável dos homens, é muito natural que, no conjunto, as mulheres não consigam igualar ou ultrapassar o nível médio do outro sexo. Pelo menos num futuro imediato. O que, de modo nenhum significa uma inferioridade física, mas tão-somente uma diferenciação biológica. A diferenciação que, além do mais, se exprime no maior poder muscular dos homens, por um lado; e por outro, na maior resistência orgânica e longevidade das suas companheiras.

Num ângulo educativo, ou personalista, o confronto competitivo entre o homem e a mulher é tão injustificável como o confronto competitivo, de hostilidade, entre dois homens ou entre duas mulheres. Porque duas coisas, ou dois seres diferentes, nunca podem comparar-se, e atendendo a que todos os seres humanos são diferentes uns dos outros, a preocupação objectiva de os hierarquizar ou classificar resulta impossível e indesejável. No desporto como no resto, podemos dizer, uma vez mais.

Se, até agora, a prática desportiva da mulher tem sido muito inferior à dos homens, é porque vivemos numa sociedade estratificada: nos sexos, nas classes, nas etnias e nos países. Na sociedade masculina, classista, nacionalista e alienada, que é a nossa, naturalmente que o sexo feminino, os trabalhadores braçais e os povos pequenos e subdesenvolvidos hão-de sofrer, em todos os aspectos das suas relações, a injustiça decorrente das mesmas estruturas sociais. Daí que a situação desportiva (e social) da mulher seja particularmente grave, nas classes desfavorecidas das etnias mais exploradas das nações economicamente subdesenvolvidas.

Temos, portanto, que a promoção desportiva da mulher, como a de todos os «fracos», só poderá fazer-se numa promoção social generalizada, em que todos os cidadãos sejam considerados e educados como seres diferentes e complementares, e nunca na aceitação de «superio...

ALHO DOMÉSTICO

com a sua rendibili-

Á QUALIDADE ALOJAMENTO

meios populares, a parte das mulheres re- se incapazes de organi- uma maneira racional iónica as suas activida- omésticas. A tudo isto untar-se a insuficiência ojamentos e a sua falta iforto.

Paris, por exemplo, 50 nto das casas não pos- casa de banho no inte- mais de 80 000 não têm cidade; 30 por cento não gua canalizada e 60 por não possuem lavabos.

novos alojamentos e os s prédios de apartamen- ra remediar essa carên- io conseguiram senão, aior parte dos casos, uir uma insuficiência tra. E a falta de espa- glomeração das pessoas nília num número res- le aposentos ou em di- cujas dimensões redu- as tornam inabitáveis cam sob um outro ân- problema do esgota- além de juntar a isso istia de uma renda ele- que muitas vezes obriga her a procurar um tra- fora do lar ou sobre- am o casal com a preo- o das prestações, quan- casa foi comprada a .

lém disto se verifica a ualidade ou a falta de ões mínimas do aloja- ao problema da dívida crescentar-se a sensação stração provocada pela dade do sacrifício pe- io aceite.

falta de atributos fun- e a má qualidade do ento são sentidos pela r mais duramente que omem, tanto pelo facto manter em casa mais sentir mais premente- as consequências da falta de divisões nas casas superhabitadas, como por não conseguir um pequeno espaço onde possa instalar o frigorífico, a máquina de lavar ou o aspirador que a ajudaria a simplificar as tarefas domésticas, como por a casa ter uma cozinha com dimensões tão exíguas que não caiba mais ninguém que a ajude, ou, finalmente, por as crianças não disporem de uma divisão em que possam expandir-se e dessa forma impeçam a mãe de gozar do mínimo descanso.

Todos estes factos são muito pesados na balança do esgotamento feminino. Mas, no fundo, nada mias fazem do que reflectir outros factores, outras causas, que são também de ordem moral.

Todas estas carências se baseiam, no fundo, na desconsideração geral de que gozam os trabalhos domésticos e até no regime a que a maior parte das mulheres esteve sujeita durante tamto tempo. A maioria delas nem sequer tentou melhorar um pouco as suas condições de vida e a sua fadiga toma frequentemente o aspecto de uma lassidão geral de um *toedium vitae*. Além disso, a educação tradicional, com todas as suas interdições e carências, ajudava a mantê-la num estado de subordinação ao homem que em parte estava de acordo com uma certa passividade caracteristicamente feminina. A ideia da «mulher no lar», que persiste ainda na psicologia moderna, não nos parece ser assimilada espontaneamente, nem mesmo voluntariamente inculcada pela sociedade, mas ligada ao mimetismo infantil, e, além disso, à tendência para a identificação com a mãe. Na maior parte dos casos parece tratar-se de mais um problema de mentalidade inconsciente do que propriamente de uma pedagogia intencional. Has neste domínio não nos parece que possamos ultrapassar de forma válida o campo das hipóteses.

AS MULHERES NÃO SABEM REPOUSAR?

Somente podemos afirmar que um desenvolvimento mais completo da mulher a ajudará a edificar melhor aqueles que lhe dão emprego, se na sua profissão ela assumiu todas as responsabilidades de que é capaz; finalmente será tanto mais útil, económica e socialmente, quanto melhor estiver e quanto mais «adulta» for.

Os horários sobrecarregados, a insuficiência e a má adaptação da aparelhagem doméstica, a medíocre preparação da mulher para as suas tarefas próprias reflectem não só apenas a sua indiferença do meio à condição feminina, como a própria indolência da mulher em face daquilo que poderia melhorar — a sua própria vida.

Esta subqualificação da dona de casa arrasta como primeira consequência, a falta de horas vagas e a ausência de evasão e repouso na sua vida de trabalho.

Vários inquéritos sociológicos realçam essa falta de horas vagas e demonstram até que ponto as mulheres eram impedidas de satisfazer as suas aspirações. Desta forma concluiu-se que 78 por cento das mulheres nunca conseguiram pôr em prática os seus projectos.

Mas se levarmos mais longe esta análise, verifica-se que o mal é mais profundo e que no fundo as mulheres não sabem repousar: que não sabem distribuir os períodos de repouso e que nem sequer os conseguem apreciar.

Até mesmo a televisão não consegue arrancá-las às suas tarefas, apesar de normalmente trazer a todas as casas uns momentos de tranquilidade. Além de fixarem os olhos no «écran», não param de tricotar furiosamente. A ideia de repouso não se admite em relação à mulher e, pior que isso, nem sequer é admitida por ela.

E isto é facilmente demonstrado pelo facto de as mulheres sem filhos e sem profissão não terem por isso mais momentos de repouso do que as que trabalham e têm a família a seu cargo e que, além disso, como já demonstraram os inquéritos acerca do «horário feminino», que a marcha do progresso técnico nos lares não conseguiu modificar de maneira sensível o tempo global de trabalho. A máquina de lavar ou o aspirador não originaram nenhum período de repouso, apenas provocaram uma diferente distribuição do trabalho doméstico.

O TRABALHO DOMÉSTICO ENQUANTO ALIBI

É preciso também fazer notar que para muitas donas de casa o trabalho doméstico é ao mesmo tempo uma justificação e um alibi. Elas barricam-se atrás das tarefas aborrecidas e muitas vezes inúteis, porque encontram aí um refúgio, e às vezes até um modo de se escaparem e de fugirem a outras responsabilidades. Assistimos, por vezes, a uma verdadeira inflação das tarefas domésticas. A caça à poeira, a raiva à menor nódoa, a recusa gentil ou mal-humorada de toda a ajuda da parte do marido ou das crianças, a economia de alguns escudos, suprimem qualquer outro ponto de vista e justificam aos seus olhos todo o nervosismo, as exigências, o mau humor, a desistência de outras tarefas de maior responsabilidade.

Mais mulheres do que se crê arranjam problemas e responsabilidades falsas onde tentam encontrar uma compensação para um trabalho realmente fatigante, mas isento de valor aos olhos dos que as rodeiam. Outras acreditam ou querem fazer acreditar que são precisas a toda a hora. Esta necessidade de se acharem importantes leva-as a exagerar as suas próprias actividades para assim se tornarem indispensáveis.

Esgotam-se e conseguem esgotar os outros. Chegam a atingir um estado de tensão constante, ao qual se junta, para muitas delas, a solidão moral.

Reajam elas passiva ou agressivamente, multipliquem as tarefas domésticas ou negligenciem-nas, esse isolamento é sentido por elas, principalmente diante da incompreensão e da subqualidade do trabalho do lar. Sentem-no também perante a subordinação que continuam a sofrer legal e praticamente e que frequentemente o marido ou os pais lhe fazem sentir duramente. Quantas mulheres são ainda obrigadas a «mendigar», segundo a sua própria expressão, o dinheiro que lhes permita ir ao cabeleireiro ou simplesmente o que necessitam para as despesas da casa e a manutenção das crianças.

Essa incompreensão e esse isolamento sofrem-no também até pelo seu orçamento. Na maior parte dos casais operários ou de empregados, o homem dá o dinheiro à mulher e encarrega-a de fazer face às despesas do lar; é a ela que compete «governar-se» com o que ele lhe dá. Quando os salários são insuficientes e o marido exigente e pouco informado dos preços que custam a manutenção das crianças e da casa, o cargo é com frequência demasiado pesado. Os inquéritos feitos pela U. N. E. S. C. O demonstram que a mulher não vê nisso um privilégio ou um sinal de confiança, mas uma servidão, e que os próprios homens o consideram como um «trabalho». Quando a mulher trabalha no exterior, a gestão do dinheiro é feita em comum, visto o marido compreender que a mulher não pode assumir esse cargo suplementar.

(«A Mulher, Enigma Psicosocial», Circulo dos Leitores)

CIAL DA MULHER

s» e de «inferiorida- de hierarquias essen- de estratificações. E que, por isso mesmo, moção desportiva se ganhar na modifica- duma sociedade que ou nada tem de per- sta, porque «justificada» na competição alienadora, na agressividade permanente, na supremacia do mais «forte».

(Extraído de «O Desporto e as Estruturas Sociais» da autoria de José Esteves, Prelo)

TRABALHO FEMININO NO MUNDO

FRANÇA: UM LIVRO SOBRE AS ASSALARIADAS

A C.G.T. (Confederação Geral do Trabalho), primeira grande central sindical de França, editou há meses, um livro sobre as condições das trabalhadoras francesas «As Mulheres Assalariadas».

Em França, as mulheres representam 37% das assalariadas.

«Este fenómeno social foi acompanhado no decorrer dos anos por uma evolução que derrubou as velhas concepções retrógradas durante tanto tempo mantidas pelo patronato e pelos políticos reaccionários relativamente à mulher.»

«Na nossa época, a mulher que trabalha exige uma remuneração ajustada ao trabalho que efectua, condições de trabalho em que seja considerado o papel que ela desempenha na sociedade.

«A mulher hoje exige ser respeitada e interessa-se cada vez mais pela vida e a acção sindicais.»

Os salários, a promoção, o emprego, as condições de trabalho, a maternidade, as lutas, são algumas das questões abordadas neste livro que condensa os trabalhos da V Conferência das mulheres assalariadas organizada pela C.G.T. em Maio de 1973.

As relações estabelecidas no conjunto destas questões demonstram as preocupações das mulheres assalariadas em França e as experiências vividas directamente nas empresas foram transmitidas através das intervenções e testemunhos das delegadas presentes na Conferência.

Simultaneamente, este livro reflecte um conjunto de concepções, e propostas da C.G.T., reflectidas e elaboradas no decorrer de longos anos de experiência nas condições específicas de França e da sua realidade social.

A obra pode contribuir, igualmente, para um intercâmbio frutuoso com todos aqueles, organizações sindicais ou personalidades, que se interessam por este assunto de grande actualidade social: o trabalho feminino.

(Informações C.G.T.)

PAÍSES BAIXOS: O GOVERNO PROMETE IGUALDADE DE SALÁRIOS

O princípio de «salário igual a trabalho igual» para os trabalhadores masculinos e femininos será legalmente instituído em 1974. Efectivamente, o governo holandês comprometeu-se a fazê-lo face à Comissão Europeia. As discriminações que ainda se verificam em alguns sectores deverão ser rapidamente suprimidas. A Comissão Europeia censurou os Países Baixos que, apesar da obrigação estipulada no Artigo 119 do Tratado de Roma, o princípio da igualdade salarial não esteja ainda fixado na legislação nacional. O governo comprometeu-se a que as diferenças que existem na regulamentação salarial nos salários para a indústria têxtil estarão completamente suprimidas a 31 de Dezembro de 1974.

UM LIVRO DIFERENTE SOBRE O PARTO SEM DOR

«Para quem foi criado, como eu, no seio da Natureza e muitas vezes pôde ser testemunha de nascimentos de animais, os nossos irmãos ditos inferiores, há uma pergunta que inevitavelmente vem ao espírito: — Porque é que os animais dão à luz os seus filhos com serenidade e alegria, sem recorrerem seja ao que for? **Porque é que o homem não pode fazer o mesmo? Que é que provoca esta diferença?»**

Estas perguntas básicas estão na origem deste livro. O dr. Robert A. Bradley decidiu pesquisar o comportamento da mulher grávida e a sua evolução fisiológica durante a gestação e o parto. Da prática profissional como obstetra resultou este livro. O autor relata-nos diversas experiências de parto sem dor, expõe as suas teorias e fornece as orientações necessárias sobre a sua técnica. É um livro diferente e ousado: dirige-se também — e muito particularmente — ao marido; combate preconceitos e tabus seculares sobre a inevitabilidade do sofrimento da mulher na hora do nascimento dos filhos. Em vez do apelo desesperado e conformista da maioria das mães: «Anestesie-me e livre-me do bebé», Robert A. Bradley propõe-lhes a participação consciente e feliz expressa assim por uma paciente: «Deixe-me ver o meu filho nascer, quero ajudá-lo.» O pai — tradicionalmente relegado para a sala de espera das maternidades — está presente e acompanha a gestação de sua mulher desde o início. E é, segundo o autor deste livro, o ajudante indispensável ao êxito deste novo método.

(Publicações Europa - América)

Capitão João Sarmento Pimentel

MEMÓRIAS DO CAPITÃO

Que diremos que estas «Memórias» são?

Já Camões, numa época também crucial da História portuguesa, punha o dedo na chaga da nossa civilização, ao denunciar como os heróis não cuidavam de cultura, e como os homens cultos não sabiam que heroísmo fosse.

As «Memórias do Capitão» são, nesta ordem de ideias, uma obra corajosa e uma lição de coragem. E, máximo paradoxo aparente a constituir a coerência delas, não deixará de parecer um escândalo que um aristocrata do tempo dos Afonsinos, cuja estirpe se gloria de ser mais antiga, na terra portuguesa, que a dos próprios monarcas, se apresente, por isso mesmo, como um defensor das liberdades e da República...

Eu tenho para mim que estas «Memórias» hão-de ser tidas por uma das obras raras da literatura portuguesa; e que, se houver no futuro um gosto da viril franqueza que não exclua sensibilidade fina e discreta, e se voltar a haver, por sobre as divergências de opinião e de crença, qualquer coisa que se pareça com Educação Cívica, trechos delas serão lidos nas escolas, como exemplos de integridade, destemor, e apaixonada dedicação pela Pátria e pela Vida.

Uma das melhores descrições da Revolução do 5 de Outubro que ficamos possuindo. A sequência fulgurante da viagem para a África e das Campanhas de Angola, que atinge extremos de violência grotesca e terrífica. Tudo isso é magnífico. Mas, antes de tudo isso, havia a alegria imensa dos antepassados: os Monizes de Ribadouro; os Coelhos, trovadores, executores de Inês de Castro, partidários do Mestre de Avis, companheiros de Vasco da Gama, colonizadores do Brasil; os Pimentéis, amigos de Afonso III (por língua apimentada como a do descendente), combatentes de Aljubarrota, da Restauração, da campanha napoleónica da Rússia, das lutas liberais. São oito séculos de História portuguesa, tornados vida livre, palpitante. São os homens e os animais, os crimes e os grandes feitos, a indecência e o pudor, a dignidade e a miséria da vida. E, por isso, é tão pungente e tão carregado de significado aquele retorno à velha Casa deserta, quando o protagonista, falhada a revolução do «7 de Fevereiro» de 1927, contra a Ditadura que iniciava o seu domínio de décadas, passa por ela, a caminho do exílio. Era, com efeito, um mundo que morria: traído, abandonado, asfixiado sobre si mesmo, como as salas fechadas de um solar perdido.

E, tendo diante dos olhos a «espada de honra» que o País lhe dera; rodeado de livros que não eram para ele literatura mas o compêndio vivo de uma ancestralidade que se confundia com o povo e a pátria; e com o coração aberto para o Portugal que sofre e para os corredores da memória — esse Pimentel vingar-se-ia de tudo e de todos, com a ternura feroz do muito amor.

O resultado — obra magna de um grande escritor que há muito se adivinhava nos seus dispersos — é esse que aí está e me honro de prefaciar: um nobiliário, cheio como os de outrora de episódios trágicos ou grotescos, mas tendo, como eles não podiam ter, séculos de uma coisa estranha ou extravagante, que seria pouco chamarmos Portugal, quando nos cumpre chamar-lhe dignidade portuguesa.

Se lesse estas páginas, Camões por certo enxugaria, oh disfarçadamente, uma lágrima de satisfação. Afinal, ainda Portugal vai dando, numa mesma pessoa, homens e escritores.

JORGE DE SENA

— Um documento humano inesquecível

Editorial Inova / Porto

Empresa António Silva Gouvêa

CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral Ordinária desta empresa para reunir na sede social, na Avenida da República, em Bissau, no próximo dia 13 de Maio, pelas 17 horas, com a seguinte ordem do dia:

- Discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas relativas ao exercício de 1973.
- Proceder à eleição dos novos corpos gerentes e da comissão a que se refere o art.º 14.º dos Estatutos, para o triénio 1974/1976.

Bissau, 23 de Abril de 1974.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Carlos Alberto Telles do Amaral

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.º JUIZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio, Execução sentença n.º 6 364/A 1.ª secção.

Exequentes — Damiães & Martins, Limitada, com sede em Lisboa.

Executado — ANTONIO ALBERTO GENUEZ BELO PINTO SALGUEIRO e mulher EMILIA FONTES PACHECO SALGUEIRO, residentes em Alapraia, Lote 13, 2.º, Esquerdo, retaguarda.

Lisboa, 24, Abril, 1974.

O Juiz de Direito
Jorge Manuel de Araújo Rego Cardoso Lopes

O Escrivão de Direito
Ramiro da Costa

Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Leiria

COMUNICADO

«DIA DO TRABALHO»

Todos os serviços administrativos do Sindicato encontram-se encerrados no próximo dia 1 de MAIO.

A DIRECÇÃO

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OLIVEIRA DE FRADES

«República» — 25-4-1974

ANÚNCIO

Pela Secretaria Judicial da comarca de Oliveira de Frades e nos autos de acção especial de divisão de coisa comum n.º 35/73 que ANTÓNIO TAVARES DA SILVA e mulher ROSA JACINTA DA SILVA, ele carpinteiro e ela doméstica, residentes no lugar da Igreja, freguesia de Ribeiradio, movem contra CUSTÓDIA MARTINS, solteira, maior, ali residente, e outras, correm éditos de VINTE DIAS contados da data da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, findo o que seja dos éditos deduzirem os seus direitos, querendo, nomeadamente sobre o seguinte prédio: — TAPADO FUNDEIRO DAS HORTAS, sito nos limites do lugar da Igreja, composto de terreno culto e inculto, a confrontar, acualmente, do nascente com Adriano Tavares Estrela, as R. R. e outros; do poente com o caminho público e A. A.; do norte com os A. A., caminho público e baldio e do Sul com Adriano Tavares Estrela e outro, inscrito na matriz sob o artigo rústico 1 356, e parte descrita na Conservatória sob o n.º 10 787, do livro B-16, a folhas 164 verso. (Art.º 865.º do Cód. Proc. Civil).

Oliveira de Frades, 18 Abril de 1974.

O Juiz de Direito
João Alfredo Diniz Nunes

O Escriturário
Virgílio Gonçalves dos Santos

passatempo

[SE]NHOR BIGODES

por HANAN

[BO]B COBB

por PETE HOFFMAN

O XEQUE DO DIA

[Á]VARO PEREIRA

DIAGRAMA N.º 146

Posição ocorrida em Hestings 71-72 (Mestel-Wirthenson). As brancas jogam e ganham.

SOLUÇÃO DO DIAGRAMA N.º 145

Chave: 1 Da3!, ameaça 2 Bd2! Se 1... Cg6 2 Be1!; se 1... Te8 2 Be5!; se 1... Tf8 2 Bf6!; se 1... c4 2 Dd6!

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — Heroína de Shakespeare, mulher de Otelo. 2 — Ave aquática palmípede lamelirrostra; genial compositor musical alemão. 3 — Fruta-do-conde; criadora; imploro. 4 — Arrebenta-boi; depósito aluvial, geralmente triangular, situado na parte terminal de um rio; preposição. 5 — Lavra; pessoa ou animal albino. 6 — Cacete; simia condescendência. 7 — Almísen; ilha de Moçambique (Cabo Delgado). 8 — Simb. quím. do neodímio; covil; simb. quím. da prata. 9 — Língua do grupo voltaico do Sudão e da Guiné, espalhado entre Sansanné-Mango e Sokodé; camareira; também. 10 — Vila de Portugal (Aveiro); peixe escômbrida. 11 — Adivinhação por meio de sal.

VERTICAIS: 1 — Vestuário litúrgico. 2 — Dia; cantora notável. 3 — Letra grega; jacaré do Amazonas; calamidade. 4 — Ermo; peça teatral de assunto sério; letra grega. 5 — Refeição abundante dada aos malhadores a meio da tarde; cidade da Sicília. 6 — Outra coisa; planta liliácea, oriunda da China. 7 — Pessoa desprezível entre os japoneses; cólera. 8 — Suf. de aumento; termino; antes de Cristo. 9 — Cabo da costa de Marrocos, fronteiro às Canárias; patrão; espécie de galvota (bras.). 10 — Azedo; trata por tu. 11 — Reverência.

SOLUÇÃO

HORIZONTAIS: 1 — Desdémona. 2 — Pato; Bach. 3 — ... Ata; mãe; oro. 4 — Rã; delta; em. 5 — Ara; aça. 6 — ... ca; ámen. 7 — Ume; Ibo. 8 — Nd; antro; Ag. 9 — ... ala; até. 10 — Ovar; atum. 11 — Alomancia.

VERTICAIS: 1 — Paramento. 2 — Data; diva. 3 — ... açu; mal. 4 — Só; drama; rô. 5 — ...; Ena. 6 — Al; ... 7 — Eta; ira. 8 — Ob; acabo; aC. 9 — Não; amo; ... 10 — Acre; atua. 11 — Homenagem.

— Habilitações? Bem, eu gosto de cerveja...

República há 30 anos

HITLER E MUSSOLINI ESTAO DE ACORDO

LONDRES, 29 — A agência noticiosa alemã anunciou hoje que Hitler e Mussolini conferenciaram no domingo e segunda-feira, tendo assistido à reunião o ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Ribbentrop, e o marechal de campo Keitel. A agência disse: «O «fuehrer» e o «duce» conferenciaram no domingo e na segunda-feira. Durante as suas conversações, efectuadas dentro do espírito da velha amizade existente entre os dois chefes, discutiram-se problemas políticos, militares e económicos relativos aos dois países e os objectivos comuns. O «duce» informou o «fuehrer» da decisão do governo republicano fascista — o único que representa o povo inteiro da Itália — de activar o esforço de guerra ao lado das potências do «eixo». Esta resolução é amplamente reconhecida e os esforços do governo do «duce» são eficientemente apoiados pelo governo do Reich. A determinação das potências do «eixo» de concluirem, vitoriosamente, a guerra contra os bolchevistas do Oriente e os judeus e os plutocratas do Ocidente e de garantir às nações uma vida baseada numa nova e justa ordem, foi expressa na declaração do «fuehrer acerca do desenvolvimento das forças e da aplicação de todos os recursos para uma decisão final, bem como para os objectivos do pós-guerra.»

Tomaram parte nas conversações, além de Ribbentrop e Keitel, este chefe do estado-maior do exército alemão, o marechal Rudolfo Grazziani, ministro italiano da Defesa, e Mazzolini, secretário de Estado. As conversações confirmaram a inflexível resolução de continuar a luta, lado a lado, até à vitório final e conclusão dos objectivos políticos das potências signatárias do pacto bipartido. — R.

JA NAO HA ESPANHOIS A COMBATER NA RUSSIA

LONDRES, 29 — Os jornais londrinos registam, com agrado, a declaração do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Espanha, segundo a qual já haviam regressado ao país todas as tropas que constituíam a Legião Espanhola, mais conhecida pela «Divisão Azul». Salientam, também, o facto do informador oficial daquele Ministério ter declarado que, a partir de agora, todo o cidadão espanhol que combata a favor de uma potência estrageira perderá, imediatamente, a sua nacionalidade. — U. P.

100 PORTA-AVIÕES TERÁ A ESQUADRA NORTE-AMERICANA EM FINS DESTE ANO

NOVA IORQUE, 29 — O contra-almirante Ramsay declarou, num almoço oferecido à Imprensa, que a esquadra americana teria, em fins do ano corrente, cem navios porta-aviões, a fim de se poder efectuar o ataque para Oeste, no Pacífico. Acrescentou: «Por meio de concentração de porta-aviões em grande número, que agora temos disponíveis, podemos alcançar uma superioridade aérea esmagadora, a fim de destruir as pequenas mas importante ilhas, sob o aspecto estratégico». — R.

UM NAVIO BOMBARDEADO VEM A CAMINHO DO TEJO

Segundo notícias recebidas em Lisboa, vem a caminho do Tejo o vapor sueco «Embla», que, no Mediterrâneo, foi atacado por aviões. A bordo há feridos.

DATSUN 1200

1.º E 2.º

CLASSIFICADO NO 8.º RALLYE INTERNACIONAL TAP

(Turismo de Série)

"SEI O QUE VENDO QUANDO VENDO UM DATSUN"

– Celso V. Silva

Num grande rallye como o TAP há as "bombas" (inacessíveis ao público) e os carros normais — os Turismo de Série — que todos podem comprar. No último Rallye Internacional TAP e nessa categoria de automóveis de série, a vitória pertenceu a um DATSUN 1200, entre 34 carros de outras marcas (e, até, de preços bastante superiores!) Guiado por Celso V. Silva — um nosso vendedor. Que, portanto, sabe bem o que vende: automóveis iguais ao seu, resistentes, seguros... e MUITO ECONÓMICOS.

LISBOA • ALMADA • CASCAIS • FARO • LEIRIA • PORTIMÃO
Rótor, S.A.R.L. (PORTO, BRAGA e VIANA DO CASTELO)
Tecnisado, S.A.R.L. (SETÚBAL)
Concessionários em todo o País